

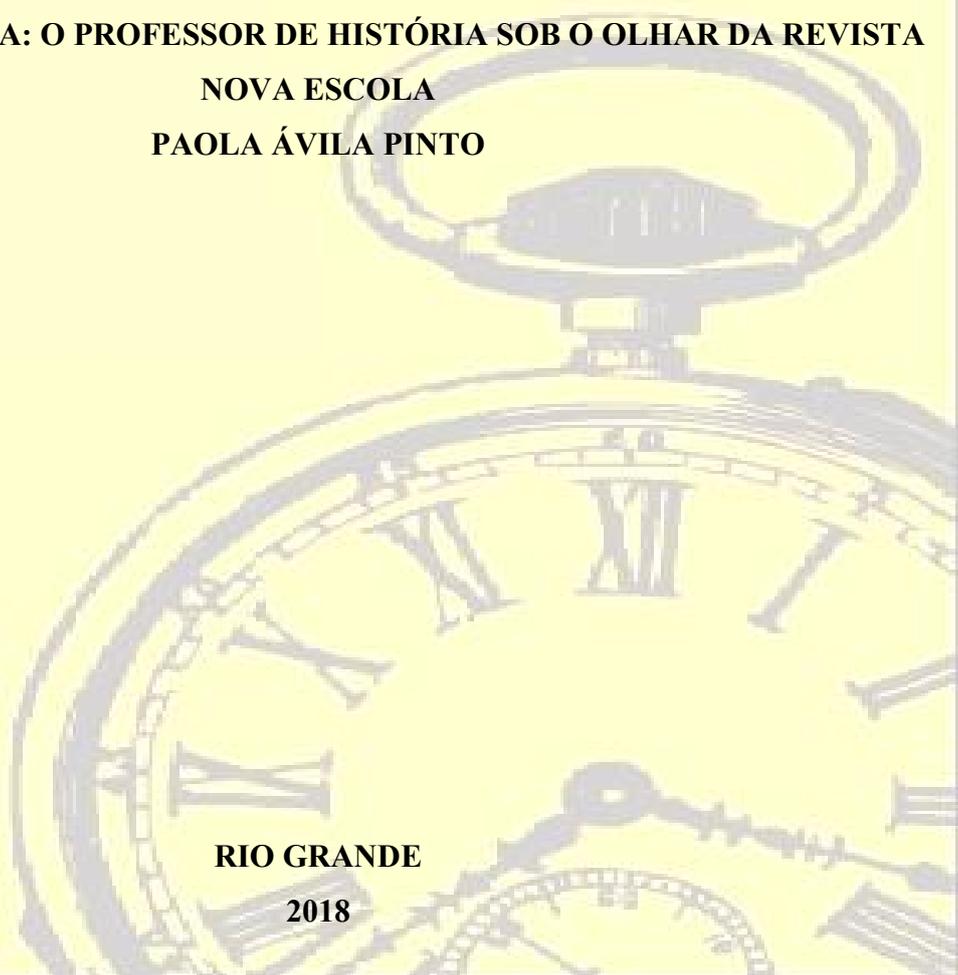
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL EM
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

**TEORIA E PRÁTICA: O PROFESSOR DE HISTÓRIA SOB O OLHAR DA REVISTA
NOVA ESCOLA
PAOLA ÁVILA PINTO**

RIO GRANDE

2018



PAOLA ÁVILA PINTO



**TEORIA E PRÁTICA: O PROFESSOR DE HISTÓRIA SOB O OLHAR DA REVISTA
NOVA ESCOLA**

Trabalho apresentado como requisito final para aprovação na prova de Defesa do Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da professor Dr. Jussemar Weiss Gonçalves.

RIO GRANDE

2018

Ficha catalográfica

P659t Pinto, Paola Ávila.

Teoria e prática: o professor de história sob o olhar da revista
Nova Escola / Paola Ávila Pinto. – 2018.
124f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande/RS,
2018.

Orientador: Dr. Jussemar Weiss Gonçalves.

1. Nova Escola 2. Mídia 3. Educação 4. Ensino de História
5. Professor I. Gonçalves, Jussemar Weiss II. Título.

CDU 37:94

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao mantenedor da vida, por até aqui ter me guiado. Agradeço a familiares e amigos por seus incentivos e torcida. Agradeço à Escola Adventista de Rio Grande por ajudar na minha formação como educadora e ao apoio à especialização. Por fim, agradeço à Professora Derocina Alves Campos Sosa por me acompanhar na primeira fase deste projeto e ao meu Orientador Professor Jusemar Weiss Gonçalves pela paciência e sustentação até a finalização desta pesquisa.

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todo professor da educação básica brasileira, que tem em suas salas de aulas cidadãos pensantes em construção; e que com seu trabalho propiciam a esperança de um futuro de esclarecimento e dignidade para o povo brasileiro.

“Eu definiria o efeito poético como a capacidade que um texto oferece de continuar a gerar diferentes leituras, sem nunca se consumir de todo.”

(Umberto Eco)

RESUMO

A presente investigação tem por finalidade analisar na revista Nova Escola as perspectivas sobre o professor de História. A revista Nova Escola é considerada a maior revista de educação do Brasil, direcionada a professores da rede básica de ensino. A revista desde pouco tempo de circulação já havia firmado parceria entre o Governo Federal e a sua antiga mantenedora, a Fundação Victor Civita e o Grupo Abril, para a distribuição dos exemplares em escolas públicas, hoje a revista é mantida pela Fundação Lemann. Entre os anos de 2010 a 2014, agora através de licitações, a revista era mantida nas escolas públicas. Hoje a sua aquisição é por assinaturas, mas isso não diminuiu suas tiragens. Entendemos ser relevante o estudo das mensagens veiculadas aos professores por esse grande meio de comunicação, especificadamente o discurso da revista em relação ao ensino de História e as práticas do professor de História. Utilizando a abordagem de análise de conteúdo qualitativa pesquisamos a seção História da revista para o Ensino Fundamental II (6º a 9º ano), embasados em discussões sobre mídia, mídia-educação e ensino de História. As mídias são importantes veículos culturais, por este motivo, quando elas estão relacionadas a educação é importante entender esse processo, o encontro da mídia com a educação.

Palavras-chave: Nova Escola, Mídia, Educação, Ensino de História, Professor.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the Nova Escola magazine perspectives on the professor of History. Nova Escola magazine is one of the biggest education magazines in Brazil, aimed at teachers of the basic education. The magazine, since little time of circulation had already signed a partnership between the Federal Government and its sponsor the Victor Civita's Foundation, and the Abril Group, for the distribution of copies in public schools, the magazine is maintained today by the Lemann Foundation. Between 2010 and 2014, now through bidding, the magazine was maintained in public schools. Today its acquisition is by subscriptions, but this has not diminished its circulation. We believe that it is relevant to study the messages transmitted to teachers through this big communication media, specifically the journal discourse about the teaching of History and the professor's practices. Using a qualitative approach of content analysis, we searched on the History section of the journal for elementary school II (6th to 9th grade), based on discussions about media, education-media and history teaching. The media are important cultural vehicles, for this reason, when they are related to education it is important to understand this process, when the media encounters education.

Key words: Nova Escola, Media, Education, History Teaching, Teacher.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Primeira capa da revista NE.....	20
Figura 2. Capa da revista NE edição do 25º aniversário.	23
Figura 3. Autopropaganda revista Nova Escola.	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Edições Nova Escola ano 2015 que contenham conteúdo na seção História.	17
Tabela 2. Edições Nova escola ano 2016 que contenham conteúdo na seção História.....	17

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 SOBRE A REVISTA NOVA ESCOLA	20
1.1 NATUREZA DAS REVISTAS PEDAGÓGICAS.	26
1.2 MÍDIA E QUESTÕES PEDAGÓGICAS	29
1.3 TEÓRICOS DA COMUNICAÇÃO	35
2 O PROFESSOR NA PALAVRA DO EDITOR.....	46
3 AS PRÁTICAS INOVADORAS NAS AULAS DE HISTÓRIA	57
4 BOAS PRÁTICAS DE BONS PROFESSORES	68
CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
SITES CONSULTADOS	91
ANEXO I: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 30, Nº 279.....	92
ANEXO II: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 30, Nº 280.	93
ANEXO III: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 30, Nº 282.....	94
ANEXO IV: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 30, 286.....	95
ANEXO V: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 31, Nº 291.....	96
ANEXO VI: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 31, Nº 294.....	97
ANEXO VII: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 31, Nº 295.	98
ANEXO VIII: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 31, Nº 297.....	99
ANEXO IX: Artigo 1 – O florescer de uma história: Alunos modificam o olhar sobre onde vivem ao enfocar a própria trajetória. (Priscila Cardoso).	100
ANEXO X: Artigo 2 – Duas civilizações e um conflito antigo: Como abordar o extremismo religioso sem cair em estereótipos e preconceitos. (Apuração: Ariane Alves; Edição: Bruna Escaleira).....	103
ANEXO XI: Artigo 3 – A pátria além do hino e da bandeira: Documentos e narrativas ajudam a formar um olhar crítico sobre a independência do Brasil. (Texto: Pedro Annunziato; Design: Patrick Cassimiro; Edição: Bruna Escaleira).	107

ANEXO XII: Artigo 4 – Quem tem mapa vai à Roma! Combine arqueologia e tecnologia para apresentar o passado do maior império que o mundo já viu. (Texto: Leonardo de Sá; Design: Patrick Cassimiro; Edição: Bruna Escaleira).....	110
ANEXO XIII: Artigo 5 – A nova história dos velhos quilombos: Pesquisas derrubam estereótipos sobre essas comunidades. Faça o mesmo em suas aulas. (Texto: Monise Cardoso; Design Patrick Cassimiro; Edição: Wellington Soares).....	114
ANEXO XIV: Artigo 6 – O novo e o velho Rio: O porto revitalizado para as olimpíadas é um bom exemplo de estudo de paisagens pela comparação de imagens. (Texto: Larissa Dark).	117
ANEXO XV: Artigo 7 – O que o voto quer dizer: Ele é essencial, mas não garante a democracia. Ele vale coisas diferentes em lugares diferentes. Mostre com exemplos de Iraque, EUA, Inglaterra e Brasil. (Texto: Rodrigo Ratier com colaboração de Monise Cardoso; Design: Victor Malta; Edição: Rodrigo Ratier).....	118
ANEXO XVI: Artigo 8 – Vergonha continental: O debate sobre a escravidão nos países da América Latina deve ganhar espaço com a aprovação da nova Base Nacional Comum. Prepare-se. (Texto: Karina Padiã; Design: Lucas Magalhães; Edição: Wellington Soares).	121

INTRODUÇÃO

A Revista Nova Escola corresponde a maior revista de educação do país. Ela surge no momento de redemocratização nacional (1986), estando presente nas novas discussões sobre um ensino emancipador. A revista é distribuída pelo selo da editora Abril e manteve um convênio com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) desde sua fundação até 2010, as revistas foram distribuídas gratuitamente nas escolas públicas. A partir de 2011 até o ano de 2014 foram eleitas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para continuar a distribuição gratuita na rede pública.

Até o ano de 2015, por trinta anos, a revista Nova Escola era produzida pela Fundação Victor Civita, a partir deste momento passa a ser mantida pela Fundação Lemann e Associação Nova Escola, que é uma associação sem fins lucrativos. A Fundação Lemann se apresenta em seu site oficial como:

Há 15 anos, trabalhamos por uma educação pública de qualidade para todos e apoiamos pessoas e organizações que dedicam suas vidas a solucionar os principais desafios sociais do Brasil. Somos uma organização familiar, sem fins lucrativos, e atuamos sempre em parceria com Governos e outras entidades da sociedade civil, de maneira plural, inclusiva e buscando caminhos que funcionam na escala dos desafios do Brasil.

Disponível em <https://fundacaolemann.org.br/somos#somos-from> acessado em: 19/05/18).

A fundação mostra-se ativa em escolas públicas brasileiras apoiando diretamente alunos, mas também professores, especialmente relacionados a revista Nova Escola. Como já mencionado, a Fundação Victor Civita passa no ano de 2015 as publicações das revistas Nova Escola e Gestão Escolar para a Fundação Lemann. *“Nós, da Fundação Lemann, compartilhamos o mesmo sonho que a Fundação Victor Civita: melhorar a qualidade da educação no Brasil.”*¹, a fundação aposta na revista Nova Escola pois eles acreditam que os professores fazem a educação acontecer todos os dias, e a revista é direcionada para os educadores brasileiros da rede básica de ensino público.

Observando o corpo de funcionários da Fundação Lemann vemos uma gama de formações que passam distantes das áreas de educação, temos muitos jornalistas, engenheiros,

¹ Disponível no site: <https://fundacaolemann.org.br/projetos/nova-escola-e-gestao-escolar> acesso 19/05/18

advogados, administradores de empresa, encontramos somente um profissional com a formação em “Mestre em Políticas Públicas de Educação”; na revista Nova Escola a realidade não é muito diferente, temos logicamente muitos jornalistas, publicitários; alguns jornalistas como o editor chefe, são professores universitários, que constroem as matérias da revista, mas o corpo editorial possui uma pedagoga, também formada em jornalismo que atua como “Gerente pedagógica de Planos de Aula”².

Essas informações são-nos valiosas pois nossa pesquisa se centra no discurso de uma revista de educação, direcionada a professores de escolas públicas e ela se apresenta como: *“Nossa missão é transformar a Educação brasileira por meio de conteúdos e serviços de alta qualidade para professores e gestores do Brasil”*³.

Uma revista com trinta e dois anos de existência, uma forte participação nas escolas públicas, com um fiel público consumidor, nos indagamos ao olhar, especialmente para os editoriais e artigos da disciplina de História em um recorte dos anos 2015 e 2016, que discursos são esses que levam aos professores, estes que levam a salas de aulas, o que eles têm de tão inovador? O que um bom professor de História deve fazer? Quais são as metodologias e apoiados em que teorias a revista oferece de material para os professores? Pois ela se vende como um veículo que auxilia o professor na difícil tarefa de educar.

A análise se centrará no que a revista Nova Escola designa, e não se é eficaz. Porque: “a ênfase sobre apropriações também nos permite ver que os textos ou palavras destinadas a configurar pensamentos e ações nunca são inteiramente eficazes e radicalmente aculturadores.” (CHARTIER, 2001, p. 233). Pensando no perfil de professor de história, geralmente visto pela sociedade e alunos, Circe Bittencourt menciona que:

Espera-se que ele seja o promotor da união entre a competência acadêmica (domínio dos saberes) e a competência pedagógica (domínio da transmissão do saber), aliando competência, convicções e experiências de vida (SOARES). A sua autoridade residiria também na capacidade de estabelecer uma espécie de comunicação individual com o seu aluno, levando-o a ter intimidade com um certo passado ou, quem saber, com um determinado presente. (BITTENCOURT, 2010, p. 56)

Márcia Elisa Teté Ramos explana em sua tese de doutorado que no início da década de 1990, enquanto o mundo discutia melhorias para a educação básica, o Brasil, participante dessas

² Disponível em: <https://novaescola.org.br/quem-somos> acesso: 19/05/18

³ Apresentação da revista Nova Escola em seu site oficial: <https://novaescola.org.br/quem-somos> acesso 19/05/18.

discussões buscava formar diretrizes para educação. Nesse momento, Ramos aponta que a revista Nova Escola silenciava essas buscas no governo do presidente Fernando Collor de Melo. Porém a partir do governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso esse quadro muda.

Para a revista, todas as supostas inovações e revoluções educacionais tiveram como mentor o próprio FHC ou seu Ministro da Educação, Paulo Renato de Sousa. A manchete de capa, logo após a sua eleição, ou seja, antes mesmo da implantação das reformas educacionais - “Exclusivo: o professor-presidente revela como vai sacudir o ensino básico” - trazia a foto de FHC de beca, quando formado na década de 70 em Princeton (EUA), e a reportagem “FHC: O destino da educação nas mãos de um professor”, buscando provocar uma identificação entre professor-presidente e professor-leitor (RAMOS, 2009, p. 180).

Nesse período era difundida a ideia que o novo currículo para o ensino básico revolucionaria a educação brasileira. Era veiculado pela revista que nesse período a educação foi mais incentivada, tanto pelo governo FHC, quanto pelas mídias (NE e TV Escola). Segundo Ramos, essa foi a primeira fase da revista, onde se percebia claramente o seu viés político, posteriormente ela vai passar a ser “despolitizada”.

No ano de 1999 a revista apresenta uma edição especial intitulada “Parâmetros Curriculares Nacionais fáceis de entender - 5ª a 8ª série”. Esses artigos postulavam o que eram os PCN’S, como pô-los em prática e etc. A revista mostrava uma forma de educar para o novo milênio. O papel dos planos curriculares era de ensinar como educar para esse novo mundo (globalizado), e a revista Nova Escola cumpria o papel de facilitar isso aos educadores.

Márcia Elisa Teté Ramos, ao perceber a direta mensagem vinculada pela revista aos professores afirma:

Daí que a composição textual da Nova Escola, bem como o fato desta colocar-se como objeto inerente e adequado ao cotidiano escolar e à cultura midiática, leva a crer que para sanar sua suposta “carência intelectual” e “prática conservadora”, o professor precisaria ler, incorporar e empregar o ensino inovador de história proposto na recodificação curricular elaborada. No próprio ato da leitura, o sujeito auto posiciona-se inovador, identifica-se ou iguala-se à modernidade presente mais na formatação do que no conteúdo intelectual do periódico. (RAMOS, 2009, p. 147-148)

Dora Alice da Silva, nos diz que a partir do ano 2000 a revista aprofunda cada vez mais seu interesse no professor, agora ela é a “Nova Escola- A revista do Professor”, os temas de formação do professor, atualizações, as mais recentes medidas educacionais do governo demonstram isso.

Há uma projeção maior para o professor, pois os temas são mais abrangentes e não se restringem a questões do ensino fundamental apenas. O professor toma uma dimensão maior dentro da revista, são apresentadas as novas teorias, propostas e os temas educacionais através de grandes mestres que se destacam no cenário mundial. (SILVA, 2009, p. 94)

As boas experiências educacionais já vividas no mundo e, no Brasil a fora, são destacados como excelentes exemplos a serem seguidos pelos professores. A partir do ano de 2005 a revista passa a ser, “Nova Escola- A revista de quem educa”, ela passa a focar na parte prática da educação, e a palavra educar nos soa muito mais ampla do que ensinar, educar nos dá a ideia de uma “missão” mais ampla.

Desde sua capa, títulos, chamadas, entrevistas, percebemos muitos conceitos sobre a educação que a revista reproduz, ao analisarmos os editoriais e os artigos de História, temos um rico material e nessa perspectiva é importante perceber alguns conceitos e cuidados com nossa leitura:

Seja lá o que for, ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros. Ler é uma resposta, um trabalho, ou, como diz Michel de Certeau, um ato de “caçar em propriedade alheia”. (CHARTIER, 1992, p. 214)

A leitura nunca vai ser um ato submisso ou descompromissado. Existem as intenções do interlocutor, mas também existem as de quem lê. Essa segunda pessoa na leitura poderá ou não absorver, internalizar, captar, renegar, abstrair, entre tantos outros verbos, o discurso a ele dirigido no ato de ler.

Entretanto, deve-se tomar um grande cuidado para a “interpretação” da revista não seja muito determinista. Chartier (1992) indica que se dê atenção para três pontos na leitura: o próprio texto, o objeto que comunica o texto e, o ato que o apreende. É imprescindível atentar para o direcionamento dos discursos postos na revista, a relação com a editora e os laços por ela estabelecidos, nesse caso o MEC, e o mercado que a RNE é direcionada.

Ancorado na Nova História Cultural propõem-se analisar as revistas Nova Escola através da análise de conteúdo, que nos propicia uma leitura mais abrangente de qualquer tipo de texto. Ela nos conduz a várias leituras e nos faz alcançar diferentes camadas de um texto escrito.

A análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único. Poderá ser focado em função de diferentes perspectivas (MORAES, 1999, p. 9).

No sentido de que as Leituras são múltiplas, existe a matriz do pensamento do autor, do editor, diferentes interpretações dos consumidores do texto, há ainda a visão teórica e ideológica do pesquisador. Por essas questões é necessário entender o contexto de produção de seu texto a ser investigado.

Quem é o autor, em que veículo de informação/ midiático/ documento ele está inserido? Qual entidade está veiculada/editora? A que público se destina tal texto? Essas e outras indagações serão primordiais para se ter clareza dos objetivos da análise e compreensão do investigador e posteriores leitores dessa pesquisa.

Numa abordagem qualitativa, construtiva ou heurística, esta construção, ao menos em parte, pode ocorrer ao longo do processo. Nesta abordagem, assim como as categorias poderão ir emergindo ao longo do estudo, também a orientação mais específica do trabalho, os objetivos no seu sentido mais preciso, poderão ir se delineando à medida que a investigação avança. Entretanto, de um modo geral é possível afirmar que ao concluir-se uma pesquisa é importante ser capaz de explicitar com clareza os objetivos do trabalho realizado. (MORAES, 1999, p. 10)

Pensando nessa pluralidade de percepções resultantes da pesquisa qualitativa, nos é necessário fazer uma revisão teórica sobre textos que nos levam a indagar o funcionamento de uma mídia e a relação dos meios de comunicação com o seu consumidor. A escrita de jornalistas nos é muito válida, como também os estudos culturais e práticas de leitura. A nossa análise de conteúdo da revista Nova Escola, se centrará com objetivo de entender o “para dizer o que?”, o que as matérias específicas da disciplina de História dizem sobre/para o professor?

Nos é necessário fazer um levantamento bibliográfico sobre o professor de História, dado que, nosso enfoque ao pesquisar a Nova Escola é o professor e o ensino. Entre a bibliografia a ser estudada, destacamos escritos sobre ensino de história, didática, prática e sobre a figura do professor e pesquisas que discutem a formação do professor e ensino de História. Essas discussões nos serão de muita valia para podemos dialogar com o resultado da pesquisa da seção de História da revista NE.

Roque Moraes (1999, p. 12) nos apresenta cinco passos para realizar uma análise de conteúdo qualitativa que demonstraremos aqui de uma forma resumida. Em primeiro plano

deverá ser organizado e separado o material a ser pesquisado, afinando mais seus objetivos. Em segundo lugar, após uma leitura mais minuciosa, passa-se a criar as unidades de análise. Após a separação das unidades de análise é importante criar uma análise de contexto, que irá ditar os limites contextuais de interpretação.

Terceiro, a categorização é o momento de agrupar os dados de forma que obedeçam ao conteúdo que os interliga. Quarto lugar a descrição, que se configura como a primeira parte do resultado das análises, expressa em textos sínteses que demonstrem os significados extraídos das tabelas. Por último a interpretação, que proporciona muito mais que a descrição do texto, se aproxima da sua teoria/ ou produção dela e demonstra o alcance de seus objetivos.

Nossa última etapa de pesquisa que é a análise da seção de História dos anos de 2015 e 2016 e os editoriais das revistas, pois eles dão o tom e a linha de raciocínio da revista. No levantamento do material encontramos uma variação dos artigos, não são todos os meses que a revista oferta as seções de História, como de outras áreas também (Tabela 1 e Tabela 2).

Tabela 1. Edições Nova Escola ano 2015 que contenham conteúdo na seção História.

Mês e edição	Título	Ano/série
Fevereiro	Trajatória individual: o florescer de uma história	6º ano
Março	Cristianismo, islamismo e o atentado ao Charlie Hebdo.	8º e 9º ano
Maio	A pátria além do hino e da bandeira.	6º a 9º ano
Outubro	Quem tem mapa vai a Roma.	6º ano

Fonte: Revistas Nova Escola edições de fevereiro, março, maio e outubro de 2015.

Tabela 2. Edições Nova escola ano 2016 que contenham conteúdo na seção História.

Mês e edição	Título	Ano/série
Abril	A nova História dos velhos quilombos.	8º ano
Agosto	História + Geografia O novo e o velho Rio de Janeiro.	-
Setembro	O que o voto quer dizer? séc. VI a.C, séc. XVIII e séc. XXI.	-
Novembro	Escravidão na América: uma vergonha continental.	-

Fonte: Revistas Nova Escola edições de abril, junho/julho, agosto, setembro e novembro de 2016.

Assim, estamos analisando oito artigos específicos para o ensino de História para a segunda etapa do Ensino Fundamental. O campo em que se propõe pesquisar a revista é a Nova História Cultural, que representa um vasto espaço para a pesquisa. Nela podemos focalizar tanto os objetos culturais produzidos como os produtores e receptores dessa cultura. É permitido

também através das diversas correntes da História Cultural, ter um diálogo interdisciplinar. José D'Assunção Barros (2011) elenca dois conceitos imprescindíveis para a História Cultural, práticas e representações sobre o objeto cultural. Que respectivamente corresponde aos “modos de fazer” e aos “modos de ver”.

As práticas culturais ou “o modo de fazer” podem ser relacionados a várias instâncias, não apenas ao que “oficialmente produz cultura”. Sobre a relação entre as práticas e representação Barros exemplifica:

O livro é esse objeto da cultura que já passou por inúmeras formas, mas, que nas suas linhas gerais, é um objeto cultural bem conhecido no nosso tipo de sociedade. Para a sua produção, são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações, sem contar que o próprio livro, depois de produzido, irá difundir novas representações e contribuir para a produção de novas práticas. (BARROS, 2011, p. 50)

Mesmo que a revista Nova Escola seja idealizada, a cada remessa, por determinadas práticas culturais e destinadas a tais representações, para cada indivíduo leitor, ela produzirá reproduções e práticas distintas. Mais uma vez se confirma que ao analisar representações da revista, não deverá ser tratado como uma visão oficial, panorâmica e instituída. Será uma interpretação, baseada na análise através de métodos e teorias a serem praticadas.

No primeiro capítulo intitulado “Sobre a revista Nova Escola” discutiremos questões relacionadas ao funcionamento de uma mídia segmentada da área da educação, quais são as características, a natureza dessas revistas pedagógicas. Apresentaremos um histórico da revista Nova Escola, sua trajetória é importante pois nos mostra muito de sua visão de educação; pretendemos notar seu alcance e sua relação com público consumidor. Discutiremos ainda as funções de uma mídia pedagógica e os mecanismos midiáticos de propaganda, fidelidade de público, seus interesses privados e sua “missão com a educação”.

O segundo capítulo, “O Professor na palavra do Editor” mergulharemos nos editoriais das revistas, os editoriais são valiosas fontes de percepções sobre a linha de pensamento que permeia toda a revista. Os editoriais nos dão muitas pistas da visão de educação, de escola e professores. O terceiro capítulo “As práticas inovadoras nas aulas de História” em partimos para a análise dos artigos de História. Nas aulas de História (ditas inovadoras) iremos extrair o discurso sobre o que é inovador, o que o professor deve fazer para alcançar essa inovação? São essas aulas inovadoras?

Por fim, no quarto capítulo “Boas práticas de bons professores”, após a análise de discussão de nosso material podemos analisar e questionar qual o lugar do professor/ensino na

escola; de toda uma discussão sobre o fazer do professor, as aulas inovadoras, o que intrinsicamente a revista designa de sua visão de educação, as responsabilidades estão sobre quem? Aqui nos permitimos ir a autores do ensino de história para contrastarmos o que a revista vende como inovador e o que esses autores já há muito tempo nos escreviam. Concluiremos nosso trabalho com a abertura de diversas indagações que poderão ser analisadas sobre os mais diversos temas explorados pela revista. Enquanto a revista estiver em circulação, levando informação aos professores, haverá novas possibilidades de pesquisa, este (visões sobre mídia de educação) é um campo com inesgotáveis fontes.

1 SOBRE A REVISTA NOVA ESCOLA

Victor Civita, nascido nos Estados Unidos, criou no Brasil na década de 1950 a Editora Abril. Com seu trabalho na Editora já consolidado, aos 78 anos de idade decide criar uma instituição sem fins lucrativos para ajudar a desenvolver no país que o fez prosperar, uma entidade preocupada com a educação básica. “Para ele “um povo educado é um povo rico, e um povo forte, pois sabe produzir e prosperar”.” (Nossa História, <http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml>). Assim surge a Fundação Victor Civita, em setembro de 1985. Segundo o site da Fundação, o desejo de incentivar a educação pública brasileira fez com que no ano de 1986 fosse lançada a revista Nova Escola (Figura 1), outras duas revistas sobre educação teriam sido lançadas antes, porém elas deram prejuízos e foram canceladas. Já a Nova Escola contou com incentivo do Ministério da Educação, promovendo um baixo custo de aquisição, Cr\$ 12.000, algo em torno de 6 reais, em valores corrigidos.⁴



Figura 1. Primeira capa da revista NE.

Fonte: <http://fvc.org.br/especiais/fvc-nossa-historia/>

⁴ <http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml#prettyPhoto/5/> acessado 28/12/2016.

No editorial do primeiro exemplar da revista, Victor Civita explicou qual era o objetivo da Nova Escola:

Fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho de seu trabalho; valorizá-la; resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se verifica no país; e propiciar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º grau. (<http://www.fvc.org.br/victor-civita.shtml> acessado em: 28/12/16)

Nesse aspecto percebemos que eram altos os anseios da revista Nova Escola. O momento de mudanças citado no editorial era a redemocratização; o país saía de um regime ditatorial, muitas mudanças na educação pública estavam acontecendo. A revista ainda se propunha a integrar professores da educação básica de todo o país, incentivando seu trabalho e lhe dando oportunidade de novos conhecimentos e valorizando seu fazer pedagógico.

A grande distribuição que a revista já tinha em seus primeiros anos, o baixo preço de aquisição, chamou a atenção do governo Federal, que logo começou parcerias com a Nova Escola. No ano de 1987 o Ministério da Saúde veiculou pela revista pôsteres sobre cobras venenosas no Brasil e formas de se prevenir de ataques, e muitas outras parcerias como esta foram realizadas.⁵ No final da década de 1990 o Brasil já estava mais integrado a rede de computadores e internet, chegando com mais forças em escolas e lares. Com essa mudança de informação a revista Nova Escola ganha sua versão digital, aumentando as possibilidades de veiculação de novas informações, como jogos, planos de aulas, material em vídeos, imagens e etc.⁶

A Fundação Victor Civita passou a adotar novas práticas para cumprir com o desejo de seu fundador, falecido no ano de 1990. No ano de 1998 foi realizada a primeira premiação do Prêmio Victor Civita – Professor nota 10, hoje Educador nota 10, este evento premia com dinheiro, professores e gestores que realizam práticas educativas que são tomadas como “exemplares” para o país. Todo ano é celebrado este evento onde os educadores e gestores são inscritos. São selecionados dez educadores que são premiados em uma noite de gala, esses prêmios são oferecidos pela Editora Abril, Fundação Victor Civita, Revista Nova Escola e alguns parceiros como Fundação Roberto Marinho, Fundação Lemann e da Somos Educação⁷.

⁵ <http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml#prettyPhoto/6/> acessado 28/12/2016.

⁶ Endereço eletrônico da revista: <https://novaescola.org.br/>

⁷ <http://www.fvc.org.br/educadornota10/sobre-o-premio/cerimonia-premiacao-2016.shtml> acessado em: 28/12/16.

No último relatório publicado pela Fundação Victor Civita, no ano de 2014, a revista Nova Escola (NE) alcançou marcas como, 1,4 milhão de leitores, 454 mil impressos de circulação média, 31 mil exemplares digitais de circulação média, se destacando como a maior revista mensal do país e a segunda maior circulação do país. Já o site da revista assinala 1,3 milhão de visitantes únicos por mês e 1 mil planos de aulas criados ou adaptados por usuários. (Relatório Anual 2014- Fundação Victor Civita. <http://www.fvc.org.br/pdf/relatorio-anual-2014.pdf> acessado em: 28/12/2016). A revista NE é publicada mensalmente, exceto os meses de janeiro e julho, meses de férias escolares, esses meses são agrupados da seguinte maneira, dezembro/janeiro e junho/julho.

O Ministério da educação (MEC) com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), proporciona o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), onde por meio de uma seleção editoras inscrevem seus produtos para serem adquiridos pelo programa e distribuído nas escolas públicas brasileiras⁸. São selecionados livros e periódicos que auxiliarão alunos e professores, dando suporte material para as bibliotecas escolares. A NE participou de seleções, o que faz com que a revista chegasse a muitas escolas de ensino básico sem nenhum custo para as instituições escolares.

Segundo o edital do PNBE Periódicos de 2011, a seleção das revistas procede em várias etapas. O primeiro passo é a inscrição da empresa na seleção, depois são entregues periódicos e documentos da empresa para serem avaliados aqui se verificam a idoneidade da empresa e se os periódicos seguem as exigências do edital, tanto no seu conteúdo como diagramação/formatação. Após a seleção das revistas as empresas selecionadas devem habilitar-se em um sistema do Governo Federal para garantir a regularidade jurídica de sua entidade, para depois passar para as negociações de aquisição pelo MEC e distribuição dos periódicos. Algum dos requisitos das revistas a ser aprovada, sem mencionar os requisitos de formatação, a mesma deve ter clareza em seus textos, deve ter adequação entre o seu conteúdo com a área que se destinada, respeito à dignidade humana e diversidade de cultura, social e religiosa, coerência na proposta editorial e qualidade e responsabilidade no texto.

No ano de 2014 a revista Nova Escola passou pela sua última seleção do PNBE e foi aprovada, contando com 10 edições subsidiadas, sendo 178.143 de tiragens, o valor unitário por

⁸<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12516-pnbe> acessado 17/01/2017

R\$ 1,42 com valor final de R\$ 2.529.630,60⁹. Uma assinatura da revista Nova Escola por um semestre custa R\$ 75,00 para aquisição individual possui um custo consideravelmente baixo¹⁰.

Na edição especial de vinte cinco anos da Nova Escola (Figura 2), em janeiro de 2011, o Diretor de Redação, Gabriel Pillar Grossi, faz uma pequena revisão dos momentos da revista. Ela começa suas atividades preocupada com a dura realidade brasileira da década de 1980, a evasão escolar, logo ela denuncia diferentes formas de exploração infantil, tratou sobre as políticas públicas da educação e levou a seus leitores novas ideias e novas práticas. Segundo o Diretor de Redação, na história da revista:

Seja nos momentos em que foi mais crítica, seja nos momentos em que optou por uma posição mais otimista, ela sempre retratou a realidade de nossas escolas - e vem ajudando a moldar o futuro de nossos professores e estudantes. (<http://acervo.novaescola.org.br/avulsas/239-carro-educador.shtml>).



Figura 2. Capa da revista NE edição do 25º aniversário.

Fonte: <https://blogdocarlostaurocio.blogspot.com.br/2011/02/educacao-brasileira.html>

⁹ Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, PNBE PERIÓDICOS 2014 - Valores de aquisição.

¹⁰ <https://novaescola.org.br/assine/pagamento?plano=P-RI-S> acesso: 20/05/2018.

Nessa edição de março de 2017¹¹, um artigo intitulado “Da primeira capa à edição 300”, escrito por Paula Peres e Ana Célia Ossame, é lembrado o menino da capa da primeira edição da revista e uma análise da reportagem principal. A redemocratização do país levou a um aumento de vagas para crianças em todo o país, mas não se tinha estrutura para receber tantas crianças. O artigo da revista do ano de 1986 exalta a iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, no Estado do Amazonas.

Seis tendas foram espalhadas por praças da cidade para atender a crianças que em um período estudavam e no período inverso trabalhavam na manutenção das praças. O artigo afirma que esta posição era exaltada no período, que o trabalho de crianças pobres era visto como comum e nobre. Mas o artigo reafirma que a revista mudou com o passar do tempo, e que essa realidade também mudou. “Vemos mais uma vez a revista reavaliando edições passadas e “aparando as arestas” que podem ser “mal interpretadas”. O menino da capa conta que meses após a foto da capa da revista, com oito anos, ele tinha abandonado a escola-tenda, devido a uso de drogas e a vida nas ruas.

Lidar com educação pública, produzir sobre ela é uma tarefa de grande responsabilidade, mas em todos os momentos em que a revista Nova Escola se explica, ela fala sobre seu grande papel e no cumprimento dele em melhorar a educação brasileira. A doutora em educação Roselaine Ripa, em sua tese de doutorado intitulada Nova Escola - "A revista de quem educa": a fabricação de modelos ideais do ser professor demonstra no mesmo sentido que:

A divulgação da “gratuidade”, da iniciativa da instituição que a criou, da editora que a mantém e da venda a preço de custo é sempre associada aos objetivos de ajuda, missão, responsabilidade e compromisso com a educação brasileira, que, supostamente, os que permitem que ela seja produzida possuem. (RIPA, 2010, p. 84)

Ainda na edição vigésimo quinto aniversário da NE, em uma seção denominada políticas públicas a revista lembra progressos da educação brasileira desde 1986, “um retrato da educação brasileira” e se diz também participante deste cenário¹². Porém nesse mesmo texto a revista mostra ideias e práticas que em determinado momento eram consideradas boas ideias e hoje são inadmissíveis, fazendo uma autocrítica de conteúdos já veiculados.

¹¹ Artigo disponível de forma online em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4806/da-primeira-cap-a-edicao-300>

¹² 25 anos: As mudanças em educação e em Nova Escola. <http://acervo.novaescola.org.br/politicas-publicas/apresentacao-25anos-mudancas-educacao-nova-escola-618212.shtml>.

Roselaine Ripa ainda destaca (2010, p. 160-161) que a maioria dos artigos da NE exerce uma função de receituário com soluções rápidas sobre algumas questões escolares. Ela se apresenta como uma garantia de formação continuada ao professor, e aproxima-o do “universo do aluno”. Percebemos essas características, de uma forma bem simplista, ao apenas olharmos os títulos de algumas edições do ano de 2016 como: “De olho na formação. Analisamos as novas licenciaturas e cursos para você aprimorar seu caminho.”, “Há um aluno aqui. Por que não o vemos? (...) Cinco estratégias para enxergar um estudante invisível. “Desate os nós de sua cabeça. Depressão, ansiedade e *burnout*: caminhos para prevenir, histórias para se inspirar”¹³.

Sabemos que a função de qualquer meio midiático é informar, entreter, esclarecer, porém um veículo específico para educação, que trata do dia-a-dia de salas de aula e fazer pedagógico, soluções puras e simples podem ser pouco. “A revista faz, então, o que considera sua contribuição: ela publica de forma reducionista as reportagens sobre lugares que aderiram à proposta de ensino e sobre professores que, com ela, conseguiram o “sucesso” (RIPA, 2010, p. 162). Assim, questões subjetivas, especificidades locais, exceções a regras não são levadas em conta.

Em seu artigo intitulado “Semicultura e educação: uma análise crítica da revista Nova Escola” de Sinésio Ferraz Bueno (Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 35 maio/ago. 2007) apoiado nos estudos sobre semiformação e ajustamento social de Theodor W. Adorno, sendo uma decadência dos processos formadores da cultura, ele aponta a revista Nova Escola como um exemplar da semicultura na sociedade brasileira.

Assim como a maioria das revistas segmentadas da mesma editora (Abril), o professor acaba sendo visto e representado pela revista como um ser universal. “Desincumbido de sua especificidade, ao professor resta apenas o consumo distraído de fórmulas que o põem em sintonia com uma totalidade que assim permanece imune à crítica” (BUENO, 2007, p. 304). Assim o perfil do professor e as dificuldades e soluções da educação acabam sendo estereotipadas e generalizadas.

De maneiras simples e demonstradas em poucas páginas de um artigo as soluções rápidas para dificuldades de uma sala de aula se apresentam para um vasto público heterogêneo.

Movendo-se rigorosamente no interior de códigos instrumentais de análise da realidade, o conhecimento adere a uma visão estritamente operacional da realidade pedagógica, recusando previamente outras perspectivas de

¹³ Capas de edições a partir de 2014. <http://novaescolaclub.org.br/revistas/nova-escola>

abordagem que não estejam comprometidas com a reafirmação do *status quo*. (BUENO, 2007, p. 305)

Uma análise e discussão crítica sobre a situação da educação pública brasileira não é o foco da revista Nova Escola, e sim ações práticas aos professores e gestores para que individualmente, a escola só ou com a comunidade resolvam seus problemas diários. Atestando essas questões, não podemos esquecer que a NE possui um público consumidor forte, que é receptor fiel de suas informações.

1.1 NATUREZA DAS REVISTAS PEDAGÓGICAS.

Antes de serem revistas educacionais, elas são primeiramente periódicos segmentados, e para tanto elas seguem as regras do mercado. As revistas pedagógicas têm que ter a fidelidade de um público consumidor, ainda mais no tempo presente, onde a internet e seus instrumentos móveis (celulares, tablets e etc.) facilitam a chegada de informações com um custo bem pequeno. A revista Nova escola apesar de ter sua versão online, ainda mantém a distribuição física.

Sabemos também, que as revistas precisam ter uma relação bem estreita com seus leitores, conhecer seu público, dar o que eles querem, ou faze-los entender que eles precisam do que ela transmite. Percebemos que os periódicos têm um público alvo e se constrói para chegar até ele. As revistas segmentadas são mais focadas em um público específico, e há estratégias próprias para cada grupo de leitor. Para não cair em um fracasso comunicacional, as revistas segmentadas devem estar a par das mudanças na realidade do leitor, estar atentos a seus desejos e necessidades, ou vender bem uma necessidade e desejos.

Olhar para as revistas do campo educacional é algo muito interessante, pois além dessas observações que permeiam qualquer segmento jornalístico temos outras observações bem amplas a serem feitas como: o que dizem sobre o trabalho pedagógico, o ensino das disciplinas escolares, as práticas docentes, reivindicações e lutas da categoria profissional, o ambiente escolar, a gestão, os alunos e tantas outras fontes de percepção dos profissionais que produzem as revistas e que chegam até os profissionais da educação. Denice Barbar Catani nos diz sobre isso que “*É possível analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares.*” (1996, p. 117).

Os periódicos pedagógicos podem ser uma fonte rica de informações a professores que estão todos os dias nas escolas públicas, que por vezes, é uma forma rápida e fácil de atualização das discussões educacionais, fontes rápidas de ideias de projetos pedagógicos a serem implantados em sua escola, dicas de materiais, de bibliografia e tantas outras ferramentas. Mas não podemos em uma ingênua leitura de caso, não indagar quem produziu essas revistas, foi o governo? Uma entidade sem fins lucrativos? Sem maniqueísmos, é necessário perceber os discursos que alinhavam os periódicos educacionais.

A revista Nova Escola é uma mistura interessante de dois gêneros: o jornalístico e o pedagógico, pois é produzida por jornalistas, estes que produzem matérias de cunho pedagógico. Os jornalistas entrevistam profissionais da educação e formulam suas matérias.

Apesar de ser escrita por jornalistas, a revista centraliza as práticas de professores, atividades consideradas de sucesso no processo educativo, novas formas de ensinar um conteúdo e transmitem isso ao leitor, talvez essa aproximação de ideais que deram certo no “chão da escola” exime aqueles que não são educadores e escrevem sobre educação. Sobre essa questão Roselaine Ripa afirmou:

Seu conteúdo se refere, principalmente, à divulgação de projetos de ensino bem-sucedidos em todo o país, impulsionando, segundo seus editores, a troca de experiências. O editor chefe destaca essa questão ao avaliar as publicações realizadas até aquele momento: “estamos no caminho certo ao levar a nossos leitores as boas experiências produzidas em sala de aula, onde quer que estejam” (NOVA ESCOLA nº127, 1999, p. 4). Essas reportagens trazem várias fotos de professores em seus locais de trabalho, com a indicação da escola e/ou do professor para contato posterior. (RIPA, 2009, p. 154)

Um padrão percebe-se na revista, através de várias pesquisas de diferentes épocas, é o enaltecimento de bons exemplos de professores esforçados. “*Essas experiências divulgadas como “sucesso” por “Nova Escola” passam a ser propagadas como “modelos” a serem seguidos pelos professores.*” (RIPA, 2009, p. 157). Uma análise geral da revista, é que ela divulga ideias que deram certo em um lugar, para ser reproduzido em outros.

As revistas pedagógicas falam diretamente com o público endereçado, os educadores, a revista é toda organizada para “suprir as necessidades de seus consumidores”. Dora Alice da Silva confirma esse pensamento ao afirmar:

A revista pedagógica é uma expressão desse recurso, uma forma de organização cuja linguagem e repertório informacional atende especificamente a um público. Trata da informação na perspectiva vertical,

enquanto o seu público articula em processo de horizontal por conseguir maior abrangência sobre o contexto vivido. (SILVA, 2009, p. 22)

Assim, as revistas educacionais mantem um vínculo forte com seus leitores, a compatibilidade dos temas com os consumidores permite uma interatividade e a permanência do consumo. Maria Clarisse Rebelo Dias nos apresenta o conceito de endereçamento das comunicações, “(...) endereçamento é a forma de como a mídia se expõe para estabelecer relações com seu público, vinculado à imagem do receptor; a mídia projeta um público imaginário ou real e estabelece suas estratégias” (DIAS, 2016, p. 29).

Os periódicos educacionais precisam conhecer e/ou projetam um público de professores, suas necessidades, que direta ou indiretamente acaba se direcionando aos alunos e a escola. Há também a possibilidade de a revista focar nas necessidades dos educandos e informar aos educadores as formas de supri-las.

Como Analisou Roselaine Ripa, Dora Alice da Silva também confirma a ideia de que as revistas pedagógicas, principalmente a produzida por jornalistas, utilizam-se das entrevistas com especialistas o seu embasamento no campo educacional.

São as entrevistas, textos sugestivos que carregam inúmeras informações e congregam dados fundamentais para a construção do saber científico, pois, na maioria das vezes, apresentam personagens ou representantes de um conhecimento científico. Nas revistas pedagógicas, as entrevistas funcionam como um meio eficaz de propagação das concepções científicas em Educação. (SILVA, 2009, p. 28)

A divulgação dos projetos e aulas postas em prática por professores “comuns” (aqueles que estão lá nas escolas da rede básica, pública), faz uma ótima relação entre o público leitor, pois se esses professores, como eu, estão sendo divulgados como “professores nota 10”, eu também posso reproduzir as boas práticas em minha sala de aula. Apesar da indicação e consulta dos jornalistas a mestres, doutores e professores universitários, os grandes protagonistas são professores que lidam diretamente com os alunos.

Na revista Nova Escola, encontramos amostras dos Gêneros: Informativo, Interpretativo e Opinativo. Trata-se de um trabalho jornalístico completo, pois nele encontramos várias amostras com qualidade discursiva e de impressão inquestionáveis. (SILVA, 2009, p. 39)

Temos grandes cargas de sugestões na revista Nova Escola, mas percebemos que quando o assunto é alguma medida educacional do governo, a revista informa/ atualiza o leitor

sobre as mudanças, legislações e etc., aqui não se manifesta tanto o campo opinativo e sim o informativo. Estas nos são informações muito importantes para entendermos funcionalidade de uma revista pedagógica, mas para complementar nosso entendimento, é importante adentrar mais sobre as questões midiáticas, é o que procuramos fazer nas próximas páginas.

1.2 MÍDIA E QUESTÕES PEDAGÓGICAS

Os estudos de mídia e educação são considerados um processo muito novo. Na década de 80, em uma conferência da Unesco na Alemanha Ocidental, 19 países assinaram a Declaração de Grünwald, onde se discute a importância das mídias e a obrigação que os sistemas educacionais possuem em ajudar os cidadãos a compreendê-las. Esse documento exprime uma visão dupla da mídia-educação, não apenas uma ferramenta de massa que deve ser analisada criticamente, mas também, vê essas mídias como espaço de opiniões diversas e criativas.

A releitura deste breve documento mostra sua pertinência e força inovadora: reconhece a enorme importância das mídias na vida cotidiana em todas as esferas sociais e não condena nem aprova seu “incontestável poder”. Considera sua importância na promoção da cultura contemporânea e sua função instrumental na promoção da participação ativa do cidadão na sociedade e enfatiza a responsabilidade dos “sistemas nacionais” de promoverem nos cidadãos uma compreensão crítica dos fenômenos de comunicação. (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1087)

A partir dessa ideia a concepção de mídia-educação ganha o status de “formação para a apropriação e uso das mídias como ferramenta” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1087) para o professor e uma forma de compreensão, criação e participação. Mas ao final do século XX as mídias se deparam com o surgimento da internet, que possibilita várias ações. Essas mudanças tornaram as mídias mais interativas, os diálogos sobre elas podem ser mais vastos. Abranger outros temas outros consumidores. Muitas mídias impressas se adequaram a essa realidade, a revista Nova Escola, por exemplo, disponibiliza um vasto material a parte em sua página, como os planos de aula, sem contar sua edição online.

As mídias tem sido alvo de grandes debates, mas poucas pesquisas e escritos se detém a estudá-las com mais profundidade. Não é fácil falar sobre as mídias, pois se pode cair no perigo de produzir ideias generalizantes. Entende-

se por mídia as mais variadas formas de veiculação de informação em massa que se destinam a levar entretenimento, conhecimento, lazer e informação. Elas possuem um papel de socialização, educação, entre diversas instituições serve como transmissora de valores e também como referências indenitárias. Sobre esses diversos pontos deve-se procurar olhar para as mídias. (SETTON, 2011)

As mídias possuem linguagens próprias, cada vez mais há diversas formas midiáticas, principalmente com a rápida disseminação da internet, é difícil a produção científica acompanhar a variedade e quantidade e inovações em um curto período de tempo. A cultura das mídias relacionadas com os valores e reconhecimento de famílias, da escola, da religião e outras instâncias, ajuda na construção de sujeitos com vontade e subjetividades distintas. “(...) *refletir sobre as mídias a partir do ponto de vista da educação é admiti-las enquanto produtoras de cultura*” (SETTON, 2011, p. 13).

Para variados fins, as mídias transmitem mensagem que contribuem para a formação da identidade de todos. Na socialização da informação da mídia podemos perceber dois tipos de efetivação. Uma é imposta como padrão, através de um condicionamento e de controle da sociedade, outra forma é a aquisição de conhecimento, a experiência própria do sujeito sobre o que lhe é oferecido.

Quando pensamos na influência da mídia para os seus consumidores, de uma forma simplista temos a ideia de que os meios de comunicação têm um grande poder e podem manipular facilmente os espectadores. Sim, eles possuem a capacidade de manipulação, mas o leitor tem suas faculdades para aceitar o que está posto, ressignificar, discordar, absorver em parte, entre outros. Segundo Roger Chartier (2001) as leituras são variadas e constroem sentidos diferentes para um único texto, que podem ser bem distintos do que o planejado pelo escritor.

De um lado, cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe. Aí temos que seguir Michel de Certeau, quando diz que o consumo cultural é ele mesmo, uma produção- uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção. (CHARTIER, 1999, p. 19)

O leitor possui uma liberdade no ato de ler e a capacidade de “subverter” o sentido “imposto” pelo autor/ editor. Porém o leitor também está limitado por hábitos, convenções e práticas de leituras. O manusear um livro, um jornal ou uma revista já dita um padrão de leitura. Ler uma revista (em geral) permite-nos folheá-la em locais onde (geralmente) não leríamos um

livro mais consistente, podemos ter leituras mais rápidas em deslocamentos como no trânsito, aeroportos ou uma leitura relaxada de lazer.

Marília Scalzo em seu livro “Jornalismo de revista” (2004) nos diz que as revistas por sua periodicidade não trazem notícias quentes, “acontecimentos frescos” como em um jornal diário, elas têm que se centrar em conteúdo para a vida prática, como entretenimento e educação. “Revista une e funde entretenimento, educação, serviços e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática)” (SCALZO, 2004, p. 14).

Mas as revistas de educação, tem qual finalidade? Márcia Elisa Teté Ramos em sua tese de doutorado discute o currículo de História e ação dos docentes com um recorte de 1986 e 2002 nas reportagens da revista Nova Escola. Ela utiliza da metodologia de grupo focal, pois nas entrevistas com docentes e alunos de graduação ela sentia “quase silêncio”, pôr a revista não representar um “lugar de ciência” (RAMOS, 2009, p. 29). Mas em contrapartida temos a revista Nova Escola como um sucesso editorial. Já teve distribuição gratuita nas escolas através de convênios, já esteve nas bancas, possui edição digital e site com diversos conteúdos e um grande número de assinaturas.

Posto de outra forma, Nova Escola é “coleccionável” porque: primeiro, é colocada no mesmo grupo das revistas que “ensinam” como fazer, agir, portar-se, ser, as quais apresentam roteiros, receitas ou fórmulas para serem aplicáveis no cotidiano; segundo, como não traz necessariamente “notícias” como outras revistas de consumo, mas pressupostos, noções, saberes didático-pedagógicos ou teórico-metodológicos, que são retomados ano após ano, não se desatualiza facilmente. (RAMOS, 2009, p. 56)

A revista Nova Escola, sendo uma revista segmentada foi se renovando ao longo do tempo, foi alargando o seu público de professor para “quem educa”, porém, não perdendo a sua motivação primeira, ser um suporte para o professor brasileiro. Ela ultrapassa a barreira do leitor receptor, o leitor participa da revista, se sentindo pertencente. O leitor pode criar e modificar planos de aula no site oficial da revista, ele pode ser inscrito no prêmio “Educador nota 10”, tudo produzindo uma fidelização maior do que uma simples revista segmentada.

Os professores no Brasil da rede básica de ensino muitas vezes ganham um salário baixo e por este motivo muitos optam por uma grande carga horária de trabalho para ganhar minimamente bem. Esse professor não tem tempo hábil para realizar “manutenções” em sua formação, muitas vezes sua única forma de aperfeiçoamento são as formações continuadas

oferecidas por seu local de trabalho. Nessas situações é propício ao mercado editorial lançar um produto barato, de fácil e rápido manuseio, que “supra a necessidade” que o professor possui de se manter atualizado e conhecer novas ideias.

“*Ainda hoje, a palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas. Quem quer informações com profundidade deve obrigatoriamente, buscá-las em letras de forma.*” (SCALZO, 2004, p. 13). A revista Nova Escola não é uma formação continuada, não é um curso de extensão, não é uma pós-graduação, mas escrita por doutos, que informa os professores.

Mídia-Educação, Educação e comunicação, dois campos de grande importância e influência social. As mídias sem dúvidas são elementos culturais de produção e difusão de conhecimento, a sociedade brasileira interage em grande escala com algum instrumento de comunicação. Segundo a pesquisa do IBGE sobre “Acesso à Internet e a Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal 2015”, 47.130 mil brasileiros têm acesso a informação através de rádio, 66.091 através da televisão e 27.535 em computadores com acesso à internet¹⁴.

E ainda a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2015- Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira” demonstrou que 21% dos entrevistados, leem revistas ao menos um dia da semana, sendo que, destes, apenas 7% o faz todos os dias. Dos entrevistados que possuem ensino superior, os números de leitores de revistas são de 32%¹⁵. Os números sugeridos através da pesquisa em relação aos periódicos (jornais e revistas) não serem elevados, devemos perceber que os dados foram coletados com uma média de 18 mil entrevistas.

A Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER) produz o *Factbook*, onde através de pesquisas dos centros IPSOS e IBOP demonstram aos anunciantes a relevância do mercado editorial de revistas e as possibilidades de investimentos em propagandas nesses veículos de informação.

Revistas captam a atenção, por que seus leitores estão totalmente imersos no texto e na imagem, sem nenhuma outra distração, e ainda escolhem o momento da leitura. São impactantes, têm forte poder de persuasão e são especiais para promover campanhas e associar marcas. (ANER, 2015, p. 7)

¹⁴ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015

¹⁵ Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2014.

Fora os interesses de incentivar a publicidade nas revistas, no discurso de apresentação da pesquisa do ano de 2015, o presidente da ANER Frederic Kachar demonstra o poder desse meio de comunicação. O leitor assíduo de uma revista segmentada confia no que é veiculado por ela. O documento registra que no Brasil são mais de 67 milhões de leitores de revistas, em suas palavras diz “(...) não importa qual a roda de discussão, quem lê revista tem opinião. E forma opinião!” (ANER, 2015, p. 12). Aqui vemos as revistas como fonte de conhecimento e conteúdo, capazes de dar suporte para formar opiniões.

No Brasil os meios de comunicação de empresas privadas buscam seu espaço no mercado como qualquer outra empresa. Para essa disputa os meios de comunicações/ empresas precisam se tornar uma marca forte, com maior poder de alcance e credibilidade. A sobrevivência em um mercado competitivo está em jogo, isso faz com que os produtos das mídias sejam mercantilizados, isso é lógico. As notícias são produtos das mídias, logo, elas também são mercadoria.

Claudio Schubert em sua tese de doutorado (2004) explicando essa questão da relação mercadológica das mídias nos diz:

Conseqüentemente, a aliança político-ideológico-econômica se dá exatamente com aqueles complexos que detêm o poder econômico nos respectivos locais de atuação e no país. Esse fato faz aumentar a fragilidade da autonomia jornalística, inclusive pressiona para o não cumprimento dos princípios constitucionais existentes. (SCHUBERT, 2004, p. 140)

Assim devemos considerar nos meios de comunicação uma teia de interesses por trás do produto que nos é oferecido, e que algumas vezes consumimos sem questionar os seus motivos. Não podemos excluir nessa relação os meios de comunicação públicos/ Estatais que nitidamente se desenvolvem a partir da perspectiva do poder vigente. Se referindo à televisão como um dos exemplos de meios de comunicação Schubert diz:

Assim, o que é invisível para os olhos da televisão não faz parte do espaço público brasileiro e, conseqüentemente, não existe como realidade social. Desse modo, aquilo que o telespectador vê, ele identifica como sendo a realidade. Esta mesma “realidade” é percebida por grande percentual da população brasileira e assim se constrói o espaço público, que nem sempre se orienta pelos critérios de cidadania. (SCHUBERT, 2004, p. 144)

No caso das revistas, elas atingem um grupo mais restrito, um grupo assinante, quem vai a bancas ou quem possui alguma assinatura digital, enfim, o poder de alcance é menor que

o da televisão, mas podemos tomar essa relação da televisão e seu poder de formar opiniões e pensar nas revistas, principalmente as segmentadas que atraem um público específico para comunicar, e entender o poder desse meio de comunicação.

Mas, não podemos como já mencionado anteriormente, maximizar o poder de persuasão das mídias, o cidadão brasileiro não é um “tubo de ensaio vazio” pronto para a manipulação dos meios de comunicação. Temos então uma relação entre as empresas de comunicação, o cidadão, ações sociais, relações políticas, mercadológicas, ideologias, instituições, ou seja, é uma grande rede que apresenta várias tensões, não podemos pensar em uma grande massa que passivamente é receptora de informações. Os meios de comunicação entregam informações, transformar essas informações em opiniões e conhecimento é uma atividade do receptor. Mas a discussão central que nos propomos é uma análise de um discurso midiático, não a sua efetivação sobre o público receptor, então nos centramos mais nos pontos que nos levam ao funcionamento das mídias.

“A força de persuasão que a mídia tem junto às pessoas torna-a um poderoso aliado político. Esse fato faz compreender essa certa “aliança” que existe entre a força econômica e política.” (SCHUBERT, 2004, p. 153). Os interesses políticos se juntam aos interesses econômicos dos meios midiáticos para que um encontre terreno para a fertilização de suas ideias e o outro a força necessária para ser impulsionado a um número maior de consumidores.

Nas mídias especializadas em educação um encontro de política e financiamento poderá produzir o alcance dos interesses mencionados logo acima. Um projeto de educação de um governo ao ser divulgado em uma revista educacional levará a um bom número de profissionais da educação essas ideias. Logo a revista lucra com incentivos governamentais. Isso não é uma regra, nem todas as revistas se mantem por programas do governo e as que passam por essas seleções, não significa que atuem dessa maneira, mas é uma possibilidade.

A grande maioria dos meios de comunicação brasileira é de empresas privadas, que naturalmente são movidas pelos interesses econômicos e que não se desligam de interesses políticos e ideológicos.

Seguindo o conceito de Setton (2011) as mídias são agentes socializadores, assim como outras instituições, a família, igreja, escola e etc. as mídias têm seu papel educativo, em sua transmissão de informações elas praticam um ato pedagógico. Porém sabemos que nesse ato de transmitir o resultado não será o mesmo para todo o receptor.

O conceito de mídia é abrangente e se refere aos meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação- rádio,

televisão, jornal, revista, livro, fotografia e cinema. Além disso, engloba as mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens e os meios eletrônicos de comunicação, ou seja, jogos eletrônicos, celulares, DVDS, CDS, TV a cabo ou via satélite, por último, os sistemas que agrupam a informática, a TV e as telecomunicações- computadores e redes de comunicação. (SETTON, 2001, p. 14)

Nesse conceito relacionado aos meios de comunicação em massa (jornais, revistas, rádio, televisão e etc.) entendemos que as mídias têm a função básica de transmitir informações/ conhecimentos e entretenimento, mas também tem como função transmitir ideias, valores e ideologias¹⁶. Não buscamos com essa afirmativa usar de maniqueísmo, como sendo os meios de comunicação instrumentos de controle social, mas entendermos todas as esferas de uso e funcionamento das mesmas.

Segundo Setton (2011, p. 26) esse poder ideológico das mídias *“Só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem ou não tem condições de saber que estão sujeitos a ele”*. Então estudar a circularidade das mídias, implica em estudar a sociedade de circulação midiática. Que ambientes é este? Quem produz e para quê? Mas também, quem consome e para quê? O estudo da cultura das mídias é antigo e muito rico, por este motivo nos voltaremos a teóricos que influenciaram e constituem o pensamento moderno sobre o tema.

1.3 TEÓRICOS DA COMUNICAÇÃO

Maria da Graça Setton (2011) nos diz que o princípio do fortalecimento da cultura das mídias teve início na década de 1930. Nesse período, juntamente com um desenvolvimento econômico, vários meios de comunicação se expandiram, e nessa expansão produziram bens e símbolos a partir da relação do consumo. A televisão, rádio, cinema e revistas passaram a com maior ênfase a desenvolver a publicidade de produtos alheios ou próprios. Assim além do consumidor obter a informação daquela mídia, ele poderia consumir outros bens ou ideias por ela veiculada.

Umberto Eco no seu livro: *“Apocalípticos e Integrados”* nos apresenta essas duas versões, segundo o autor, genéricas sobre *“cultura de massa”*. Os apocalípticos seriam aqueles

¹⁶ Usamos o conceito: *“Entre os usos mais gerais do significado fraco de Ideologia, podemos lembrai o de Carl J. Friedrich, segundo o qual as Ideologias são “sistemas de ideias conexas com a ação”, que compreendem tipicamente “um programa e uma estratégia para a sua atuação” e destinam-se a “mudar ou a defender a ordem política existente”. Têm, além disso, a função de manter conjuntamente um partido ou outro grupo empenhado na luta política (Man and his government, New York 1963, p. 89)”. Bobbio, Matteucci, Pasquino, 1998, p. 587.*

que dividem a cultura em duas, a cultura culta e aristocrática, da cultura popular inferior. Essa cultura das massas estaria crescendo e pondo em risco a cultura. Já o integrado tem uma visão mais positiva sobre a cultura das massas, sendo ela um alargamento da cultura, uma arte, a cultura popular.

Segundo Umberto Eco, vivemos em um mundo permeado por grandes meios de comunicação, sendo assim, nem mesmo os apocalípticos estão imunes aos produtos das comunicações, mas também fazem uso delas. Para o autor o termo “indústria cultural” também é um termo usado inadequadamente. Indústria cultural seria um sistema de condicionamento, que serve ao modelo capitalista para fins de planificação e controle das consciências através do consumo.

Eco nos confirma que a cultura das massas é um fato industrial, pois alguns grupos de poder econômico regulam a produção do bem para fins lucrativos, para agradar o consumidor e o induzir a consumir mais. Mas o erro está na utilização dos termos Culturas das massas, indústria cultural, segundo o autor como conceito-fetiche, pensando que a cultura de massa seja toda má por ser produzida em padrões industriais. Outro erro é a forma de questionar esse sistema em a existência da cultura de massas ser ruim ou boa. Quando, na verdade, o problema: “do momento em que a presente situação de uma sociedade industrial torna ineliminável aquele tipo de relação comunicativa conhecida como conjunto dos meios de massa, qual a ação cultural possível a fim de permitir que esses meios de massa possam veicular valores culturais?” (ECO, 1979, p. 50).

Umberto Eco não nega a cultura de massa e indústria cultural, mas nos faz pensar na adequação desses termos em nossa sociedade, não pensando de forma apocalíptica nem integrada. Os homens de cultura estão inseridos na produção industrial de bens culturais, um exemplo é o mercado editorial, coletâneas mais acessíveis as massas é uma forma de divulgar a cultura. O problema da cultura de massa é exatamente o seguinte: ela é hoje manobrada por “grupos econômicos” que miram fins lucrativos, e realizada por “executores especializados” em fornecer ao cliente o que julgam mais vendável, sem que se verifique uma intervenção maciça dos homens de cultura na produção.” (ECO, 1979 p. 50, 51).

O autor nos afirma que nos processos culturais não há uma hegemonia e padronização nos resultados obtidos pelas intervenções, mas quando esses processos se abrem, eles não são mais controláveis, podem tomar diversos rumos, sendo alguns de recusa, aceitação, modificações e etc., então não é certo seguir a corrente que por muito tempo produziu estudos execratórios sobre os meios de informação de massa. Assim, “Pode repropor o tema de uma cultura de massa como ‘cultura exercida ao nível de todos os cidadãos’” (ECO, 1979, p.54). Não

significando que ela é produzida pelas massas, mas por um grupo culto que interpreta as exigências e necessidades dos outros.

Duas fortes vertentes para o estudo das mídias são os autores da Escola de Frankfurt e a perspectiva dos Estudos Culturais, sabemos que não são as únicas, e não especificadamente foram desenvolvidas para estudar a mídia e sim a cultura moderna. Considerando o fenômeno das mídias, uma produção cultural, acreditamos que elas podem auxiliar nossa pesquisa. Sobre a primeira vertente, Theodor Adorno e Max Horkheimer foram importantes autores que desenvolveram o termo industrial cultural. Para eles, a nova ideologia capitalista (a partir da década de 1930), com o desenvolvimento tecnológico, a ideia de progresso, produzia uma cultura que não abria espaço para a crítica, massificada pelo padrão industrial, ela nivelava a sociedade com suas produções de mercadorias e entretenimento. A indústria de cultura não passaria de uma forma de manipular e dominar a sociedade.

Setton (2011, p. 45-46) nos elenca alguns pontos passíveis de crítica ao pensamento frankfurtiano, que são importantes para pensarmos o fenômeno das mídias. Uma das questões importantes em se pensar sobre o conceito de indústria cultural, é a limitação de que autores tinham sobre o termo cultura. De uma forma elitista, as manifestações culturais “populares” não seriam entendidas como uma cultura menor, menos capaz de elevar o espírito à crítica.

Outro ponto a se tomar cuidado em pensar a mídia sobre essa vertente é a homogeneização das formas de expressão da cultura das mídias, os diferentes ramos da mídia foram entendidos em um único processo, não abrindo um espaço para diferenciar os meios de produção, veiculação e recepção, e quem o recebe. Estando atentos a esses pontos, podemos nos aproveitar muito do pensamento da Escola de Frankfurt, pois suas reflexões críticas e filosóficas sobre a sociedade moderna nos são válidas para pensar a que caminho anda a produção midiática da contemporaneidade.

Theodor Adorno e Max Horkheimer em seu livro “Dialética do esclarecimento” (1985) demonstram que a sociedade capitalista, gerida por grandes monopólios, a cultura das massas é homogênea, não há diferenciações, ela é formada em padrões industriais. Os meios de comunicação são um fruto dessa cultura, elas são um negócio que serve para levar a ideologia de seu produtor.

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores

gerais suprimem toda a dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1895. P. 114)

Como a participação de grande número de pessoas nessa indústria, os métodos de produção de bens seriam disseminados, levando a uma padronização de bens e padronização do consumo. O interessante nessa abordagem, é que o público consumidor dessa indústria, para os autores, não é a desculpa para esse sistema, e sim uma parte dela.

Sobre a distinção, categorias, faixas de preços, de filmes, livros e revistas, na ótica de Adorno e Horkheimer, não seria uma básica organização, distinção estatística para servir ao consumidor, e sim um mecanismo de separá-los em níveis. Cada grupo tem organizado de uma forma enfática os produtos a serem consumidos por sua zona de rendimento.

O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa. A diferença entre a série Chrysler e a série General Motors é no fundo uma distinção ilusória, como já se sabe toda a criança interessada em modelos de automóveis. As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha. (ADORNO; HORKHEIMER, 1895, p. 116)

Nos produtos da indústria cultural das massas não é uma relação diferente, a produção padronizada dos meios de entretenimento deseja se aproximar cada vez mais, ilusoriamente, da realidade, fazendo com que seu espectador suponha que a diferença entre o real e o fictício seja muito pequena, quase nula.

A diversão é um fator importante na indústria cultural, o trabalhador mecanizado precisa dessa “fuga” feita através das mercadorias para aliviar seu mecanicismo e depois, satisfeito ter condições de voltar ao trabalho. O trabalho é feito de penoso esforço, a tranquilidade está no ócio.

A fuga do cotidiano, que a indústria cultural promete em todos os seus ramos, se passa do mesmo modo que o rapto da moça numa folha humorística norte-americana: é o próprio pai que está segurando a escada no escuro. A indústria cultural volta a oferecer como paraíso o mesmo cotidiano. Tanto o escape quanto o elopement estão de antemão destinados a reconduzir ao ponto de partida. A diversão favorece a resignação, que nela quer se esquecer. (ADORNO; HORKHEIMER, 1895, p. 133)

A diversão seria uma necessidade produzida pela industrialização. A indústria cultural se confunde com a publicidade, com sua repetição mecânica procura manipular o consumidor.

Na teoria da indústria cultural muitos pontos nos são interessantes, como a visão comercial das mídias, a padronização dos meios de comunicação, seu interesse em vender um produto de entendimento fácil para as massas. Mas não partilhamos da convicção de um poder abrangente da indústria cultural sobre todos, nem que todos os produtos da indústria cultural não produzam ou deem espaço para a crítica.

O entendimento de cultura dos teóricos também deixa muito restrito seu entendimento. A cultura seria o espaço de crítica e transformação, e não uma relação simbólica de um povo e seu cotidiano. Essa cultura burguesa, com sua ideologia de produção e consumo estaria massificando a todos, se tornando alienado da realidade.

Fora estas questões, este estudo de Adorno e Horkheimer nos são importantes para verificarmos uma parte das mídias, nem todo cidadão é passível da alienação, nem todos os meios de comunicação estão prestando um serviço alienante, mas percebemos em muitos casos, na indústria da comunicação a produção de mercadorias que pretendem a adoção de sua ideologia.

Já os Estudos Culturais, que se desenvolve entre as décadas de 1960 a 1970, especialmente na chamada Escola de Birmingham temos como um Stuart Hall. E na mesma vertente de pesquisa o teórico filósofo e sociólogo Jesús Martín-Barbero. É necessário neste momento citar o sociólogo Edgar Morin. Esses autores trilham um caminho diferenciado dos teóricos da Escola de Frankfurt.

Stuart Hall, em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, nos apresenta três definições distintas para identidade. O primeiro, vindo dos pensadores iluministas, mostra a identidade masculina em um sujeito centrado, dotado de razão e consciência, essa identidade progressiva ia se desenvolvendo, conforme o sujeito se desenvolvia.

A identidade sociológica pensada no desenvolvimento do mundo moderno mostra que ela não é algo pronto e autossuficiente. A identidade está relacionada com o outro, com a cultura, elas mediam o sujeito e seus valores, ou seja, a identidade é formada pela interação entre o eu e a sociedade. (HALL, 2011, p. 11)

Já a identidade na pós-modernidade passa por um processo de fragmentação, segundo Hall:

Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como

resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2011, p. 12)

Esse é o sujeito de identidade pós-moderna, ele não tem uma identidade fixa e contínua, ele passa por várias transformações, junções e desconstruções. Aí falamos em identidades de um sujeito, diferentes e por vezes contraditórias. O processo de globalização, que une e interliga nações diferentes, tem contribuído para mudanças nas identidades culturais.

Segundo Stuart Hall (2011) o tempo e o espaço podem ser duas percepções de mudanças advindas da globalização. Um mundo conectado pelos meios de telecomunicações promove com muita rapidez, mudanças perceptíveis de um determinado lugar, através de um ocorrido em outra localidade.

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. A medida que as culturas nacionais se tornam enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2011, p. 74)

O mercado global e as telecomunicações globais podem levar culturas a lugares distintos, aparentemente desconectados. Assim as identidades se transformam em ambientes de tensão. Tensões de culturas diferentes, que são comunicadas no mesmo tempo e espaço.

Em Hall percebemos válida a sua discussão sobre diversas identidades, culturas, a relação desses em mundo globalizado. As constantes mudanças nesse mundo globalizado produzem um sujeito acostumado a diversas interações, as telecomunicações são um dos instrumentos para tais fins. Assim temos uma noção de como é o homem que recebe informações das indústrias de comunicação.

Jesús Martín-Barbero em sua obra “Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia”, na introdução nos diz que ao iniciar seus estudos sobre o campo da comunicação, como outros pesquisadores, analisava a produção midiática e a sua distribuição. Mas todas as mudanças político-sociais passadas na América do Sul o fizeram olhar de uma maneira diferente o consumidor das mídias, seu olhar se voltou para a recepção. Ele passou a ver o processo de comunicação de uma forma “inteira”, mas a partir do outro lado, o lado de quem recebe.

Barbero nos indica no capítulo dois da terceira parte do livro, a pensar o fenômeno da comunicação através das mediações, as práticas de comunicação e os movimentos sociais, as diferentes temporalidades e diferentes matrizes culturais, ou seja, estudar a comunicação em processo.

Segundo Barbero, uma “teoria” das massas já existia em meados do século XIX, principalmente após a era Napoleônica, e movimentos revolucionários na Europa fez surgir um medo das massas.

Depois da Comuna de Paris, o estudo acerca da relação massa/sociedade toma um rumo descaradamente conservador. Mas no último quartel do século XIX as massas "se confundem" com um proletariado cuja presença obscena deslustra e entrava o mundo burguês. E então o pensamento conservador, mais que compreender, o que buscará a seguir será controlar. (BARBERO, 1997, p. 47)

Para tantos outros, as massas representariam a morte da cultura, mas em meados do século XX, principalmente autores norte-americanos, as massas produzem cultura. Agora veículos de massa passam a ser mais analisados como o cinema, rádio e televisão. Segundo Barbero:

A cultura de massa é a primeira a possibilitar a comunicação entre os diferentes estratos da sociedade. E dado que é impossível uma sociedade que chegue a uma completa unidade cultural, então o importante é que haja circulação. E quando existiu maior circulação cultural que na sociedade de massa? Enquanto o livro manteve e até reforçou durante muito tempo a segregação cultural entre as classes, foi o jornal que começou a possibilitar o fluxo, e o cinema e o rádio que intensificaram o encontro. (BARBERO, 1997, p. 59)

Aí entra o popular, o que as massas produzem e o que elas consomem. Jesus Martín-Barbero começa sua análise sobre a crítica da Escola de Frankfurt, mencionando o termo “indústria cultural” que produz necessidades para o homem, e sua utilização para a “indústria da diversão”, que se configura como uma válvula de escape para os populares que vivem sob o ritmo industrial.

Os periódicos por assinatura ou adquiridos em bancas são bons exemplos de uma produtividade comercial/ industrial. Além da empresa mantenedora, há a figura do editor que dá o tom para as publicações, os autores de certa forma devem seguir essas ideias pré-estabelecidas, há também o Marketing e a publicidade que encorpam esse produto cultural. Esse

tipo de escrito não tem o mesmo status que um livro, por toda essa sua dinâmica de formação e divulgação e materialização.

Após a Segunda Guerra Mundial, mas especificadamente a partir dos anos 50, o consumo voltou a ser publicitado, a comunicação está ligada a força de persuasão. “Para a cultura de massa a publicidade não será somente a fonte mais vasta de seu financiamento; é também a força que produz seu encantamento.” (BARBERO, 1997, p. 193). Mas essa alegação não deve induzir a um pensamento de passividade do consumidor, nesse mercado da comunicação há resistências, negações, conflitos, contradições e etc. Assim Barbero nos aponta que uma nova perspectiva para o estudo da comunicação é necessária, não só mais a produção e dominação, mas as mediações dos sujeitos no processo comunicativo.

Edgar Morin em seu livro “Cultura de Massas no século XX: neurose”, nos diz que se distinguindo das culturas clássicas, humanistas e religiosas, está uma terceira cultura, a advinda do cinema, televisão, rádio, denominada de cultura das massas. Por cultura Morin nos diz que:

Podemos adiantar que uma cultura constitui um corpo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma acultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade). (MORIN, 1997, p. 14)

Ou seja, vivemos em uma sociedade multicultural, e a cultura das massas está presente nessa policultura. Mas mesmo vivendo nessa sociedade, uma parcela culta percebe a cultura das massas como inferior, segundo Edgar Morin, tanto para uma direita humanista, até mesmo para o marxismo, não passaria de uma mercadoria cultural de “segunda mão”.

A cultura das massas industriais seria consumida de forma rápida, a todo instante, seguindo o ritmo frenético do marketing e propagandas? Sem a preocupação com o consumidor e sim preocupada em gerar mais consumo?

Os sistemas privados, motivados pelo lucro, querem que o consumidor esteja satisfeito, ele quer atingir um grande número de consumidores, dentro de limites impostos por ele mesmo, ou pelo Estado, ele vai fazer o possível para agradar ao público. O Estado ao comandar meios de informação, deseja educar, convencer de sua ideologia.

Os meios de comunicação eles produzem mercadorias culturais de forma rápida, e a distribuem de forma mais rápida ainda. Mas não podemos deixar de pensar que são organizações burocráticas.

A organização burocrática filtra a ideia criadora, submete-a a exame antes que ela chegue às mãos daquele que decide – o produtor, o redator-chefe. Este decide em função de considerações anônimas: a rentabilidade eventual do assunto proposto (iniciativa privada), sua oportunidade política (Estado), em seguida remeto o projeto para as mãos de técnicos que o submetem a suas próprias manipulações. Em um outro sistema, o “poder cultural”, aquele que o autor da canção, do artigo, do projeto de filme, da ideia radiofônica se encontra impensado entre o poder burocrático e o poder técnico. (MORIN, 1997, p. 24,25)

Diferentemente de Theodor Adorno e Max Horkheimer, para quem a indústria cultural é homogênea, gerida por monopólios que produz bens culturais de massa padronizados, Morin não nega que há uma padronização industrial na construção dos meios de comunicação, mas ele mostra que a sua construção é diversa e sofre diferentes “intemperismos” e o público consumidor também tem uma exigência para com os produtores; o consumidor sempre deseja um produto individualizado e novo.

Assim a indústria cultural convive com a padronização, burocratização, individualidade e originalidade. Apesar de vermos fórmulas muito parecidas, para se conquistar um espaço nesse mercado competitivo, as indústrias culturais devem ouvir as demandas do consumidor. Mas a imprensa tem uma característica diferente, por exemplo, do cinema, Morin afirma que: “A imprensa de massa é mais burocratizada do que no cinema, porque a originalidade e a individualidade já lhe são pré-fabricadas pelo acontecimento, porque o ritmo de publicação é diário ou semanal, e porque a leitura de um jornal está ligada a fortes hábitos.” (MORIN, 1997, p. 28).

Morin afirma que o editor de um jornal ou revista, quando pensa em seu público pensa em uma média, um meio termo entre variados gostos, personalidades e ideias, ele homogeneiza a linguagem para alcançar seu público. O autor utiliza o termo ‘sincretismo’ para esse fenômeno. “A grande imprensa e a revista ilustrada tendem ao sincretismo se esforçando por satisfazer toda a gama de interesses, mas por meio de uma “retórica permanente” (MORIN, 1997, p. 36). Esse sincretismo se forma em busca do máximo consumo possível.

Para Edgar Morin, como está o consumidor na relação de produção do produto cultural? Ele é passivo ou ativo? O produto da indústria cultural seria um diálogo entre o produtor e o

consumidor, mas essa relação seria muito desigual. O produto é produzido e levado até o público, o público o aceita ou não, cabe ao criador modificar (ou não), incrementar, dinamizar o seu objeto.

A cultura de massa é imposta do exterior ao público (e lhe fabrica pseudonecessidades, pseudo-interesses) ou reflete as necessidades do público? É evidente que o verdadeiro problema é o da dialética entre o sistema de produção cultural e as necessidades culturais dos consumidores. Essa dialética é muito complexa, pois, por um lado, o que chamamos de público é uma resultante econômica abstrata da lei da oferta e da procura (é o “público médio ideal” do qual falei) e, por outro lado, os constrangimentos do Estado (censura) e as regras do sistema industrial capitalista pesam sobre o caráter mesmo desse diálogo. (MORIN 1997, p. 47)

Quem comunica, por mais que planeje, não tem em suas mãos o resultado do público sobre seu produto. O consumidor tem total capacidade de negar um produto que não compactua com seus ideais. Enfim, para Morin a indústria cultural não anula e domina as massas, não acaba com a criatividade e a arte, não mina a opinião própria. Sim, há casos que são exceções, como regimes ditatoriais, mas nem eles mesmos são a todo tempo bem-sucedidos em seu intento.

Edgar Morin escreve sobre a indústria cultural do século XX, especialmente do mundo democrático capitalista, mas é uma grande obra que nos auxilia a pensar os meios de comunicação no século XXI. Ele utiliza do termo indústria cultural de Adorno e Horkheimer, mas oferece uma visão complementar desses autores. Ele relaciona as mensagens dos produtos culturais com o sujeito que a recebe, a relação da demanda de produtos em resposta a um diálogo do produtor e público nos é muito válida, como por exemplo, as revistas segmentadas, que buscam na aproximação com o público atender as suas demandas e também não perder sua audiência.

O livro “Cultura escrita, Literatura e História” é uma reflexão metodológica e teórica de Roger Chartier e outros autores. Roger Chartier faz um estudo sobre a produção de livros e as práticas de leituras, especificadamente na França. Mas suas análises sobre a edição e recepção do leitor nos são de grande valia para pensarmos os alcances do mercado editorial.

Chartier nos esclarece alguns termos utilizados em relação aos estudos sobre leitura e poder. Aqueles que entendem a recepção de uma leitura, como o próprio autor, contrapõem as ideias de imposição e apropriação. Sempre existirão distorções, resistências, desvios. Agora, quando um veículo de informação consegue “legitimar seu poder” ele deverá sempre procurar

manter sua legitimidade. “Assim, há uma fábrica do poder que passa por meio de todas as formas simbólicas que deve multiplicar, para se assegurar de sua autoridade.” pois não há uma forma de convencimento que permaneça de uma vez por todas, e sim uma procura contínua de manter o sujeito receptor à necessidade de ser submetido (CHARTIER, 2001, p. 156).

No seu livro “Práticas da Leitura” Roger Chartier nos diz que a significação de um texto está relacionada a leituras que o receptor faz do texto, ou seja, nenhum leitor é uma tábula rasa, ele está envolto em uma rede que envolve sua cultura, o seu ambiente, as instituições que o formaram, outras leituras e etc.

Mas isso não significa que o autor não produziu seu texto com uma intenção implícita ou explícita para o seu leitor. Mas “... as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam verse atribuídos.” (CHARTIER, 2001, p. 234).

O leitor possui uma liberdade na leitura e a capacidade de “subverter” o sentido “imposto” pelo autor e/ editor. Porém, o leitor também está limitado por hábitos, convenções e práticas de leitura.

Portanto temos, de um lado, os ensinamentos da escola e, de outro, todas as aprendizagens fora da escola, seja a partir de uma cultura escrita já dominada pelo grupo social, seja por uma conquista individual, que é sempre vivida como um distanciamento frente ao meio familiar e social e, ao mesmo tempo, como uma entrada em um mundo diferente. (CHARTIER, p. 105)

Assim a leitura está carregada pela trajetória do leitor. Pensar sobre um material impresso, segundo Chartier, é pensar em que circunstâncias esse produto foi construído, dentro de uma determinada rede de práticas culturais e sociais, isso dá sentido à sua pluralidade de usos. Todas essas discussões nos são de grande valia para nos alertar que, mesmo sendo construída por uma instituição privada, sendo produzida em moldes industriais, direcionada as massas, o leitor constrói sua relação com a revista Nova Escola; ele não é totalmente moldado e padronizado por ela, há uma relação de mediação entre os produtores e os leitores.

2 O PROFESSOR NA PALAVRA DO EDITOR

Os editoriais são parte imprescindível para conhecermos o discurso de uma revista, neles percebemos a linha que a edição foi construída. Nesse momento iremos analisar os editoriais das revistas selecionadas para nossa pesquisa. Nos foi importante este olhar sobre a palavra do editor, pois retiramos muitas concepções sobre educação, escola, professores e outros conceitos pertinentes à nossa pesquisa.

A cada edição da revista Nova Escola o diretor da redação apresenta o tema principal da capa e faz menção a alguns temas variados, ou seja, apresenta de forma ampla a revista do mês. Para além dessa apresentação temos algumas frases que nos saltam aos olhos, pois elas nos mostram uma visão, que por vezes rápida e curta, mas muito direta e opinativa sobre a educação brasileira. Em nossa análise temos dois redatores, os primeiros quatro editoriais analisados temos a escrita de Meggie Krause com área de formação em jornalismo e Design Gráfico, a partir do quinto ao último editorial temos a Leandro Beguoci da área de Mídia e Comunicação.

Ao analisar os editoriais de revistas de educação Dora Alice (2009) menciona que eles possuem um gênero opinativo e que até mesmo no caso da Nova Escola “(...) são exemplos de discursos em que a familiaridade comunicativa e uma natural empatia entre emissor e receptor, promovem convencimento e comoção junto à classe que representa.” (SILVA, 2009, p. 74). Assim entendemos que os editoriais além de apresentar a revista, transmitem ideias sobre educação, estas compatíveis com a ideologia da empresa que produz a revista.

O título do editorial é “Caro educador” que torna esse primeiro contato com o leitor algo muito confortável, amigável, próximo e a palavra “caro” dá uma conotação de importância e relevância ao consumidor. Sabemos que a palavra “educador” pode ser um sinônimo para professor e ao mesmo tempo, dá um tom de maior responsabilidade do que “ensinar”; mas essa palavra também soa mais abrangente que professor, quem educa pode ser ou não um professor.

Nesse espaço de interação aconchegante com o professor, o editorial depois de falar sobre o tema principal do mês, dá algumas doses de motivação, bons exemplos a serem seguidos, ideias e opiniões sobre a sala de aula, sobre a função dos professores e sua posição frente as mazelas e adversidades da educação pública.

Na primeira edição que pesquisamos, fevereiro de 2015, podemos perceber no editorial alguns indícios que reforçam a visão que a revista produz sobre si, ela se reafirma como um veículo que tem responsabilidade com os professores e mostra a sua responsabilidade com a sociedade e escola quando trata de temas relevantes e por muitas vezes esquecidos ou

renegados. Ela é a maior revista de educação do país, e os professores esperam ansiosos por ela e nela confiam, pois, a revista tem um compromisso com os seus leitores.

A revista tem qualidade e por isso ela leva qualidade para seus leitores, nesse editorial vemos de forma bem marcante a característica de Nova Escola como um instrumento que ensina os professores, um instrumento que dá possibilidade de mudança. Se o professor fazia errado, ele agora informado poderá fazer certo. O editor lança uma pergunta e a edição daquele mês tem a resposta, mas não apenas a revista; é destacado exemplo de terceiros a serem seguidos, como os alunos que mudaram as atitudes dos professores.

Revista 1.

Revista Nova Escola Ano 30, n° 279

Caro educador

Título do editorial: Coragem para mudar em 2015. Assuntos complicados exigem novas reflexões e atitudes de quem cuida da Educação. Por Maggi Krause¹⁷, Diretora de redação. (Anexo I).

U. de análise	U. de contexto
1.Desfazer-se dos rótulos	Como acolher e respeitar diversos tipos de gêneros não praticando preconceito?
2.Atitude do professor	Alunos que mudaram as atitudes de professores e gestores.
3. Edição de qualidade	Mais uma edição da revista com qualidade que tem compromisso com os professores que esperam a chegada da maior revista de educação do país.

Já a edição de março de 2015 se reafirma como possuindo jornalistas que entendem de educação e uma doutora em educação na redação. Mostra os bons resultados da revista e promete apresentar ferramentas tecnológicas para os professores que não são afeitas a elas, pois a escola deve acompanhar as mudanças tecnológicas. Mais uma vez Nova Escola reafirma seu

¹⁷ Formada em Jornalismo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), com especialização em Design Gráfico no Instituto Lorenzo de Médici, em Florença, Itália. Repórter e editora em várias publicações da Editora Abril por 15 anos, trabalhou em revistas e produziu textos de livros de variadas editoras nas áreas de decoração, arquitetura, comportamento, branding e sustentabilidade. De 2011 a 2016, foi diretora de redação na Fundação Victor Civita, onde liderou a equipe na edição das duas maiores revistas de educação do país, Nova Escola e Gestão Escolar. Fonte: <https://br.linkedin.com/in/maggi-krause-a5942a125> acesso 20/11/17

alcance, comemora os bons números de acesso a sua página oficial e sua versão digital, graças a sua matéria principal discutindo gênero e sexualidade na escola.

Quem são os produtores, as pessoas que pensam e criam as matérias para a Nova Escola? Observando o corpo editorial percebemos que as pessoas que escrevem sobre educação são em sua esmagadora maioria jornalistas; isso pode fazer alguns, no primeiro contato, terem uma visão negativa da revista, mas esse não deve ser o caso da Nova Escola. A editora confirma que apesar de serem jornalistas, eles são entendidos de educação, buscam especialistas no assunto e possuem uma coordenadora pedagógica na redação. Enfim, os professores podem confiar nas informações que estão recebendo.

Nessa edição, a revista trouxe aos professores formas e ferramentas tecnológicas a serem usadas em sala de aula. Como um receituário, aqueles que não gostam de usar a internet, computadores e afins em sala de aula, devem usar e a revista ensina como.

Revista 2.

Revista Nova Escola Ano 30, nº 280

Caro educador

Título do editorial: Números que alteram nosso caminho. Treze ferramentas, cinco colunistas, duas marcas renovadas e uma despedida. Por Maggi Krause. (Anexo II).

U. de análise	U. de contexto
1. Repercussão de sucesso	A revista alcançou na edição anterior um grande número de internautas e repercutiu sua abordagem sobre gênero e sexualidade.
2. Conectados	Traz ferramentas para os professores conectados à internet, e aqueles que não são afeitos a ela, usar esses recursos em suas aulas.
3. Jornalista sabidos	Os jornalistas da Nova Escola são conhecedores da educação, mas eles possuem uma especialista na redação, uma coordenadora pedagógica com título de doutora.

Em maio de 2015 o editorial tem um discurso um pouco mais forte ao mencionar o exemplo de uma professora que possui uma longa jornada de trabalho e não se vitimiza frente a essa dura realidade e também não se torna refém do livro didático como única ferramenta

didática. Nessa narrativa percebemos que a revista coloca a “solução” nas mãos do professor, como uma escolha em ser um bom professor apesar dos percalços da rotina.

“Como fazer, como selecionar”, são as formas de receituário, de instruções, passos a serem seguidos pelos professores. Está sob o controle dos professores escolher uma boa coleção didática, as melhores formas de usá-las em sala de aula, como fugir das aulas apoiadas sempre no livro didático. Se o professor não o sabe fazer a Nova Escola ensina.

A escolha dos materiais didáticos para as escolas públicas é um processo complexo para os professores, há por trás toda uma questão governamental e de interesse de grandes empresas editoras privadas, que não nos é possível agora discutir, mas é apresentado como estando tudo sob a responsabilidade e controle dos professores.

Nesse editorial ainda temos outra confirmação da visão da Nova Escola sobre a responsabilização dos professores (as vezes nos parece que somente deles) da qualidade da educação quando cita o exemplo da “super professora”. Ela trabalha em três cidades, tem mais de 40 turmas e ela não reclama, não deixa de fazer um trabalho de qualidade, não culpa as circunstâncias, governos, “sistema” e muito menos é refém do livro didático.

Se essa professora não se coloca em posição de vítima, não devem os outros professores fazer o mesmo. A Nova Escola nos mostra que ela não olha para a estrutura que forma a educação pública e brasileira, nos parece que todos os problemas e soluções se iniciam e podem se encerrar dentro da sala de aula com os alunos e a professor.

Revista 3.

Revista Nova Escola Ano 30, nº 282.

Caro educador

Título do editorial: Equilíbrio para enfrentar escolas e jornadas. Quanto adotar um livro didático ou correr de uma escola para outra depende do professor. Por Maggi Krause, Diretora de redação. (Anexo III).

U. de análise	U. de contexto
1. Dilemas da vida docente	Como selecionar uma boa coleção didática e como usar no preparo e condução das aulas? Como não se tornar refém do livro didático? As rédeas estão com os professores.
2. Bons exemplos	Professora que ministra aulas em três cidades, com 41 turmas. Ela nunca se coloca em posição de vítima.

Em outubro de 2015 a revista volta a reafirmar sua posição de auxiliadora para os professores ao afirmar que, há muitos detalhes importantes de uma rotina escolar que devido a várias razões, o professor não consegue enxergar atitudes que deveria tomar em sala de aula. Assim a revista se propõe a levar boas práticas aos professores e abrir os seus olhos, pois a revista faz uma revisão crítica sobre as suas produções.

O quarto editorial analisado nos mostra um discurso muito interessante. O primeiro ponto é que há lacunas na formação dos alunos; os professores, que estão diariamente com eles são conseguem enxergar essas lacunas; os jornalistas e demais colaboradores da revista, sabem quais são essas lacunas e como repará-las.

A revista Nova Escola se mostra competente em um nível muito alto, aqui não estamos fazendo análises do subjetivo, mas do discurso claro da nobreza de missão da revista. O editorial menciona que é o dever da revista transmitir o que falta em sala de aula, mas como ela tem esse conhecimento com uma equipe de majoritariamente jornalistas? Através de suas entrevistas com especialistas? Nova Escola, pelas palavras do editor, se mostra reflexiva sobre si, sempre se reinventando para poder cumprir seu papel missionário para com os professores.

Como a própria revista aponta, ela não é produzida por especialistas em educação, é uma revista desenvolvida por jornalistas. Mesmo que eles entrevistem professores, mestres e doutores, ela é toda pensada e planejada dentro de uma redação composta por jornalistas. Isso é algo muito importante ao considerar, uma revista que se posiciona claramente como um instrumento que direciona os professores, que lhes mostra “novos caminhos”.

Essa revista não produzida por especialistas, mostra coisas que os professores estão fazendo errado, coisas que eles não enxergam dentro da sala de aula, mas tão altruistamente, Nova Escola ensina aos professores as fórmulas certas a seguirem. Essa abordagem parece um pouco “afiada”, mas é uma possível interpretação do auto posicionamento da revista.

Até esta edição, a revista investia muito em projetos e sequências didáticas; segundo a carta editorial, a partir daquele momento eles se voltariam mais para a rotina das salas de aula, para o dia-a-dia do professor e aluno.

Revista 4.

Revista Nova Escola Ano 30, nº 286.

Caro educador

Título do editorial: Em busca do aprendizado e da permanência na escola. Planejar garante o sucesso das atividades de leitura e escrita e do combate à evasão. Por Maggi Krause. (Anexo IV).

U. de análise	U. de contexto
1.Lacunas	Lacunas na formação dos estudantes são difíceis de reparar, e alguns professores em seu dia-a-dia tem dificuldades de enxergá-las
2.Tarefa da Nova Escola	É dever da revista observar o que falta em sala de aula e entregar boas propostas para os professores, e a Nova Escola produz um estudo reflexivo sobre si para poder cumprir cum suas tarefas.
3. Lacuna a ser preenchida	Projetos e sequências didáticas são o forte da Nova Escola, agora ela deve se debruçar sobre as atividades permanentes da rotina de sala de aula.

Nas edições de 2016, especialmente na edição do mês de abril percebemos um forte enaltecimento ao trabalho professor e a necessidade de ser reconhecido. Vemos o trabalho do professor ser engrandecido pelo editor como uma missão, como algo que o tempo não apaga, sua influência na vida dos alunos seria eterna.

Citado como uma missão pública a função do professor, o editor coloca mais responsabilidades aos mestres ao dizer que eles dão oportunidades de reinvenção de vidas. Não negamos a importância da educação na vida de crianças e jovens, mas as conquistas futuras de um aluno não dependem somente de quem e como foram seus professores.

Neste editorial, podemos retirar um conceito da revista sobre a profissão professor. Primeiro, como toda profissão ela deve ser respeitada, reconhecida e valorizada. Mas ao continuarmos nossa leitura, percebemos um esvaziamento do conceito ‘profissão’ e nos emerge uma conotação de missão. O profissional da educação seria um ser com uma elevada e nobre missão, sobre a suas mãos estão grandes responsabilidades com a vida inteira de terceiros.

O trabalho do professor não é só um trabalho, e sim uma atividade que pode determinar a vida de um ser ainda não completamente desenvolvido. O fazer cotidiano do professor requer uma responsabilidade muito grande para a revista, que por vezes nos faz entender que ninguém mais tem parte nesse processo, como a família, comunidade, o Estado...

Aqui também percebemos poucas vezes que o editorial menciona algo externo aos professores, a sua valorização profissional. Em quase todos os editoriais aparecem ideias de o professor deve fazer para melhorar a educação pública em suas salas de aula; mas nessa edição a necessidade de valorização profissional é mencionada. Ao mesmo tempo que coloca na

mesma frase as palavras profissionalismo e paixão, em uma profissão que é erroneamente confundida com missão, a Nova Escola diz estar ao lado dos profissionais professores em busca de uma educação de excelência.

Novo diretor

Revista 5.

Revista Nova Escola Ano 31, nº 291.

Caro educador

Título do editorial: Para ir rápido, vá sozinho. Para ir longe, vamos juntos. Os professores são eternos. Eles veem os alunos, transformam a vida deles e mudam o mundo. Por Leandro Beguoci, Diretor editorial e de produtos¹⁸. (Anexo V).

U. de análise	U. de contexto
1.Missão	O professor estará sempre na vida de outro alguém. Pode ser uma influência pequena, média ou grande. O professor é eterno. Os professores têm uma missão pública, pois concede a oportunidade de pessoas inventarem as próprias vidas, isso deve ser bem feito.
2.Carreira	Se esses profissionais tem uma carreira, devem ser valorizados como profissionais sérios. Profissionalismo com paixão. Nova Escola está junto com os professores em prol de uma educação de excelência.

Em agosto o editorial menciona que diversos são os alunos em uma sala de aula e o professor tem as condições, com as dicas da revista, de abraçar a todos esses alunos e ensiná-los, cada um com suas especificidades, algo que parece bem difícil a um professor para uma grande quantidade de alunos.

Com um título bem forte “Educação inclusiva é pleonismo”, o editorial abre as discussões que estarão presentes na matéria da capa, reforçando a ideia que cada aluno aprende de uma forma, nenhum aluno é igual e, por conseguinte, não há uma única forma de ensinar.

Um professor que “educa melhor” percebe essa necessidade de ensinar de diversas formas e abraça essa causa, “abraçar a causa” nos remete a educação com sentindo missionário.

¹⁸ É formado pela Faculdade Cásper Líbero e tem mestrado em Governança de Mídia e Comunicações pelo London School of Economics, em Londres, Inglaterra. Fonte: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/leandro-beguoci/> acesso: 20/11/17.

O professor que diversifica para todos, que incluiu a todos é o que nós já chamamos de “super professor”, pois sabemos que as discussões sobre o ensino de alunos com necessidades físicas e cognitivas diferenciadas necessitam mais que um professor bem-disposto (há toda uma estrutura escolar e de políticas públicas que permeiam essa relação). Nova Escola nos diz que ensinar para todos é possível aos professores dispostos.

“É possível fazer isso”, mais receitas, caminhos para os professores seguirem, mas há uma falta de abordagens sobre o lugar onde o professor se encontra, as dificuldades dentro e fora da sala de aula, as ausências de políticas públicas para a adequação dos professores e escolas para essa realidade sugerida. Há sempre uma resposta para como ensinar bem, como ensinar melhor, como não deixar nenhum aluno para trás, mas todas essas expectativas caem nas mãos dos professores.

As soluções da revista Nova Escola são vendidas como simples e possíveis, basta os professores se comprometerem e trabalharem. Como é a escola em que o professor trabalha, a comunidade escolar, a gestão, a situação financeira do Município, Estado e Federação? O contexto do professor não é responsabilizado, o Estado não tem parte nessa missão, compreendemos isso ao ler os editoriais.

Revista 6

Revista Nova Escola Ano 31, nº 294.

Caro educador

Título do editorial: Educação inclusiva é pleonasma. Ela é para todos por definição, pois cada um aprende de um jeito. Marcos, Karina, eu e você. Por Leandro Beguoci, Diretor editorial e de produtos. (Anexo VI).

U. de análise	U. de contexto
1.Educar melhor	Quando o professor entende que as pessoas aprendem de formas diferentes e abraça essa causa ele educa melhor. Ele vai incluir todos os alunos. É possível fazer isso.

Em setembro a diversidade foi o foco da revista, assim como nas escolas há uma grande diversidade de gênero, ideologias, cultura, etnias e etc. a revista vivenciou, pelo menos naquele mês, um enaltecimento do gênero feminino e propõem que nas escolas temas considerados tabus sejam relevantes.

Falando sobre si, a revista afirma que é composta por pessoas diferentes, há diversidade em seu corpo editorial, mas em meio a tantas diferenças, todos concordam que deve existir escolas públicas de qualidade para todos e Nova Escola faz sua parte.

Mais uma vez como receituário, a revista demonstra a professores como tratar temas complexos em sala de aula. É possível falar sobre tabus, é possível tratar sobre temas que fazem parte da realidade dos alunos, que geralmente não são temas curriculares. A escola e o lar dos alunos não estão em sociedades diferentes, então a escola não deve se cegar as demandas dos alunos; Nova Escola ensina aos professores como lidar com essas questões.

Revista 7

Revista Nova Escola Ano 3, nº 295.

Caro educador

Título do editorial: Educação sem tabu. Não importa sexo, modelo de alfabetização ou estilo musical. O que vale é ensinar (e aprender). Por Leandro Beguoci, Diretor editorial e de produtos. (Anexo VII).

U. de análise	U. de contexto
1.Diferenças	Na revista Nova Escola há pessoas de todos os tipos, gêneros e credos ou sem credo, porém, ninguém nega o princípio da escola pública de qualidade para todos.
2.Prática de igualdade	A revista propôs pôr em prática a igualdade e diversidade em sua redação, dando o máximo possível dos conteúdos serem produzidos por mulheres, dando foco no feminismo.
3.Assuntos difíceis para as aulas	Mostrar que é possível tratar de temas tabus em aulas, como o funk, a escola não vive em uma realidade paralela.

Nossa última edição pesquisada, novembro de 2016, toca em um assunto delicado e complexo, mas diz apontar soluções para ele: o desgaste físico e mental do professor. Os professores da educação básica de ensino sofrem diversos problemas relacionados as más estruturas de trabalho, má remuneração, problemas disciplinares com alunos e isso tira a sua motivação de ensinar, mas segundo a revista, o bom professor não pode estar despedaçado e a revista tem a tarefa de auxiliá-lo mais uma vez.

O editor menciona uma realidade em muitas escolas brasileiras, professores com problemas psíquicos e físicos de uma rotina de trabalho cansativa, desmotivada e frustrante. Aqui

não é mencionado o culpado por esses problemas, mas menciona que os professores não o são. É mencionado também que esse assunto deve ser abordado, a saúde mental do professor deve ser vigiada e restaurada, para que ele possa educar bem, com qualidade.

Mesmo em um assunto tão sério, que necessita (em muitos casos) de profissionais da psicologia, a revista menciona que ela tem caminhos a indicar para o professor transpassar essa fase difícil. A Nova Escola se diz ter um compromisso sincero com os professores e por este motivo espera ajuda-los.

Não é culpa do professor os fatos que o levou ao desgaste mental, mas a revista oferece um paliativo para os seus sintomas? Ela tira a culpa do professor, mas não dá indícios de apontar e trabalhar as causas, ela dá passos ao professor seguir e ele deve superar a situação. Nos parece mais uma vez que as condições educacionais se iniciam e terminam em sala de aula.

Revista 8

Revista Nova Escola Ano 31, nº 297.

Caro educador

Título do editorial: Falar é um bom começo. Você não está sozinho. Somos todos vulneráveis. Por isso, precisamos conversar sobre saúde mental. Por Leandro Beguoci, Diretor editorial e de produtos. (Anexo VIII).

U. de análise	U. de contexto
1. Cabeça de professor	Milhares de professores tem depressão, ansiedade, desmotivação. O prazer de ensinar desaparece, a culpa não é do professor.
2. Passos para encarar	A revista quer tirar esses problemas da gaveta. Ensinar não deve ser um fardo, o problema deve ser visto. Para educar bem o professor deve ser inteiro. A revista mostrará caminhos para passar por essas dificuldades, listando alguns passos para encarar os fantasmas.
3. Bom professor	O que trouxe os professores até a revista, um compromisso sincero em levar pessoas a pensar por elas mesmas. O bom professor precisa estar inteiro, a revista espera que ela seja positiva em ajuda aos professores.

Percebemos que os editoriais além de promover a revista do mês, de explicar sua construção e matéria de capa, os editores enaltecem muito a revista. Mostram qual a importância da Nova Escola, mostra que os educadores podem confiar nela, que seus profissionais são competentes. Também podemos notar que a revista se apresenta como uma auxiliadora dos professores, ela é tão inovadora que permite os professores quase que “continuar a sua formação como professor” através dela.

A revista sempre traz o mais inovador quando ao campo educacional, as últimas e novas discussões, as novas metodologias, a solução para muitos problemas enfrentados nas escolas. Nova Escola transmite receitas, passos que os professores podem e devem seguir, se desejarem serem bons educadores. Aquele professor que não tem tempo para voltar a universidade, continuar sua formação, procurar especializações, pode encontrar na revista uma oportunidade de qualificar e renovar o seu trabalho.

No próximo capítulo, analisaremos diretamente os artigos de História. Poderemos perceber o que eles informam aos professores do ensino de história. Eles seguirão o mesmo modelo de receituário? Responderemos essa e outras questões com nossa análise de conteúdo e poderemos traçar o perfil de ações dos educadores de História através do sugerido pela revista Nova Escola.

3 AS PRÁTICAS INOVADORAS NAS AULAS DE HISTÓRIA

Percebemos no capítulo anterior que a revista se auto intitula como um produto que pode auxiliar o professor na renovação de seu trabalho. Nos editoriais percebemos um alto grau de responsabilidade que a revista se posiciona, como um instrumento de inovação do trabalho do educador brasileiro. Neste momento partiremos para a análise das aulas de história.

O que há de tão inovador nas aulas (práticas) sugeridas, o que é ser inovador, são realmente aulas inovadoras? A partir do sugerido aos professores, iremos confrontar com alguns escritos sobre o ensino de História, para balancear o novo que a revista traz e o que pesquisadores do ensino de História vem falando há algum tempo.

No primeiro artigo que analisamos vemos algo que os editoriais já mencionaram, o uso de bons exemplos, exemplos que deram certo com bons professores de História e seu compartilhamento de ideias a outros educadores através da revista. É incentivado aos professores valorizarem a realidade local de seus alunos, valorização da História pessoal e familiar, englobando a valorização do seu espaço geográfico e voz a povos indígenas.

Já nos é sabido, que alunos precisam sentir a relevância da História para a sociedade, ter pertencimento e desenvolver a capacidade interpretativa. Sabemos também que principalmente aos sextos anos do ensino fundamental, a História Antiga¹⁹ é algo distante e sem relação com o hoje. A aula sugerida aos professores tende/pretende a aproximar o aluno da História e a valorização de sua trajetória como uma trajetória histórica e ligada a um contexto maior.

Essa proposta também faz um paralelo com outras áreas de conhecimento escolar, podendo referenciar a geografia e ciências como auxiliadora ao abranger o espaço e a natureza que circundam os alunos. Relacionado ao espaço e histórico local, a valorização da narrativa ‘nativa’ e histórico de povos originários é incentivado.

Essa proposta que deu certo em uma realidade, é incentivada a ser reproduzida em outras. Para a revista, essa proposta poderá ajudar que os alunos valorizem seu lugar, sua história e perda da visão que muitos bairros brasileiros têm de depreciação. Valorização e pertencimento foram propiciados aos alunos de uma professora de uma escola pública de Sapopemba em São Paulo.

Revista 1.

Sala de aula: História do 6º ano

¹⁹ Geralmente presente nos conteúdos programáticos do sexto ano do Ensino Fundamental.

Título do artigo: O florescer de uma história. Alunos modificam o olhar sobre onde vivem ao focar a própria trajetória. Por Priscila Cardoso²⁰. (Anexo IX).

U. de análise	U. de contexto
1. Realidade local	Compreensão da realidade do local onde os alunos estão inseridos e reverter uma imagem de auto depreciação e desvalorização.
2. Vida pessoal	Conhecer a própria história.
3. Envolver a família	Reconhecer os familiares como portadores de memória e saberes que podem contribuir com o aprendizado dos alunos
4. Noções de espaço	Localizar os alunos no seu micro e macro território e a relação de sua região com a natureza.
5. Povos indígenas	Dar voz ao conhecimento e história dos indígenas sobre a região e sua história.
6. Despertar	Mudança de visão e pensamento, interesse por sua história e seu território, sentimentos de pertencimento e valorização.

Nosso segundo artigo analisado já possui o traço de “receituário” que já mencionamos na análise dos editais, “(...) Como abordar o extremismo religioso sem cair em estereótipos e preconceitos.” Este artigo não vem de uma experiência de sala de aula, mas sim, construído por uma estagiária com uma colaboração, nada muito mais abrangente é explicitado sobre elas.

Um dos conceitos apresentados nesse artigo que nos chamou muito a atenção foi que professores pegam caminhos mais fáceis para tratar de temas polêmicos, assim poderiam produzir muitos estereótipos. Não sabemos baseados em quais informações esta afirmação foi construída. Esse artigo ensina de que maneira os professores podem fugir dessa situação.

O professor deve promover debates em sala de aula, mas embasados em fontes e documentos. Apresentar aos alunos culturas diferentes, romper as concepções de sempre, promover o estabelecimento de novas relações, olhar outros vieses de pesquisa. Observar pontos positivos vindos de encontro de culturas, pôr à prova concepções e senso comum sobre culturas e povos diferentes.

²⁰ Não foi encontrado na revista nenhuma referência sobre Priscilla Cardoso. Esse artigo expõe um projeto da professora Rosely Marchetti Honório do 6º ano de uma escola pública de Sapopemba em São Paulo.

Sair do eixo Brasil e seus conquistadores, olhar para outros povos e perceber os preconceitos e intolerâncias sofridas em outros territórios; promover comparação com os casos brasileiros. Essa aula incita aos professores permitirem o debate em sala de aula, o contato com fontes e documentos, a interpretação dos alunos e como resultado, rompimento de senso comum e preconceitos.

Revista 2.

Sala de aula: História do 7º e 8º ano

Título do artigo: Duas civilizações e um conflito antigo. Como abordar o extremismo religioso sem cair em estereótipos e preconceitos. Por Ariane Alves e Bruna Escaleira²¹. (Anexo X).

U. de análise	U. de contexto
1. O caminho mais fácil	Ao estudar temas polêmicos é comum o professor pegar o caminho mais fácil e muitas vezes reproduzir estereótipos.
2. Promover discussões	Comparar relatos, documentos, fontes antigas com atuais ajuda a promover o debate na sala de aula.
3. Estranhamento	Conhecer culturas diferentes e suas relações amplia a visão de mundo dos alunos.
4. Sair do óbvio	Ultrapassar as mesmas concepções e perceber as relações culturais não apenas por um único viés.
5. Não apenas o negativo	Nas relações e embates entre diferentes culturas deve-se perceber os pontos positivos desses encontros, as riquezas culturais advindas dessas relações.
6. Romper o senso comum	Trabalhar para pôr à prova ideias que permeiam o senso comum e o imaginário a população, principalmente com culturas distantes e diferentes.
7. Relações abrangentes	Relacionar preconceitos, extremismos e intolerância em diversas ocasiões, como as vivenciadas no Brasil como as outras de regiões estudadas.

²¹ Ariane Alves é apresentada como estagiária e Bruna Escaleira colaborou nessa edição.

O terceiro artigo que analisamos nos mostram uns pontos interessantes ao tratar de um assunto que, segundo a revista, não pode cair no patriotismo exacerbado e nem na negativa de sua existência e reproduções automáticas de professores.

Ao falar sobre a Independência do Brasil, o texto escrito por estagiário que entrevistou professores de História, menciona que a criticidade, tão mencionada como uma necessidade nas aulas, não é algo de orientar os alunos a desenvolverem. Principalmente se o professor reproduzir um ensino tradicional, indiretamente percebemos aqui o que um bom professor não pode fazer: sentar-se e ler o livro didático com os alunos, apenas reproduzindo um conhecimento.

No imaginário coletivo há muitas ideias ultrapassadas, um ufanismo, os vultos, que também se fazem presente nas aulas tradicionais de história. O professor de história deve romper com esse ensino, desmitificar mitos e ídolos nacionais. Mais uma vez o uso de diferentes fontes, fontes atuais e documentos, perceber diferentes visões de história podem produzir o efeito desejável.

Nessa revisão de visões ufanistas, comparações com outras teorias e diversas fontes o professor poderá mostrar aos alunos como a história é construída, como esses mitos se construíram e as suas finalidades. Assim os alunos terão mais facilidade de entender e interpretar os eventos narrados nas grandes datas comemorativas e seus vultos.

Revista 3.

Sala de aula: História do 6º ao 9º ano

Título do artigo: A pátria além do hino e da bandeira. Documentos e narrativas ajudam a formar um olhar crítico sobre a independência do Brasil. Por Pedro Annunciato²². (Anexo XI).

U. de análise	U. de contexto
1. Visão crítica	Não é fácil orientar os alunos para ter uma visão crítica.
2. Ensino Tradicional	Um ensino nacionalista de um tempo em que os professores sentam nos bancos escolares e reproduzem o imaginário coletivo.

²² Pedro Annunciato, segundo a fixa técnica da revista é estagiário. Para a construção do artigo entrevista especialistas como: Juliano Sobrinho, professor de História na Universidade Nove de Julho (Uninove). Luiz Paulo Lima, professor da escola EM Ceará. Daniel Helene, coordenador pedagógico do Centro de Estudar Acaia Sagarana.

3.Desmitificação	Desmitificar ideias enraizadas no imaginário coletivo.
4.Diferentes fontes	Uso de diferentes fontes e comparação e outras versões para um fato. Relação presente-passado, passado-presente. Fontes atuais.
5.A construção da História	Professor deve proporcionar uma reflexão de como a História é construída.

Um professor de história novamente é consultado para que os jornalistas e estagiários criem o artigo de História. No caso do quarto artigo, temos mais um comando aos professores “(...) combine arqueologia e tecnologia para apresentar o passado do maior império que o mundo já viu.”, o centro desse artigo é uso de tecnologias em sala de aula.

Como mencionado também no artigo da revista 1, aqui foi reafirmado a importância de aproximar a História para os alunos, quando algo é muito distante, geralmente não chama muito a atenção dos educandos. Nesse artigo é incentivado também que os professores valorizem e se utilizem de outras ciências, aqui é apresentado o uso da arqueologia.

A *ciberarqueologia*, museus online, acervos digitais em 3D e outros, são incentivados a serem utilizados nas aulas de História para fazer a aproximação da História com os alunos, torna-la mais acessível, propiciar interação dos alunos com a arqueologia.

A tecnologia é apresentada pelo o artigo como um instrumento que pode expandir os horizontes dos educandos, celulares, tablets e computadores são incentivados. Mas devemos ressaltar que a revista Nova Escola se direciona a professores de escolas públicas, conhecendo um pouco sobre as condições escolares brasileiras, através mesmo de meios de comunicação, sabemos que muitas escolas não possuem internet ou aparelhos adequados para o uso.

Revista 4.

Sala de aula: História do 6º a 8º ano

Título do artigo: Quem tem mapa vai a Roma. Combine arqueologia e tecnologia para apresentar o passado do maior império que o mundo já viu. Por Leonardo de Sá e Bruna Escaleira²³. (Anexo XII).

²³ Leonardo de Sá não é mencionado na ficha técnica da revista e Bruna Escaleira é apresentada como colaboradora. O texto foi escrito sob a consultoria de Ricardo Buzzo, professor de História da Escola da Vila, em São Paulo.

U. de análise	U. de contexto
1.Relacionar e comparar	Quando um tema é distante dos alunos é necessário aproximar dele com comparações sobre o contexto atual/ conhecido.
2.Saberes da arqueologia	Valorizar os vestígios ajuda a compreender características sociais, culturais e psicológicas de um povo.
3.Uma novidade	A <i>ciberarqueologia</i> pode ser a aproximação dos saberes museológicos e torna-los acessíveis. Modelos 3D permitem a interação do aluno com os vestígios arqueológicos.
4.Tecnologia	Serve para chamar a atenção dos alunos, o uso de celulares na escola e outras tecnologias é expandir os horizontes.

No título quinto artigo analisado percebe-se mais um comando ao professor: “faça o mesmo em suas aulas”, este texto se refere a novas pesquisas e descobertas sobre as comunidades quilombolas. Este artigo também foi escrito por uma estagiária entrevistando especialistas no assunto.

Sobre as novas perspectivas de pesquisas e fotografias dos atuais quilombos, é incentivado fazer um contraponto com as imagens dos livros didáticos, principalmente imagens já tradicionais e antigas. Além das imagens, o que o artigo chamou de “ideias fixas do livro” contrastar com a atual realidade para se ter um novo olhar; aqui percebemos uma visão um tanto negativa dos livros didáticos, quase que dizendo que eles não são atualizados e que propagam visões já superadas sobre o assunto.

Logo em seguida o texto menciona uma das visões deturpada que talvez surja em alguns materiais didáticos: a história do negro no Brasil ser contada de cima para baixo, da perspectiva do fazendeiro branco. Deve-se ver esse conteúdo de outra perspectiva, de baixo para cima, dar voz aos que sempre foram calados. Deixar os quilombos falarem, mostra “outro lado da história”, ajuda a dissipar o senso comum.

É necessário, segundo a revista, que os professores conheçam novas perspectivas, novas pesquisas sobre o assunto; a revista está fazendo sua parte informando os professores. Buscar nos quilombos sobreviventes similaridades com o passado, buscar neles costumes que sobreviveram ao tempo.

Segundo a revista, esses olhares que ela proporcionou é renovador, seguindo esses passos os professores renovarão o conhecimento sobre a temática e vai proporcionar a quebra do senso comum dos seus alunos e que é apresentado pelos (alguns) materiais didáticos.

Revista 5.

Sala de aula: História do 8º ano

Título do artigo: A nova história dos velhos quilombos. Pesquisas derrubam estereótipos sobre essas comunidades. Faça o mesmo em suas aulas. Por Monise Cardoso²⁴. (Anexo XIII).

U. de análise	U. de contexto
1. Novo olhar	Ideias fixas de livros didáticos x fotos atuais de um quilombo.
2. História de baixo para cima	A História do negro no Brasil é contada de cima para baixo, pelo olhar do fazendeiro branco. Nas versões oficiais há estereótipos.
3. Além do senso comum	Compreender o estudado além do senso comum.
4. Visão renovada	Trabalhar com uma visão renovada do assunto, novas pesquisas.
5. Presente da História	Conhecer os quilombos que ainda sobrevivem. Similaridades do cotidiano passado com o presente (músicas, danças, jogos).

O sexto artigo de nossa pesquisa é a junção da sessão História e Geografia, sendo uma aula que pode ser desenvolvida por ambas disciplinas individualmente ou unidas. Aqui a inovação apresentada é o uso da fotografia, mencionada como um ótimo recurso, pois as imagens contam uma história.

Através das imagens é possível perceber mudanças ao longo do tempo e a revista incentiva o olhar a questões econômicas e sócias, além da passagem, que é importante também. No caso deste artigo, discutiu-se as grandes obras públicas relacionadas a algum evento importante, e a visibilidade que se terá para o exterior com as mudanças.

²⁴ Monise Cardoso segundo a fixa técnica da revista é estagiária. Para a construção do artigo entrevista especialistas como: Waldson de Souza, coordenador do projeto Autorretrato- O Nordeste que é a nossa cara. Martha Campos Abreu, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Eric Brasil, professor da escola EM República El Salvador.

Entender as motivações, intencionalidades de mudanças na paisagem podem mostrar interesses governamentais, políticos, privados, assim os alunos podem criar hipóteses e deve-se expor as ideias desenvolvidas pelos alunos. Mais uma vez, como em outros artigos analisados, a participação do aluno, o incentivo de sua racionalidade é promovido pela revista.

Revista 6.

Sala de aula: História e Geografia

Título do artigo: O novo e o velho Rio de Janeiro. O porto revitalizado para as Olimpíadas é um bom exemplo do estudo de paisagens pela comparação de imagens. Por Larissa Darc²⁵. (Anexo XIV).

U. de análise	U. de contexto
1. Imagens como recursos	Toda imagem/paisagem conta uma história. As imagens são um ótimo recurso para entender as causas das transformações de lugares ao longo do tempo.
2. Comparação	A comparação entre o passado e o presente propicia a análise do espaço, do contexto econômico, social, chegar a hipóteses, deve-se após expor as ideias.

O sétimo artigo analisado da Nova Escola, nos faz mais uma referência a relações que sempre são desenvolvidas nas escolas, e que não trazem nada de novo. Próximo a eleições, ou ao estudar a História da Grécia Antiga, os professores fazem a ligação entre a democracia grega e os processos eleitorais no Brasil.

Apresentando algo novo, como a revista sempre se propõem, ela mostra que os professores podem abordar o tema de uma forma diferente. A democracia grega não precisa ser descartada, mas as questões eleitorais podem ser abordadas de outras formas, por exemplo, mostrar outras formas de democracia.

O artigo incentiva os professores a partirem da forma mais simples (mais próxima) entender a democracia brasileira, para depois apresentar outros sistemas democráticos de escolha de lideranças. Como duas sugestões, a revista incentiva o exemplo da Inglaterra, o parlamentarismo e o sistema de distribuição de votos dos Estados Unidos da América.

²⁵ Larissa Darc segundo a ficha técnica da revista é estagiária.

Por fim o artigo menciona que mostrar diversas formas de se entender um assunto, dar novos horizontes aos alunos, torna a História mais dinâmica e interessante para os alunos. Mostra como a História é dinâmica e que sofre mudanças, que ela não é fixa e imutável. Neste artigo percebemos uma sugestão bem direta e clara, sair do “mesmo ao ensinar a democracia através da Grécia Antiga”.

Revista 7

Sala de aula: História.

Título do artigo: O que o voto quer dizer. Ele é essencial, mas não garante a democracia. E vale coisas diferentes em lugares diferentes. Mostre com exemplos de Iraque, EUA, Inglaterra e Brasil. Por Rodrigo Ratier²⁶ e Monise Cardoso. (Anexo XV).

U. de análise	U. de contexto
1. Jeito criativo	Uma forma diferente de abordar eleições é fugir da velha fórmula da democracia grega, não que ela deva ser descartada, mas tratar esse tema de forma mais ampla pode ser ao usar a comparação entre diferentes democracias.
2. Começar pelo caso brasileiro	Partir de um sistema mais próximo e conhecido dos alunos, comparar o sistema brasileiro com outras democracias.
3. Formas diferentes	O caso inglês é um bom exemplo a ser estudado, o parlamentarismo. O sistema de distribuição de votos nos Estados Unidos é uma boa comparação.
4. História dinâmica	Apresentar as diversas formas e mazelas dos sistemas políticos torna a história dinâmica e a mostra como sujeita a mudanças.

“Prepare-se”, um aviso que o último artigo que analisamos faz aos professores de História. A Base Nacional Comum está às portas e os professores devem estar preparados para as novas demandas. O artigo alerta que discussões sobre a escravidão na América Latina ganhará espaço no novo documento nacional de educação, para isso, a Nova Escola prepara os professores.

²⁶ Rodrigo Ratier é Diretor executivo da revista impressa.

Algo que já é previsto em lei desde o ano 2003²⁷, é incentivado por este artigo, mencionando que não devem os professores ensinar somente o contexto de escravidão brasileiro e europeu. É necessário olhar para outras realidades americanas e principalmente para as realidades africanas, assim o professor promoveria uma visão ampla do assunto. É necessário sair do senso comum, como tratar a história africana como apenas os escravos no Brasil.

Outra dica aos professores é fazer comparações de questões culturais vindas da miscigenação, vindas da cultura africana, o que elas produziram no Brasil e o que produziram em outras nações. Assim, o professor realização a relação presente- passado e aproximará os alunos da História, eles poderão interagir mais com o conteúdo.

Revista 8º

Sala de aula: História.

Título do artigo: Vergonha continental. O debate sobre a escravidão nos países da América Latina deve ganhar espaço com a aprovação da nova Base Nacional Comum. Prepare-se. Por Karina Padial²⁸. (Anexo XVI).

U. de análise	U. de contexto
1. Visão ampla	Sair de somente estudar o contexto brasileiro e europeu. Olhar para África e América Latina.
2. Olhar diverso	Olhar de forma diversa o continente que o Brasil pertence, semelhanças e diferenças.
3. Desmitificação	Sair do senso comum do negro, escravo em outros países latinos.
4. Relação presente-passado	Pensar aspectos culturais do Brasil em comparação com os aspectos culturais de outros países, e sua construção histórica.

Podemos perceber nos artigos da sessão de História várias dicas, receitas, instruções aos professores. Essas dicas são diretas e pontuais, “faça isso, relacione aquilo, em tal escola esta experiência deu certo”. Segundo as propagandas da revista, já citadas anteriormente, a Nova Escola leva ideias inovadoras aos professores brasileiros. No quarto capítulo iremos discutir

²⁷ Lei No 10.639, estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e História da África.

²⁸ Karina Padial segundo a fixa técnica da revista é repórter. Para a construção do artigo entrevista especialistas como: Rafael Marquese, professor de História da América Colonial na Universidade de São Paulo (USP). Ynaê dos Santos, historiadora da FGV.

essas ideias veiculadas nos artigos, o que é uma aula inovadora para a revista? São elas realmente inovadoras? Assim descortinaremos o professor de História e sua prática. Iremos pensar essas questões e utilizaremos escritos de teóricos do ensino de História para relacionar as ideias inovadoras, com o que já é proposto para o ensino de História há muitos anos.

4 BOAS PRÁTICAS DE BONS PROFESSORES

Após analisarmos os editoriais, os artigos de História, objetivaremos nossa escrita para pontuar, de tudo o que captamos de nossas fontes, o professor de História em sua prática, na revista Nova Escola. Percebendo o que a revista veicula como inovador para as salas de aula, buscamos em alguns teóricos do ensino de História, discussões acerca das temáticas levantadas pela revista. Iniciaremos este capítulo com uma autopropaganda da Nova Escola (Figura 3).



Figura 3. Autopropaganda revista Nova Escola.

Revista Nova Escola, ano 31, nº 295, p. 5.

Esta propaganda exemplifica a auto visão da Nova Escola. Em outros momentos já mencionamos que a revista se apresenta como uma ferramenta de auxílio ao professor, ela leva o que há de mais novo sobre a educação para os educadores. Como mencionadas pelas educadoras, leitoras de Nova Escola, a revista dá possibilidades para as salas de aulas, “mostra exemplos de sucesso que podem se repetir em sua sala de aula”; uma das educadoras menciona que a NE não produz receituários, mas propõe planejamento.

Ao olharmos para nossas fontes, os editoriais e os artigos de História, percebemos concepções sobre o professor, sobre educação, o papel da educação nas escolas, o papel do professor e as práticas inovadoras que a revista propõe. A propaganda citada acima, nos chama a atenção, por sua veiculação de duas educadoras, de gerações diferentes valorizando o material produzido para os professores; a revista ressalta a sua utilidade e efetividade.

Também nos permitimos repetir aqui, o que nos chamou muito a atenção quando analisamos os editoriais e artigos, todos são escritos por jornalistas, muito não tem uma relação em sua formação acadêmica com a educação; geralmente os artigos são escritos por jornalistas que entrevistam professores e pesquisadores. Após a retomada destes itens importantes para nossa pesquisa, podemos partir para nossa leitura e considerações sobre o professor de História e sua prática na revista Nova Escola.

Nos editoriais números 3 e 5, podemos delinear algumas considerações sobre o professor de História. Em sua carreira ele enfrenta alguns dilemas, e a revista traz exemplos **de professores que superam esses dilemas e conseguem cumprir com suas funções sem se vitimar**. É também exaltada a função do professor de uma forma que é utilizada a palavra missão, **ensinar é uma nobre missão e sobre suas mãos recaem oportunidades de mudar vidas**. Ainda é incentivado o reconhecimento dos profissionais e a necessidade de sua valorização.

A partir dessas ideias, podemos perceber que a revista tem uma visão de professor “salvador da pátria”, não negam que sua carreira é difícil, que necessitam de valorização, mas ele não pode se dobrar frente as dificuldades, se há professores que conseguem superar essas barreiras, os leitores de Nova Escola também o podem. A palavra missão relacionadas a função dos professores, pode conotar como valorização, como um trabalho imprescindível para a humanidade, mas também pode parecer colocar as responsabilidades da educação inteiramente nos ombros dos professores. Um missioneiro que apesar das dificuldades, os estigmas, passa por sua “via dolorosa” e não deixa de cumprir com maestria seu papel.

Mas nessa missão os professores não estão sozinhos, no editorial número 4, a revista mais uma vez, apresenta sua nobre função. A revista tem um dever de entregar boas propostas aos professores, e os professores podem nela confiar, pois a revista faz um estudo reflexivo sobre si e se debruça sobre a rotina das salas de aula, ela conhece bem esse ambiente. **O bom professor precisar estar inteiro**, é o que nos diz o edital de número 8, cada vez mais os professores estão passando por dificuldades relacionadas a sua saúde mental, há estresse, ansiedade, desmotivação, mas a revista também, em seu grande compromisso com os educadores, mostra caminhos para superar essas dificuldades; mais uma vez espera-se que se

cumpra o papel auxiliador da revista, e nos permite entender que **mais uma vez os resultados estão entre as mãos do professor.**

Nos editoriais de número 2, 6 e 7, reafirmado está o papel de importância da revista Nova Escola, ela tem feito sucesso, é reconhecida e seus jornalistas são conhecedores da educação, eles possuem uma orientadora pedagógica na redação, ou seja, ela é confiável aos professores. Aqueles professores que não são afeitos a tecnologias, a revista ensina como usá-las, ela traz ferramentas para **professores conectados.** Existem nas salas de aulas diversos alunos e suas formas de aprender são diversas também, **um bom professor inclui todos os alunos, quando ele percebe que necessita alcançar a todos, e assim, educa melhor.** Pensar a realidade de uma sala de aula brasileira, a formação do professor, esses conceitos podem frustrar alguns educadores na prática. É esperado que um professor não utilize sempre as mesmas ferramentas de ensino e procure sempre variar para alcançar a todos, mas há outras variantes que ultrapassam o limite das salas de aula, principalmente se tratando da educação pública; há muitos pesos nas costas dos professores, parece que o sucesso ou fracasso dos alunos dependem exclusivamente deles.

Ainda sobre ensinar a todos, sem distinção, a revista se mostra como exemplo ao produzir uma edição inteiramente por mulheres, e mostra aos professores que a escola não vive separada da sociedade, que os temas tabus devem ser tratados em aula, a revista mostra como. Mesmo mencionando as dificuldades da carreira, a falta de valorização do magistério, e tantas outras dificuldades enfrentadas pelos professores e escolas públicas, a revista mostra caminhos, ferramentas, receitas para se superar essas questões. Novas ideias e formas de se fazer o dia-a-dia da sala de aula são realmente bem-vindos, principalmente para os professores que possuem grande quantidade de carga horária, e a revista cumpre com as suas sugestões; mas há uma conotação de superação de problemas que se iniciam e terminam com os professores, de silêncio as responsabilidades de órgãos e competências públicas.

Nos artigos da disciplina de História, apresentados na seção Sala de aula, conseguimos delinear quais seriam as práticas inovadoras sugeridas aos professores. Com os dados retirados de nossa pesquisa de conteúdo, enunciaremos alguns pesquisadores do Ensino de História para relacionar o “novo” anunciado pela revista.

Nos artigos de História números 2, 3, 7 e 8 temos a menção do chamado ‘ensino tradicional’ e o senso comum, algo que os bons professores devem fugir. É incentivado nesses artigos **o professor romper o senso comum, deixar o caminho mais fácil que reproduz estereótipos.** Principalmente se tratando de temas polêmicos como religiões. Para romper o

senso comum, **o professor deve privilegiar a abrangência dos temas, não operar por uma única perspectiva e permitir a interação dos alunos.**

Sobre o ensino tradicional, é alertado sobre o estudo de momentos históricos que podem ser levados a um sentimento nacionalista, e por vezes, está impregnado imagens de grandes heróis e grandes momentos nacionais no imaginário da população. **O professor deve desmitificar essas imagens enraizadas no imaginário coletivo;** e a revista faz um alerta de que essa tarefa não é nada fácil. **Um bom professor não se utiliza da História tradicional,** no molde em que o professor detentor de todo saber, transmite seus conhecimentos aos alunos passivos.

Uma clássica leitura e repetidamente citado o livro “O saber histórico em sala de aula”, organizado por Circe Bittencourt tem textos muito importantes para se pensar a figura do professor de História e o seu fazer. O livro conta com diversos autores, mas queremos destacar o texto de Maria Auxiliadora Schmidt “A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula”, a autora menciona que há muito tempo se discute a renovação do ensino de História e a ruptura com a chamada “História tradicional”, o descaso do governo com o ensino e a falta de recursos para os professores.

A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. Na sala de aula se evidencia, de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica (SCHMIDT, 2004, p. 57).

A sala de aula se faz pelo encontro de duas gerações, a dos alunos e a do professor, nesse sentido podemos perceber uma das tensões mencionadas por Schmidt. A expectativa do professor de História com seu conteúdo e expectativa do estudante que recebe este conteúdo pode ser diferente, o entendimento da serventia daquele processo também pode ser diferente, e por muitas vezes é.

O caminho que um professor percorre para chegar a sua posição passa por sua educação básica, a educação superior que lhe dá base de seu conhecimento específico e formativo da docência e se estende e se confirma e se confronta na sala de aula. Em muitos dos casos esse percurso é marcado por grandes rupturas quando a formação pedagógica do professor de História não é bem desenvolvida. Muitas vezes centrado somente no conhecimento Histórico para adultos, os cursos de licenciatura não conectam esse conhecimento para o ensino de história e essa costura tem que ser feita pelo próprio professor no seu cotidiano escolar.

O ensino de História tradicional mencionado pela revista Nova Escola é aquele quase caricato, onde uma professora reproduz grandes vultos do passado, com seu caderno amarelado introduz questionários para seus alunos responderem. Há um pouco de tradicional em todas as aulas, o momento em que o professor se utiliza da transmissão didática, ou seja, por sua oralidade ensina algo, pode ser chamado de tradicional.

As discussões em torno de um ensino tradicional por pesquisadores como Maria Auxiliadora Schmidt, ultrapassa essa visão da revista (não que ela não possa ocorrer em alguma sala de aula hoje), mas são questões mais aprofundadas como a transformação do saber acadêmico, em um saber escolar e encontro de gerações diferentes. Dessas discussões podemos extrair a primeira **prática do bom professor da revista Nova Escola, ele rompe o senso comum ao permitir interação na sala de aula e uso de concepções diferentes sobre um assunto; este professor não reproduz uma História tradicional.**

Continuando na perspectiva de romper o senso comum, de fugir do tradicional, de dar voz e participação aos alunos, entra nos artigos de números 1, 2, 3 e 8 o uso de fontes e documentos históricos são outra prática é impelido a ser utilizado. U uso de diferentes fontes e documentos propicia os alunos a terem uma visão mais abrangente da História. **É muito incentivado o uso de diferentes fontes/ documentos e a comparação entre eles, para possibilitar uma visão crítica e diversa sobre um tema estudado.** Utilizando de diversas fontes e promovendo a sua comparação, **o professor possibilita aos alunos conhecer como a História é produzida, entender os processos de formação de uma ‘verdade histórica’, e pode assim desmitificar sentidos comuns.**

Maria Auxiliadora Schmidt começa uma defesa para a chamada “transposição didática do fazer histórico”, que seria, segundo a autora, a atividade do historiador na sala de aula, onde o aluno possa fazer parte da construção do conhecimento (SCHMIDT, 2004, p. 59). Devemos dar atenção para o momento histórico onde a autora escreve, era fim da década de 1990, discussão sobre transposição didática. O aluno ser um mini historiador, já foi muito discutida, porém entendemos que o mencionado “a atividade do historiador” para os alunos seria no sentido de que eles tivessem em suas mãos materiais que os proporcionassem uma pesquisa variada.

A compreensão e a explicação históricas devem ser privilegiadas nas aulas, a problematização, construção de conceitos, uso de documentos históricos entre outros, produz uma participação ativa dos alunos. Os professores devem também propiciar aos alunos o questionamento entre as continuidades, descontinuidades, rupturas, permanências e etc. não sendo o centro do conhecimento histórico, mas uma essencialidade para desenvolver o

pensamento histórico está nos conceitos e temporalidades, estes são basilares para o ensino de História. As discussões sobre o uso de fontes e documentos em sala de aula são antigas e realmente enriquecem as aulas, direcionadas adequadamente pelos professores.

Tanto no editorial de número 4 como no artigo número 2, as tecnologias são incentivadas a adentrar as salas de aula. **A revista faz um alerta aos professores que não são afeitos a elas, e revista ensina os professores e incentiva o uso de tecnologia.** As tecnologias, principalmente nas aulas de História, podem aproximar o passado distante dos alunos, há diversas formas de utilizá-las e devem ser, pois **ela (tecnologia) chama a atenção dos alunos e expande horizontes.**

Se no fim da década de 1990, Schmidt já falava na variedade de informações, tecnologias que poderiam ser utilizadas em sala de aula, mais riqueza e facilidade de uso temos hoje. Mas a autora nos faz um alerta que ainda é muito pertinente, qual é a utilização dessas tecnologias? É para substituir o professor, para tapar uma lacuna de horário, para descontraír os alunos? O uso de tecnologias é outro assunto bastante discutido, mas há algumas barreiras que talvez impeçam as escolas públicas brasileiras de utilizá-las como a falta de equipamentos e internet.

Nos artigos 1, 5 e 6 outras práticas são disseminadas como **o professor deve conhecer a realidade de seus alunos**, e assim **proporcionar o conhecimento da sua História, desenvolver em seus alunos o pertencimento e relevância de sua família, seu local de origem.** Com a valorização de sua História os professores podem **incentivar a memória de familiares dos alunos como fontes para o desenvolvimento da valorização da História local.**

Como valorização de seu espaço, do bairro, da comunidade, **olhar para a geografia pode enriquecer as aulas de História e ser uma fonte rica de estudo.** Os saberes dos povos tradicionais, a **arqueologia é outra ciência valorizada para complemento e base dos estudos.** E ao olhar para os povos originaís, para as populações negras, deve-se fugir dos estereótipos, deve-se trabalhar com uma visão renovada sobre o assunto. **Romper o senso comum, olhar para as riquezas produzidas do encontro de povos tão diferentes, olhar realidades fora da escravidão brasileira, fazer comparações. As imagens são colocadas como uma boa forma de fazer essas observações, observar o já cristalizado pelos livros didáticos e imagens atuais, como por exemplo, ao estudar os quilombos.**

Circe Maria Fernandes Bittencourt em sua obra “Ensino de História: fundamentos e métodos” Nessa grande e complexa relação escolar/disciplinar com vários agentes importantes para a sua formulação, há uma figura que mesmo existindo determinações exteriores tem um

papel preponderante no “tom” das disciplinas escolares, o professor. Muitos professores discutem e condenam o “método tradicional” de ensino, sem muitas vezes não saber defini-lo, mas há também professores que sofrem acusações de segui-lo.

Bittencourt nos chama a atenção para alguns pontos que devem ser pensados sobre o método tradicional de ensino. Primeiro, os métodos tradicionais podem permanecer no ensino apesar de métodos inovadores surgirem. Em segundo lugar perceber a diferença entre método de ensino e técnica de ensino pode gerar essa confusão, de se continuar um “ensino tradicional” com novas técnicas em sala de aula.

Em uma explicação bem rasa o ensino tradicional seria aquele que o professor, especialmente pelo uso da oratória, livro didático transmite o conteúdo e o aluno para ter êxito escolar precisa reproduzir o que lhe foi “ensinado” pelo professor. Em um afã para renovar a educação escolar se discutem ideais não aprofundadas de que muitas coisas devem ser abolidas e algo totalmente novo deve ser inserido nas salas de aula, pois as vezes o novo já é algo muito praticado e banalizado e muito do que é considerado tradicional surge, comprovadamente, bons efeitos.

Fundamenta-se na ideia de que ensinar é transmitir um conhecimento e aprender é repetir tais conhecimentos da maneira como foi transmitido, sustentando a visão de que o aluno não possui nenhum saber sobre o que está sendo apresentado como objeto de ensino. Tais concepções de ensino e aprendizado explicam por que um método tradicional pode ser utilizado com tecnologia avançada (BITTENCOURT, 2008, p. 230).

Filmes, documentos, fotografias, computador, passeios pedagógicos podem ser utilizados com frequência na escola como uma aula expositiva, onde os alunos somente recebem informações e suas ideias e conhecimentos, formulações, hipóteses não são consideradas. As práticas sugeridas pela revista Nova Escola, segundo suas propagandas, são inovadoras, negam um ensino tradicional que não permite a interação do aluno e sua construção do conhecimento, mas ao mesmo tempo são práticas que não são tão novas e já vem sendo discutidas e repensadas por muitos autores. Como mencionou Bittencourt (2008), o que é vendido como inovador, pode se tornar uma prática tradicional, se usada de forma vazia e mecânica.

No livro “Repensando o ensino de História”, Paulo Knauss o capítulo “Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como pesquisa” nos afirma, pelo menos no período que escreveu ano de 2001, as escolas eram autoritárias. O conhecimento é autoritário. A História para se tornar conhecimento deverá orientar os alunos ao indagar as relações dos sujeitos, questionar as formas de existências e dar base para se criar um posicionamento sobre o mundo que se vive.

Se o conhecimento não alcançar esses objetivos a norma continua sendo praticada. Romper com as obviedades e produzir conhecimento gera “leituras de mundo”. Knauss nos diz que o conhecimento em sala de aula deve ser produzido de forma coletiva, para que todos os sujeitos presentes possam comunicar-se e desenvolverem-se.

A utilização de documentos históricos é defendida pelo autor, mas como a já citada Circe Maria Bittencourt alertou, qual é a utilização desses documentos? É um anexo do material didático?

Para tanto, a minha proposta sustenta-se na convicção da necessidade de superar a cadeia normatizadora do conhecimento, pronto, acabado e localizado, desabsolutizando as formas de conhecimento, mesmo o científico. Nessa cadeia se inserem como sujeitos passivos professores e alunos, sustentados pelo elo do livro didático- contribuindo para a reprodução de estruturas de pensamento dominantes de maneira acrítica, confundindo o óbvio com o saber. Trata-se, assim, de fazer da construção do conhecimento uma produção humana, em que se instale a ruptura com o senso comum, a partir de bases racionais e científicas. (KNAUSS, 2001, p. 33)

A pesquisa e a investigação podem ajudar a produzir essa ruptura de normatização e óbvio dentro da sala de aula. A análise dos documentos ou qualquer outra metodologia e ferramentas para produzir conhecimento nas aulas, segundo Knauss deve passar pelas etapas de “percepção, intuição, crítica e criação” (KNAUSS, 2001, p. 34). Passando desde as observações primeiras, o que é empírico, para as comparações e análises mais aprofundadas até chegar a uma conclusão, o professor deve ser a figura que conduz e apara as arestas. “O professor deve estabelecer como objetivo um problema que o norteará e que deve ser a meta a alcançar.” (KNAUSS 2001, p. 35).

A professora doutora Flávia Eloisa Caimi escreveu um artigo intitulado “O que precisa saber um professor de História?” pergunta que encaixa com uma das indagações que temos para com os artigos da revista Nova Escola. Caimi explica que sabe que seu título pode soar de maneira negativa, pois o professor é resultado de vários fatores culturais, políticos, pessoais entre outros. Mas sua pretensão é a construção de respostas em âmbito coletivo para indagações dos professores e da sociedade sobre a profissão e especialmente sobre a História ensinada nas escolas.

Uma das exigências sobre o professor de História, como também menciona Flávia Eloisa Caimi, é o trabalho dialogando com as demais disciplinas, domínio do conteúdo, dinamismo, conhecimento sobre atualidades. “Ainda, exige-se do professor um forte compromisso ético, político, social e técnico, diante dos resultados da aprendizagem de seus alunos.” (CAIMI, 2015, p. 109). Desde a década de 1990 há sempre novas demandas de

legislações e renovações historiográficas que os professores devem se adaptar, mesmo que não sejam fiscalizadas, elas podem surgir da comunidade, da escola, dos alunos e do próprio profissional que sente que necessita de renovação. E mesmo com essas demandas, legislações, novas propostas curriculares sabemos que essas mudanças podem ou não se efetivarem no dia-a-dia escolar, as vezes só parcialmente quando não são estruturais.

Para ensinar História é preciso o professor ter domínio do conteúdo, mas não só isso, é preciso didática, é preciso ter a atenção da turma, é preciso ter os materiais, enfim, podemos pensar em tantos pontos que isoladamente não funcionariam e que por vezes todos juntos não são suficientes. Caimi elenca três pontos para pensarmos a prática docente:

Então, supondo-se que o domínio unilateral de um ou de outro elemento não é suficiente para conduzir à docência, vamos focalizar nesses três aspectos para refletir sobre a natureza do nosso trabalho: 1) os saberes a ensinar: história, historiografia, epistemologia e outros; 2) os saberes para ensinar: docência, currículo, didática, cultura escolar e outros; 3) os saberes do aprender: aluno, cognição, pensamento histórico e outros (CAIMI, 2015, p.112).

É esperado que os professores de História dominem os conteúdos a serem ensinados, mas além disso, é preciso que o professor tenha um conhecimento além do canônico dos livros didáticos, que através da literatura, música, fotografia, filmes, fontes, e etc. possam oferecer algo a mais a seus alunos e saber receber deles estes outros materiais para conectar ao que vai ser estudado. O professor precisa deixar claro que História é uma construção e que há diversos caminhos para fazê-lo, que há diversos caminhos, teoria, vieses, interpretações, há ideias já consolidadas, mas há muitas contradições.

Nas escolas há um currículo, há conteúdos programáticos para as séries/anos, há materiais didáticos e há os alunos. O professor precisa fazer um trabalho pedagógico que vai desses itens mencionados e tantos outros, no intuito de promover o conhecimento na sala de aula. Existem diversos métodos de ensino, como existem diversos tipos de alunos, de escolas, de famílias, de acesso a bens culturais; pensando nessas questões podemos entender que não há fórmula específica para todos os tipos de escolas, turmas e alunos que será sempre satisfatória.

É importante o professor conhecer seus alunos e a realidade que estão inseridos. Assim o professor poderá partir para o desenvolvimento do conhecimento histórico a partir do conhecimento prévio dos alunos, da extração/ construção dos conceitos.

Os dilemas apontados por Knauss e Caimi e por outros autores já citados, são apresentados por Nova Escola em exemplos de aulas que deram certo. Consideramos válidos e necessários materiais de base que ajudem os professores no seu cotidiano escolar, mas algumas questões podem ser ponderadas, como a diversidade que são as escolas, professores, alunos, a

falta de recursos públicos para as escolas, e etc. mas tirando certas ocasiões, a revista Nova Escola apresenta-se como uma revista de receitas que deram certo e podem ser reproduzidas sem considerar as questões mencionadas.

O bom professor de História com suas práticas inovadoras conhece a realidade de seus alunos, desperta neles uma valorização por sua localidade, rompe com os senso comuns, privilegia o conhecimento dos alunos, de seus familiares e dos povos nativos e africanos/afro descendentes. Dá autonomia para seus alunos, deixa que eles entrem em contato com fontes e documentos, pois assim eles poderão entender como a História é construída e poderão compreender sua importância e suas formas de uso ao longo do tempo.

Esse bom professor também utiliza da tecnologia em suas aulas, expande o campo de visão de seus alunos, pois ensina sobre diversas realidades. Foge de velhas fórmulas, não são suas aulas tradicionais, ele vai além, possui uma visão renovada. Frente as dificuldades do magistério e de seus alunos não desanimam, segue os bons exemplos de professores que conseguiram e não se limita aos problemas estruturais, políticos e salariais, pois ele tem uma missão para com seus alunos e comunidade. Esse professor é um super-herói. Esse professor existe?

Nossa pergunta para a revista Nova Escola seria: Ela produz essa visão de solucionar os problemas escolares através de uma prática profissional inovadora? Se a revista se propõe a ajudar o professor da difícil tarefa de educar, o que a revista diz que esse professor deve fazer? O que faz um bom professor de História, analisando a teoria da revista e dos autores sobre professor/ ensino de História e as práticas sugeridas pela Nova Escola.

É possível traçar um perfil de “professor ideal” através de textos que se dizem inovadores? Acreditamos que sim, através da prática que a revista propõe podemos traçar um agir de um bom professor. Se a revista através de seus mantenedores se diz capaz de:

Construir e disseminar conhecimentos e valorizar práticas da Educação Básica que auxiliem educadores a enfrentar os desafios de seu tempo.”, e “Colaborar com pessoas e instituições em iniciativas de grande impacto que garantam a aprendizagem de todos os alunos e formar líderes que resolvam os problemas sociais do país, levando o Brasil a um salto de desenvolvimento com equidade. (<https://fvc.org.br/especiais/nossa-historia/> acesso em: 27/02/18)

Queremos entender que professor é esse que conseguirá alcançar tão suntuosos objetivos? O que ele deve fazer para tal? A análise do editorial da revista nos permite vislumbrar o pensamento central da revista, a ótica dos editores sobre as edições e percebemos também

muitas concepções sobre o professor almejado. Já os artigos analisados nos refletem as propostas aos professores de História e sua prática, que a revista propaga como inovadora.

Um detalhe que nos salta aos olhos é que em grande parte, na verdade, o maior número dos envolvidos na produção da revista não são educadores. A maioria dos criadores das edições são jornalistas, há sim uma consultoria a especialistas em educação e uma coordenadora pedagógica na redação da revista. Com esta percepção, não queremos dizer que uma revista de educação não possa ser desenvolvida por jornalistas, na verdade quem melhor que um jornalista para entender o funcionamento de um meio de comunicação, porém é necessário entender o chamado “lugar de fala” e os discursos de quem fala sobre educação.

Nos editoriais das revistas pegamos muitas concepções sobre o professor e sua prática, nessa parte da revista o conteúdo não é específico para o professor de História, mas nos é de grande valia. Na primeira edição que pesquisamos, fevereiro de 2015, podemos perceber no editorial alguns indícios que reforçam a visão que a revista produz sobre si, ela se reafirma como um veículo que tem responsabilidade com os professores e mostra a sua responsabilidade com a sociedade e escola quando trata de temas relevantes e por muitas vezes esquecidos ou renegados.

Já a edição de março de 2015 se reafirma como possuindo jornalistas que entendem de educação e uma doutora em educação na redação. Mostra os bons resultados da revista e promete apresentar ferramentas tecnológicas para os professores que não são afeitas a elas, pois a escola deve acompanhar as mudanças tecnológicas. Em maio de 2015 o editorial tem um discurso um pouco mais forte ao mencionar o exemplo de uma professora que possui uma longa jornada de trabalho e não se vitimiza frente a essa dura realidade e também não se torna refém do livro didático como única ferramenta didática. Nessa narrativa percebemos que a revista coloca a “solução” nas mãos do professor, como uma escolha em ser um bom professor apesar dos percalços da rotina.

Em outubro de 2015 a revista volta a reafirmar sua posição de auxiliadora para os professores ao afirmar, que há muitos detalhes importantes de uma rotina escolar que devido a várias razões, o professor não consegue enxergar atitudes que deveria tomar em sala de aula. Assim a revista se propõe a levar boas práticas aos professores e abrir os seus olhos, pois a revista faz uma revisão crítica sobre as suas produções.

Nas edições de 2016, especialmente na edição do mês de abril percebemos um forte enaltecimento ao trabalho professor e a necessidade de ser reconhecido. Em agosto o editorial menciona que diversos são os alunos em uma sala de aula e o professor tem as condições, com as dicas da revista, de abraçar a todos esses alunos e ensiná-los, cada um com suas

especificidades, algo que parece bem difícil a um professor para uma grande quantidade de alunos. Em setembro a diversidade foi o foco da revista, assim como nas escolas há uma grande diversidade de gênero, ideologias, cultura, etnias e etc. a revista vivenciou, pelo menos naquele mês, um enaltecimento do gênero feminino e propõem que nas escolas temas considerados tabus sejam relevantes.

Nossa última edição pesquisada, novembro de 2016, toca em um assunto delicado e complexo, mas diz apontar soluções para ele, o desgaste físico e mental do professor. Os professores da educação básica de ensino sofrem diversos problemas relacionados as más estruturas de trabalho, má remuneração, problemas disciplinares com alunos e isso tira a sua motivação de ensinar, mas segundo a revista, o bom professor não pode estar despedaçado e a revista tem a tarefa de auxiliá-lo mais uma vez. O que os editoriais mencionados têm em comum? Mostrar como a revista Nova Escola está preparada e está atualizada e com credibilidade para assessorar o professor na difícil tarefa de educar. La possui fórmulas, ela te leva a solução.

Quando discutimos a figura do professor de História no capítulo anterior nos perguntamos se um professor é apenas a sua prática. Entendemos que não, ele é tudo o que lhe levou (experiências escolares, formação acadêmica, suas ideologias, suas concepções sobre ensino e escola, sua vida) até estar professor e o que ainda vai se ajuntar a sua experiência futura. Porém, o que percebemos sobre as escritas de e sobre professores quase sempre recaía sobre sua prática, até mesmo porque estar professor é estar ensinando.

Como já mencionamos exaustivamente, e nos permitimos reafirmar, a Nova Escola vende uma imagem de inovadora, de propostas inovadoras para a sala de aula. Ao analisarmos os artigos direcionados ao ensino de História percebemos, independente do tema dos textos, várias sugestões práticas aos professores, sobre essas sugestões buscamos a resposta para nossa pergunta geral: Como é o bom professor de História segundo as práticas inovadoras da revista Nova Escola?

Pelas práticas sugeridas percebemos que o “bom professor”: conhece a realidade de seus alunos. Essa proposta é bem conhecida dos professores, assim como citamos no capítulo três, Gusmão (2004) nos reafirma essa ideia, o professor deve fazer o aluno se sentir inserido no processo histórico como sujeitos. A disciplina de História deve fazer sentido para as suas vidas, através dela se posicionarem como cidadãos.

O bom professor também precisa estar munido de boas ferramentas, uma das indispensáveis para o ensino de História são os documentos e fontes históricas, também mencionado no capítulo dois, a autora Schmidt (2004) afirma que aos alunos utilizarem os

documentos históricos, passam a construir o seu saber histórico e não serem meros receptores da transposição didática do professor.

Um dos pontos interessantes discutidos na revista Nova Escola do mês de maio de 2015, é acerca do ensino tradicional e o ensino inovador. O ensino tradicional seria aquele em que o professor reproduz o conhecimento que já está enraizado no senso comum, em contrapartida, o ensino inovador desmitifica ideias muitas vezes nacionalistas, ele propõe ao aluno verificar por diversos ângulos um mesmo fato. Anteriormente já citamos também Bittencourt (2008) que diz ser um professor tradicional aquele que apenas expõem conhecimento oralmente, geralmente utilizando somente o livro didático e espera a reprodução desse ensino pelos seus alunos. Há uma variedade de instrumentos que podem ser usados pelos professores para fugir desse tradicionalismo.

A revista ainda faz uma observação sobre o tema ‘inovação’ que seria a utilização de fontes atuais para realizar a relação presente/passado, passado/presente. Knauss (2001) acerca disso menciona que de forma coletiva, os alunos com as ferramentas variadas poderão criar um posicionamento do mundo em que vivem, ou seja, eles terão compreendido a relação presente/passado, passado/presente. As tecnologias são apontadas pela NE como uma das ferramentas a serem usadas pelo bom professor que desde a década de 1990 Maria Auxiliadora Schmidt já falava nessa possibilidade para as aulas de História.

Retomando as ideais principais até aqui explanadas sobre o professor de História segundo a revista Nova Escola, percebemos que as suas sugestões do veículo já compõem um arcabouço teórico e metodológico já bastante usual, propostas que muitos autores já teorizaram, como alguns citados anteriormente. O aluno ativo nas aulas de História se constrói através da prática de um professor que permite sua busca por conhecimento através de variadas fontes em suas aulas, através da comparação de fontes e documentos, da aproximação da História com o cotidiano do aluno, com a apreciação do presente em relação ao passado e etc.

A internet, filmes, músicas, fotografias, a pesquisa através da oralidade de uma pessoa próxima ou da família são algumas dessas ferramentas a serem utilizadas. O professor também deve buscar quebrar o senso comum, principalmente quando o estudo passar por personagens “vencidos”, camponeses, indígenas, escravos, mulheres, deve perceber e dar voz a esses personagens, buscar na cultura dita popular ferramentas de enriquecimento cultural para as aulas. Nesse aspecto olhar mais para a América Latina e África pode trazer esse enriquecimento e ligar mais o presente com nossas raízes, buscar similaridades e diferenças.

Muitos vieses são muito óbvios nas aulas de história, e ano após ano são repetidas nas salas de aula, ao estudar os gregos antigos logo relacionamos a democracia e ponto final. Mas

a democracia e participação popular em outras civilizações e nações? Que tipos de democracias há? Não olhar somente uma sociedade antiga e a atual, que outras formas de governo não na atualidade? Como elas funcionam? Como é a participação popular.

Percebemos que essas propostas são tão diferentes do que os professores escutam nas universidades e livros, não há muito de inovador nessas propostas, talvez para a revista e alguns professores há uma falta de fórmulas para a aplicação dessa realidade. A revista em seus editoriais menciona que a rotina do professor é muito pesada, a carga horária da disciplina de história é pequena, assim, muitos professores trabalham grandes períodos horários por dia. Assim, a editora Abril viu uma possibilidade de “suprir” e/ou “criar” a necessidade no público docente de um material de apoio que lhe apontasse caminhos práticos para suas necessidades diárias. Através dessas práticas sugeridas estamos retirando a essência do professor veiculado pela revista Nova Escola mirando sua prática.

O professor da revista é um professor informado, ele deve estar atento aos eventos da atualidade, as questões políticas, econômicas e sociais. Além de saber informações globais ele deve conhecer a realidade da escola de seus alunos, o bairro em que eles vivem, as tecnologias que usam, quais os interesses deles, para poder interagir a História com suas vivências assim ela será melhor assimilada e construído o saber histórico pelos educandos.

Nas aulas de História o professor deve proporcionar aos alunos um sentimento de pertencimento a seu bairro, escola, cidade, país, enxergar sua função como cidadão, perceber o papel da História em sua vida e futuro. Ele deverá proporcionar uma ligação entre o território de seu aluno e do outro, perceber que as mudanças ao longo da História e entre diferentes nações produz mudanças em seu mundo.

Nessa aproximação aluno-História o professor não pode desconhecer e valorizar a tecnologia, a tecnologia para a História pode aproximar o estrangeiro tão distante com a sua sala de aula, os celulares, por exemplo, muitas vezes “perseguidos” pelos professores pode ser uma ferramenta útil no ensino. Presente em muita literatura educacional a tão mencionada criticidade é explorada pela revista Nova Escola. O bom professor auxiliará seus alunos a desenvolverem um olhar crítico sobre o mundo em que vivem, mas como isso procede? Uma das ferramentas é a variedade de fontes e seu confrontar, dar mais autonomia e menos monólogos.

A revista diz que essa tarefa de proporcionar a racionalidade crítica não é nada fácil, o professor precisa estar munido de conhecimento e disposto a quebrar paradigmas e o senso comum, a Nova Escola dá ao alcance de poucas páginas modelos que deram muito certo e que aparentemente surtem esse efeito nas salas de aulas. Maria Luiza Ferreira (2014) aponta a

situação de diversos professores de História da rede pública de Rio Grande e suas dificuldades se encontram com o discurso inovador da revista NE no sentido que, as dificuldades enfrentadas em sala de aula como desinteresse dos educandos, a falta de materiais, o não funcionamentos de laboratórios, computadores e internet nas escolas dificulta as aulas adequadas, o professor e alunos se desmotivam.

Quem é o “culpado” por essa situação? O sistema? Quem é o sistema? O descaso do poder público? O descaso do estudante? O baixo salário dos professores? Apesar dessa situação, a revista Nova Escola faz a sua parte, leva aos professores o que há de mais moderno sobre educação.

CONCLUSÃO

Desde sua fundação a revista sempre teve o propósito, claramente exposto em suas páginas, site oficial e propagandas, de levar informações de qualidade para auxílio do professor. Novos conhecimentos, trocas de experiências, bons exemplos, são veiculados todos meses por Nova Escola. A revista já manteve parceria com o Governo Federal, foi distribuída gratuitamente nas escolas públicas brasileiras por alguns anos através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), hoje vendida somente por assinatura, possui um público fiel.

Saindo do foco missionário de Nova Escola, ela é um veículo midiático como qualquer outro: precisa de um público consumidor fiel, precisa traçar formas de se manter no mercado competitivo e cada vez mais difícil de se manter vínculos com a facilidade da internet. Os professores assinantes precisam acreditar e confiar na efetividade do conteúdo da revista, caso o contrário, não seriam seus consumidores.

Uma característica de Nova Escola é utilizar bons exemplos de “professores nota 10”, que são professores comuns, que estão todos os dias em suas salas de aula na rede pública, mostrando através de reportagens o seu trabalho e como ele deu certo; assim os demais professores comuns leitores serão capazes de fazer. Essa fórmula deixa o professor leitor mais confortável em receber instruções de casos reais, em um ambiente não tão distinto do seu (o público) e com pares, professores da rede básica como eles. A cientificidade no seu sentido mais estrito, não é deixado de lado, pois muitas dessas boas ideias, são acompanhadas nos artigos com comentários de professores universitários e pesquisadores, assim eleva a relevância e importância do tema apresentado.

Todos os veículos midiáticos têm uma ou variadas finalidades, entretenimento, educacional, informacional, religioso, ideológico e etc. e são reflexo da instituição que o mantém, que o desenvolve. Por este motivo não podemos olhar para as mídias com um olhar inocente, negando a sua influência na sociedade. Por trás de um veículo midiático, uma revista por exemplo, há uma teia de interesses, podem ser mercadológicos, políticos enfim, não há uma neutralidade em sua produção.

A revista NE é uma revista segmentada, seu público alvo são os educadores, não demonizando a relação midiática, não podemos negar as qualidades da Nova Escola e nem imaginar que seus leitores são todos passivos que repetem as “fórmulas” da revista sem ponderação e crítica. Mesmo equilibrando as perspectivas de finalidade ideológica e capacidade crítica do leitor, as revistas brasileiras, em sua grande maioria do setor privado, no caso de Nova Escola, já relacionada com o governo devem ser encaradas com atenção.

As mídias pensadas como produtos culturais, produzidos em moldes industriais, servem bem ao consumo. Muitos produtos midiáticos promovedores de cultura são fontes de grandes grupos econômicos, como a Nova Escola pertencente à Editora Abril. Como já discutido sobre os teóricos sobre a indústria cultural, as mídias não padronizam os seus consumidores, há uma mediação entre a geração de consumo pela indústria e a receptividade e necessidades/ criação delas pelo público.

Nas revistas há uma homogeneização do público pelos editores, para tentar chegar ao gosto de seu público que é diverso, é pensado em satisfazer seu público, que pode ser fragmentada ou não, mas que tem demandas e exigências diversificadas. Quando o produto final chega às mãos do leitor, há diversas formas de leituras, de apropriação, de negação; as práticas culturais do leitor direcionam sua relação com o produto midiático.

Mesmo entendendo que um veículo midiático por sua estrutura e construção não possui poder de padronização, doutrinação, de controle sobre seus leitores, não podemos negar que na relação de formulação de um periódico há uma bem pensada identificação com o público leitor através de uma influência desejada. Os meios de comunicação não são neutros, não são isentos de finalidades além do comunicar e levar conhecimento e entretenimento.

Há uma ideologia, interesses econômicos, políticos e sociais para ser comunicado aos leitores. A revista Nova Escola não é diferente das demais, ela pertence a uma empresa privada, mantida por grupos sem fins lucrativos, que pensam sobre a educação. Não podemos pensar em uma neutralidade e pura missão da editora Abril e Fundação Lemann, em ajudar professores de escolas públicas. Por muito tempo, a revista foi distribuída gratuitamente nas escolas públicas através do PNBE, como os autores mencionados nesta pesquisa afirmam, não há espaço para críticas e reflexões sobre as medidas tomadas pelo governo para a educação; há apresentações de projetos, de mudanças e mostra como os professores podem se adequar ao novo.

Uma instituição privada falando sobre educação, falando sobre professores e como devem ser suas aulas, o que a revista Nova Escola nos diz sobre o professor de História e a sua prática? Uma visão reducionista do professor, com bons exemplos, professores que não se tornam vítimas das situações sociopolíticas e econômicas são universalizados. É vendido fórmulas a serem reproduzidas e perde-se o foco de questões estruturais que são empecilhos para o bom desenvolvimento da educação.

Nova Escola menciona problemas e estrutura pública, política e econômica, mas não aprofunda nessa temática. O seu discurso parece que: apesar de todos os problemas governamentais estamos fazendo nossa parte, levar bom conteúdo aos professores. Assim, apesar dos problemas governamentais, os professores devem fazer como Nova Escola, fazer o

seu melhor pela educação. Parece que não há uma ligação entre a ordem pública administrativa da educação e o que os professores realizam em sala de aula.

O professor da revista deve ser um ser que realiza o seu trabalho com o que há de mais “novo”, veiculado pela revista, sem se deixar abalar pelos problemas e dificuldades estruturais. A culpa não é da revista, não é do professor, mas eles podem fazer bem o seu trabalho. Esse professor da NE não reclama, não coloca a culpa no governo, no sistema, na falta de recursos. Há professores que conseguem, a revista mostra isso, então os leitores da Nova Escola também podem ser excelentes professores sem se vitimar.

O professor da Nova Escola não reclama, não se torna vítima do meio, faz seu trabalho com maestria e afinco, independentemente do número de alunos, de escolas em que trabalha. O professor sugerido é um missionário, sua influência na vida dos educandos é exaltada, ele tem uma missão a cumprir com os alunos. A palavra profissão é sinônimo de paixão para a NE, professor não é apenas um profissional como os demais trabalhadores brasileiros, ele é um ser movido por paixão a sua missão de educar.

O professor da Nova Escola não exclui nenhum aluno, ele ensina a todos, independentemente de quantas formas ele precise utilizar. Ele é atualizado graças a NE, ele está por dentro de todos os assuntos da atualidade, ele lida com temas tabus e de difícil abordagem por professores comuns, ele é inovador. Mesmo com toda a importância e relevância que é o trabalho do educador, ele ainda é humano e pode adoecer, mas há formas para superar isso; o leitor de Nova Escola tem a possibilidade de seguir os passos sugeridos pela revista e superar as dificuldades, ele se reinventa, ele supera, ele consegue com as informações certas.

O professor de História da revista Nova Escola é tudo o que já foi mencionado, e sua prática em sala de aula é inovadora, é o que há de mais atual, é o que a revista ensina. Os bons professores de História devem conhecer a realidade de seus alunos, da escola, do bairro em que estão inseridos. Eles valorizam a trajetória dos alunos, promovem conhecimento da História local, da comunidade, valorizam a História da família e promovem o pertencimento.

O bom professor de História não fica fechado em sua disciplina, ele interage com outras ciências, se utiliza da Geografia, da Arqueologia para o enriquecimento do processo de aprendizagem dos alunos. Ele dá voz as minorias, aos vencidos, ele desmitifica o que os alunos conhecem sobre ele e quebra tabus, ele não reproduz o senso comum e promove reflexão crítica entre os educandos. Ele não segue o caminho “mais fácil” em suas aulas, ele não reproduz estereótipos.

Segundo Nova Escola, o professor de História não é tradicional em suas aulas, ele não perpetua vultos e heróis, não senta em sua cadeira e despeja dados, fatos, datas e verdades a

seus alunos. Pelo contrário, ele permite que os alunos desenvolvam seu conhecimento Histórico, contato com fontes, documentos, e promove a atividade histórica em suas aulas. Os professores devem estar conectados, acompanhando as tecnologias como os seus alunos estão, aproxima a História através da tecnologia.

O livro didático, que é instruído pela revista, como deve ser escolhido, não é o seu único instrumento, ele utiliza-se de música, fotografia, filmes e tantos outros métodos inovadores para uma sala de aula. Ele sai do óbvio, inova em suas aulas, o conteúdo se torna renovado com novas informações, com menções de diferentes culturas e realidades. Começando da realidade do aluno, do que é conhecido, o professor vai expandindo a visão dos alunos com o novo.

Sabemos que a Revista Nova Escola tem uma grande relevância no mercado editorial brasileiro, bem como tem uma grande relevância entre os professores e escolas brasileiras. A própria revista se vende em uma posição de grande relevância para os professores, se colocando como um veículo que pode auxiliar o professor nessa tão difícil profissão de educar.

Pensamos que a revista Nova Escola tem muitas coisas positivas a oferecer para o professor, discussões, materiais, entrevistas com especialistas, ideais, planos de aulas e outras diversas opções. Pensamos também que um professor de escola pública, que tenha uma carga horária muito grande, que tem dificuldades de continuar sua formação busca meios mais rápidos para se atualizar sobre de novos assuntos e novas fórmulas, a Nova Escola oferece tudo isso.

Mas nossas discussões sobre a mídia e teóricos da comunicação e educação nos deram uma base muito importante para pensar a análise da revista e a percepção de padrões reproduzidos aos leitores. O professor veiculado é praticamente um ser perfeito que vive em meio ao caos e não se corrompe. A revista evita responsabilizar e discutir os problemas que estão dificultando o trabalho dos professores.

Ela através de seus jornalistas passa uma receita para esconder os sintomas, mas não trata das causas. Não poderíamos esperar menos de uma revista que manteve convênios e concessões com o governo. Não podemos esperar menos de uma empresa privada que se dispõem a fazer sua parte para a educação pública. O professor deve tomar a carga de sua missão e seguir por sua via dolorosa sem reclamar.

Professores conseguiram e a revista mostra aos demais professores que eles conseguem reproduzir, mas não há uma ponderação sobre as diferentes realidades de escolas e alunos, talvez a revista deixe essa parte para os professores. Ela se vende como inovadora, mas podemos perceber que as práticas sugeridas aos professores não são tão inovadoras assim. Mencionamos alguns teóricos do Ensino de História que trabalham a discussão, por exemplo,

das fontes, documentos, tecnologia, aproximação da história do aluno, valorização do meio, há pelo menos duas décadas.

As aulas de História veiculadas na revista são receitas que deram certo em alguma escola, por um professor nota 10, mas não há uma discussão metodológica das aulas, não apenas formas de se fazer, ideias. Os professores que reproduziriam essas aulas e o que os editoriais dizem, devem ter sua carga triplicada, ele precisa estar por dentro do mais moderno, das discussões atuais, de realidades fora do usual.

Um professor que raramente é visto nas escolas brasileiras, um apaixonado, um missionário, um incansável. A revista tem seus méritos, não os podemos negar, mas ela é apenas um paliativo de problemas muito maiores, de uma realidade estrutural, maior que as salas de aula e que acabam como uma torrente nas escolas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José D' Assunção. **A Nova História Cultural**: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.
- BÉVORT, Evelyne. BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação**: conceitos, história e perspectivas. Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.
- BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
- BUENO, Sinésio Ferraz. **Semicultura e educação**: uma análise crítica da revista Nova Escola. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 35 maio/ago. 2007.
- BRASIL, Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: **hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **O que precisa saber um professor de história?** História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015. Acessado em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/download/23853/17741
- CHARTIER, Roger. **Textos, impressão, leituras**. In: HUNT, Lynn. A nova História Cultural. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.
- _____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial/Ed.UNESP, 1999.
- _____. **Cultura escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- _____. **Práticas da Leitura** 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CERRI, Luis Fernando. **A formação de professores de história no Brasil: antecedentes e panorama atual.** história, histórias. Brasília, vol. 1, n. 2, 2013. ISSN 2318-1729.

<http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10126> acessado em 25/09/2017.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política I.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1 ed., 1998.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de JANEIRO. DP&A, 2011.

HORKHEIMER, Max. ADORNO Theodor W. **Dialética do esclarecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985.

IBGE, **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.**

KNAUSS, Paulo. **Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como pesquisa** (In) Nikitiuk, Sônia M. Leite. Repensando o ensino de História. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTÍN-BARBERO. Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação. cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: neurose.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. **O ensino de história na revista Nova Escola (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente / Márcia Elisa Teté Ramos.** – Curitiba, 2009. 272 f.: il.

RIPA, Roselaine. **Nova Escola – “a revista de quem educa”:** a fabricação de modelos ideais do ser professor / Roselaine Ripa. -- São Carlos: UFSCar, 2010.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Dora Alice Belavenutti Martins da. **A mídia a serviço da educação: a revista Nova Escola**. / Marília: UNIMAR, 2009. 116f.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula** (In) BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHUBERT, Claudio. **Mídia, racionalidade e formação: uma abordagem filosófica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FERREIRA, Maria Luiza. Narrativas Escolares: Contexto de Trabalho e de Ensino no Cotidiano dos Professores de História nas escolas estaduais e municipais da cidade de Rio Grande. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, 2014.

DIAS, Maria Clarisse Rebelo. Discurso midiático na educação. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Arte, Universidade De Grande Rio (UNIGRANRIO), Duque de Caxias, 2016.

SITES CONSULTADOS

<http://acervo.novaescola.org.br/pdf/anuncie/anuncie-midia-2016.pdf> acessado em 27/11/2016

<https://blogdocarlostaurcio.blogspot.com.br/2011/02/educacao-brasileira.html> acessado em 27/11/2016

http://aner.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Factbook_2015_Site-FINAL.pdf acessado em 15/02/2017

<http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml> acessado em 15/02/2017

<https://www.ipsos.com.br/default.aspx> acessado em 09/03/2017

<https://novaescola.org.br/> acessado em 27/11/2016

<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12516-pnbe> acessado 17/01/2017

ANEXO I: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 30, Nº 279.

CARO EDUCADOR

Coragem para mudar em 2015

Assuntos complicados exigem novas reflexões e atitudes de quem cuida da Educação

A primeira reportagem de capa deste ano letivo escancara questões que causam confusão em boa parte das escolas. Como acolher variadas manifestações da sexualidade, desfazer-se dos rótulos de gênero e respeitar a diversidade sem preconceitos? O assunto polêmico e indispensável monopolizou o dia a dia do repórter Wellington Soares no garimpo das informações que apoiam a discussão. Com cuidado e seriedade, ele colheu depoimentos (com nome e rosto!) de quem sofreu discriminação e pressões no ambiente escolar. Os entrevistados são parte de uma massa de estudantes que, aos poucos, mudam a atitude de professores e gestores. Mas o repórter conseguiu mais: o link para o caderno *Escola sem Homofobia*, aquele barrado antes da divulgação, em 2011 ([acesse o material inédito em abr.ai/kit-homofobia](http://abr.ai/kit-homofobia)). Vitória da persistência! Ao batalhar pelo resultado de texto e layout da capa, com direito a caso real, o editor Rodrigo Ratier e a editora de arte Alice Vasconcellos – que pilotaram o desenvolvimento e o lançamento do site GENTE QUE EDUCA no ano passado – iniciam a gestão como responsáveis pela marca NOVA ESCOLA.

Após muitos anos de dedicação, Denise Pellegrini e Manuela Novais, redatora-chefe e diretora de arte, deixaram a Fundação Victor Civita (FVC) no final de 2014. Ambas destinaram a maior parte da vida profissional ao título e à missão da FVC. Além de editar a revista, criaram sua versão digital, organizaram projetos especiais, como *Jogos e Brincadeiras* e *Vem Que Eu Te Conto*, o livro *O Dia a Dia do Professor*, as campanhas do Prêmio Educador Nota 10 e planejaram viagens pelo Brasil, sempre em busca das melhores histórias (*em uma das muitas saídas, André Menezes e Bruna Nicolielo registraram como funciona a pedagogia da alternância no Pantanal, leia na página 70*). Uma trajetória frutífera e intensa que teve a sorte de partilhar nestes três últimos anos. “Fechar uma edição de qualidade é um compromisso com os professores que esperam todo mês pela maior revista de Educação do país”, ensinou Denise à nossa redação. Obrigada, De e Manu! A busca da excelência, que vocês deixam como legado, continua por aqui.

MAGGI KRAUSE
Diretora de Redação



Bruna (na foto à esquerda) e André conheceram crianças que moram na escola



Iniciei o ano em curso sobre construtivismo no Centro de Formação da Escola da Vila

ANEXO II: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 30, Nº 280.

CARO EDUCADOR



RAMÓN VASCONCELLOS

MAGGI KRAUSE
Diretora de Redação

Números que alteram nosso caminho

Treze ferramentas, cinco colunistas,
duas marcas renovadas e uma despedida

Nossa equipe acaba de viver uma euforia editorial. A repercussão da revista anterior, sobre sexualidade e gênero, bateu todos os recordes de NOVA ESCOLA: alcançou mais de 4 milhões de pessoas pelo Facebook em uma semana. Além da relevância do assunto, a reportagem “bombou” por causa das escolhas de imagem e chamada de capa e da estratégia do editor Rodrigo Ratier, que informou blogueiros e formadores de opinião. Mas a divulgação é apenas um dos usos das redes sociais, como explica a matéria principal desta edição, que aponta 13 ferramentas digitais para usos pedagógicos. Pensando em professores conectados ou nem tanto, o repórter Bruno Mazzoco ouviu 17 especialistas em didáticas específicas e tecnologia educacional e montou um cardápio amigável para você usar bem os recursos. Eleja os mais adequados à sua disciplina e renove suas práticas de ensino.

Um olhar diferente sobre vários atores e atividades da escola você vai perceber nos textos dos novos colunistas, que vêm a se somar à já reconhecidas Telma e Neurilene. O professor de Ciências Felipe Bandoni discute o cotidiano e os desafios da carreira docente e o mestre Lino de Macedo brinca com as palavras para falar de aprendizagem ou desenvolvimento infantil. A escuta atenta do educador para o universo dos alunos é o tema de Regina Scarpa. No final do ano passado, a coordenadora pedagógica da Fundação Victor Civita (FVC) titulouse doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). A partir daí, pressenti um ponto de virada em sua carreira, e os convites não demoraram. Em janeiro, Regina assumiu como diretora pedagógica da Escola Vera Cruz, em São Paulo. Desde 2006 dedicada à FVC, a especialista em alfabetização teve papel decisivo no Prêmio Educador Nota 10, para o qual estabeleceu novos critérios de seleção, e influenciou diretamente na qualidade de nossas publicações, orientando



Foto da capa: Alice e o ilustrador Silva arrumam as caixinhas penduradas no estúdio

repórteres e editores. “Esta redação é uma grande escola. Aqui os jornalistas ficam muito sabidos em Educação”, elogiou ela ao se despedir da turma que teve o privilégio de trabalhar ao seu lado. Mas não se preocupe, leitor, o conteúdo de NOVA ESCOLA continua bem-cuidado pedagogicamente pela consultora Priscila Monteiro, fiel conhecedora da revista. A forma, responsabilidade da editora de arte Alice Vasconcellos, ganhou vários aprimoramentos este mês: o redesenho da marca em uma linha e elegantes ajustes no projeto gráfico. Já o novo logotipo da FVC – que em 2015 completa 30 anos –, desenvolvido pela agência de inovação Dragon Rouge, foi inspirado no dente-de-leão, que espalha suas sementes para que delas nasçam novas iniciativas e aprendizagens.

ANEXO III: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 30, Nº 282.

CARO EDUCADOR



RANOM VASCONCELOS

MAGGI KRAUSE
Diretora de Redação

Equilíbrio para enfrentar escolhas e jornadas

Quanto adotar um livro didático ou correr de uma escola para outra depende do professor

Como selecionar uma boa coleção didática? Quanto utilizá-la no preparo e na condução das aulas? Dilemas na vida dos docentes, que precisam ter cuidado para não se tornar reféns de soluções prontas e ainda saber dosar o uso do livro, ao lado de outros recursos disponíveis. Diante da vasta oferta, as rédeas estão com você! E também com as professoras da matéria de capa. Elas contaram ao repórter Wellington Soares seu esquema de trabalho e sua relação com os didáticos. Mire-se nos exemplos e esclareça dúvidas.

Se quiser acompanhar a incrível rotina da colega que se divide entre três cidades e dá conta de 41 turmas, corra para a página 60. A repórter Paula Peres viajou a Minas Gerais para seguir a “professora-táxi” Dayana Vieira de Rezende Silva. “Cada rede é uma aventura diferente. O impressionante é que ela nunca se coloca no papel de vítima”, relatou Paula. Como a mineira, outros do-

centes lecionam em mais de uma rede, em várias escolas, para muitas turmas e em diversas etapas de ensino. Ufa! Precitaria ser assim? Não, se o salário do professor fosse justo o suficiente para que ele dedicasse tempo para entender as dificuldades dos alunos, participar de trocas com os colegas e complementar sua formação, coisas que Dayana não consegue encaixar na agenda. Mas tanto a valorização como as condições de trabalho estão longe do esperado e as numerosas greves revelam apenas a ponta desse iceberg.

Outro lado da crise na Educação se mostra na forma como as avaliações externas direcionam currículos e práticas nas escolas, distanciando a análise dos resultados do seu objetivo original: a melhoria da aprendizagem. Essa visão realista e crítica sobressai no artigo do pesquisador João Luiz Horta Neto (página 56). Leia, tire suas conclusões e faça suas escolhas.



MARCOS ROSA

Os designers Jacqueline Hamine e Patrick Cassimiro orientam as fotos de Maira



ANDRÉ MENEZES

Aos domingos, Dayana planeja a semana: três cidades, sete escolas e quase mil alunos

ANEXO IV: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 30, 286.

CARO EDUCADOR



RAMÓN WISCONCELLOS

MAGGI KRAUSE
Diretora de Redação

Em busca do aprendizado e da permanência na escola

Planejar garante o sucesso das atividades de leitura e escrita e do combate à evasão

Lacunas atrapalham de maneira irremediável a formação de um estudante. Mergulhado em afazeres do dia a dia, nem sempre o professor consegue enxergá-las. Você já se perguntou o que seus alunos não estão exercitando e que, se o fizessem, perceberiam a diferença lá na frente, no futuro? Observar o que falta na prática de sala de aula para entregar boas propostas também é uma tarefa de NOVA ESCOLA. Esse olhar reflexivo sobre a nossa produção editorial é feito, no mínimo, uma vez por ano em cada área.

Convidamos Andréa Luize, coordenadora pedagógica do Instituto Superior de Educação Vera Cruz (ISE Vera Cruz), para analisar as reportagens de Língua Portuguesa dos primeiros anos do Ensino Fundamental e ela logo explicou: “Vocês cobrem muito bem projetos e sequências didáticas, mas a aprendizagem não deve ser desenvolvida só por meio deles, é preciso cuidar bem do cotidiano com atividades permanentes”. Por isso, decidimos que valia um aprofundamento no te-

ma para esta edição de outubro – mês do professor! O repórter Bruno Mazzoco saiu em busca de profissionais preocupados com lacunas e rotinas de aprendizado. Durante o processo de apuração, na análise dos casos da matéria (página 20) e antes de o texto ser finalizado, contamos com a colaboração de Heloisa Ramos, formadora de professores e antiga colunista de NOVA ESCOLA, que está de volta ao nosso time de consultores e nos presenteia com seu olhar atento e ponderações próprias da área pedagógica. Uma parceria significativa com os jornalistas e designers da revista.

Essa mesma equipe recebeu mês passado a visita do ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro, que nos concedeu 90 minutos de entrevista sobre vários assuntos da competência do MEC. Ele descreveu objetivos e fez análises em um discurso ponderado de quem abraçou a docência há muitos anos. “É necessário que se procure uma Base Nacional Comum que não seja uma elaboração intelectual apenas, mas um comprometimento do que deve ser ensinado na sala de aula.” Ele seguiu defendendo a autonomia de estados e municípios para definir uma parcela dos conteúdos curriculares e a formação do professor. Veja o vídeo editado com os pontos altos do encontro em novaescolaclub.org.br.

Motivo de preocupação do MEC há mais tempo, os altos índices de evasão no Ensino Médio são o assunto principal de GESTÃO ESCOLAR. Além de reunir dados que mostram a dimensão do problema, a repórter Karina Padiál buscou gestores que repensaram caminhos para manter os jovens na escola (página 59). Implantar um currículo eficaz para recuperar o grupo com distorção idade-série, estimular o protagonismo juvenil, diversificar as atividades e acompanhar de perto a frequência dos alunos foram algumas das estratégias planejadas. Vale conhecê-las!



A equipe de redação com o ministro da Educação, após a entrevista exclusiva

ANDRÉA LUIZE

ANEXO V: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 31, Nº 291.

CARO EDUCADOR



FERNANDO GZINHATO

Para ir rápido, vá sozinho. Para ir longe, vamos juntos

Os professores são eternos. Eles vêem os alunos, transformam a vida deles e mudam o mundo

A influência de um professor me lembra uma Amatrioska. Nessas bonecas russas, uma está dentro da outra, da maior até a menor. Quanto mais você abre, mais descobre outro alguém. Educar também é isso. É saber que você vai estar na vida de outra pessoa, para sempre. Pode ser uma influência grande, média, pequena. Não importa. O professor estará sempre lá.

Se não fosse a Abadias, este texto nunca teria sido escrito. Sem a Denize, eu ainda estaria brigando com os sujeitos e predicados. O Sidnei me ensinou o prazer de educar e de pensar por mim mesmo. Algumas vezes, não nos damos conta de quanto de nós foi criado por um professor. Mas basta pensar um pouquinho e aquela lousa verde vai aparecer na memória. O professor é eterno.

Todas as profissões mudam o mundo, mas só o educador continua transformando o planeta mesmo quando seu trabalho já terminou. A influência dele se multiplica em cada pessoa, por gerações. Um professor que nos vê, que acredita em nós, tem um grande impacto nas nossas vidas. É por isso que duas reportagens desta edição falam sobre enxergar o aluno que está escondido, acreditar em quem está desanimado. São histórias de professores inesquecíveis.

Afinal, os educadores têm uma missão pública. Eles abrem as portas para outras pessoas inventarem as próprias vidas. Quando isso é bem feito, o resultado é espetacular. E também é por isso que esses homens e essas mulheres têm uma carreira e devem ser valorizados como profissionais sérios e competentes que são, assim como em qualquer outro lugar. É profissionalismo com paixão.

Aliás, ia me esquecendo. Fiquei tão feliz com essas reportagens que quase deixei de contar uma novidade. Prazer, sou o Leandro Beguoci, novo diretor editorial e de produtos de NOVA ESCOLA e GESTÃO ESCOLAR. Tenho a enorme responsabi-

lidade de substituir a professora-jornalista Maggi Krause, que fez um trabalho excelente à frente da revista e do site e, agora, passa a ser nossa consultora. A influência de Maggi sobre o que fazemos é similar à das melhores educadoras. Seu legado vai perdurar em cada pessoa que ela formou.

Todos sabemos: é impossível mudar o mundo sem grandes profissionais ao lado. É muito difícil ter impacto na escola, na vida, sem outras pessoas. Um velho ditado africano diz que, para ir rápido, é melhor ir sozinho. Para ir longe, é melhor ir acompanhado. NOVA ESCOLA e GESTÃO ESCOLAR existem para estar junto com os professores em prol de uma Educação de excelência para todos e todas. Queremos ir muito longe, juntos, com você.

E durante a minha caminhada particular, que começa nesta edição, já dei uma sorte grande. A equipe que Maggi formou é excelente, como você já sabe. Ao mesmo tempo, ganhei outras pessoas sensacionais para seguir pelo caminho, como o Raniery Aranha, diretor de operações e responsável por fazer esta revista chegar às suas mãos.

Obrigado pela companhia. Espero que o nosso diálogo não se esgote nestas cartas enviadas a cada edição. A casa está aberta. Queremos sempre conversar. Ao lado de pessoas como você, vamos dar nossa contribuição para melhorar o mundo.

LEANDRO BEGUOCI
Diretor editorial e de produtos

ANEXO VI: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 31, Nº 294.

CARO EDUCADOR

Educação inclusiva é pleonasma

Ela é para todos por definição, pois cada um aprende de um jeito. Marcos, Karina, eu e você



“Posso descer lá pra baixo, na quadra?” Lembro da bronca a meio sorriso da professora Gislane quando soltei esse pleonasma, lá nos idos da antiga 8ª série, ansioso para jogar um futebolzinho com os meninos. “Descer é sempre para baixo, Leandro. Cuidado. E cuidado com esse joelho também!” Essa imagem nunca mais saiu da minha memória. Virou meu remédio particular contra redundâncias e afins. A professora continua me educando décadas após aquele momento, como numa espécie de ensino a distância transmitido via túnel do tempo.

Muitos anos depois, vivi um momento semelhante com o Rodrigo Mendes, diretor do instituto que leva o nome dele. Rodrigo define seu papel de uma maneira bem simples: garantir que “toda pessoa com deficiência tenha uma educação de qualidade na escola comum”. Durante um evento sobre Educação inclusiva para professores, organizado pela Nova Escola, Fundação Lemann, Fundação Vivo Telefônica, Centro Ruth Cardoso e festival Assim Vivemos, Rodrigo disse uma daquelas frases definitivas: “Educação inclusiva é pleonasma. Educação é inclusiva por definição. As pessoas aprendem de jeitos diferentes, em ritmos diferentes. Quando o professor abraça isso, ele educa melhor porque vai querer incluir todos os seus alunos, independentemente das deficiências”. Bingo. É isso. Daqui a muitos anos, ainda estarei sendo educado pelo Rodrigo.

Esta edição, que você está lendo no conforto da sua casa, na sala dos professores, no ônibus, não importa, se inspira nessa declaração de Rodrigo. Fomos até Roraima acompanhar o caso de Marcos, um menino que adora música e também tem microcefalia. É uma história poderosa em vários

aspectos. Primeiro, porque revela o drama que milhares de famílias vivem e vão viver nos próximos anos por causa do vírus da zika. Não é fácil cuidar de pessoas como Marcos, e isso precisa ficar bem claro. Mas o outro lado da história mostra que, sim, é possível fazer isso. Boa Vista, a capital de Roraima, tem um programa exemplar e consegue, com continuidade política e foco, garantir que Marcos tenha uma escola para chamar de sua.

Nossa repórter, Karina Padial, voltou emocionada da cidade. Isso acontece em muitas das histórias que contamos em NOVA ESCOLA. “Os problemas da Educação brasileira são grandes, parecem difíceis de superar. Aí, quando você encontra um caso como o do Marcos, no extremo norte do país, numa rede que pouca gente tinha ouvido falar, é incrível. Fiquei com essa história na cabeça durante dias”, conta Karina.

Tenho certeza de que Marcos vai continuar educando Karina por muitos anos, até ela ficar velhinha vendo Olimpíadas na TV. E espero que a história dele também te ajude a melhorar a sua escola, a sua rede. Educação inclusiva é pleonasma. Educação para todos também.

LEANDRO BEGUOCI
Diretor editorial e de produtos

ANEXO VII: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 31, Nº 295.

CARO EDUCADOR

Educação
sem tabuNão importa sexo, modelo de alfabetização
ou estilo musical. O que vale é ensinar (e aprender)

NOVA ESCOLA tem gente de direita, de centro e de esquerda. Ateus, católicos e evangélicos. Negros, mulatos e brancos. Heterossexuais e gays. Alguns tiveram escolas excelentes. Outros, medianas. Apesar das diferenças, somos parecidos. Nós acreditamos em Educação pública e de qualidade para todas as pessoas.

Podemos discordar sobre qual é o melhor caminho, mas ninguém nega esse princípio. Geralmente, quando estamos inspirados, cada palavra provoca muitos debates. O que é pública? Como medimos qualidade? O consenso aparece no final da frase. É o trecho “para todas as pessoas”.

Por isso você tem em mãos uma capa sobre feminismo. Ela é um consenso. Se a escola não for igual para meninos e meninas, ela nunca será para todos. O feminismo lembra que as pessoas, apesar das suas diferenças, têm os mesmos direitos – escritos ou não em lei. O sexo de nascimento não impõe ao homem o fardo do provedor nem à mulher o peso da ternura.

E, para não ficar só na reportagem bonita, resolvemos desafiar a nossa prática. Somos tão comprometidos com a igualdade quanto pregamos? Decidimos que a ampla maioria dos conteúdos desta edição seria feita por mulheres. E isso aconteceu. Mas, para acontecer, descobrimos nossos limites. Tínhamos poucas fotografias e ilustradoras no nosso radar. Foi difícil encontrar essas (ótimas) pessoas. Respiramos fundo, aceitamos a pancada e aprendemos um montão.

Aliás, o aprendizado foi muito além do feminismo prático. Também descobrimos Novo Horizonte, uma das melhores redes do Brasil. O município conseguiu implantar a igualdade entre as escolas com métodos que dão frio na espinha de

muitos especialistas – mas garantem o direito de aprendizagem a crianças ricas, pobres e de classe média nessa cidade do interior paulista. Também contamos como é possível falar dele – o funk! – nas escolas. De novo, um assunto difícil, tabu para pais, professores e até alunos. Mas era inevitável. A escola não vive numa realidade paralela.

Em comum, as três reportagens partem de um só princípio: Educação de qualidade é direito de todos e todas, independentemente do sexo, do modelo de alfabetização ou do estilo musical. Nós acreditamos nisso. Nós vivemos por esse valor. E vamos continuar buscando, por mais que isso doa de vez em quando.

Antes de me despedir, quero fazer um convite. No site de NOVA ESCOLA (novaescola.org.br), procure a palavra podcast. São programas de rádio, de até meia hora, que nós estamos fazendo. Há experiências de professores inovadores, dicas para inclusão, debates sobre psicólogos na sala de aula. Pensamos nesses programas para ajudar na sua formação. Se tiver alguma sugestão, como sempre, é só escrever: leandro@novaescola.org.br. Nós só estamos aqui porque estamos com você. ■

LEANDRO BEGUOCI
Diretor editorial e de produtos

ANEXO VIII: Editorial da Revista Nova Escola, Ano 31, Nº 297.

CARO EDUCADOR

Falar é um bom começo

Você não está sozinho. Somos todos vulneráveis.
Por isso, precisamos conversar sobre saúde mental



Em outubro, no dia dos professores, milhares de pessoas não receberam um abraço dos alunos ou dos colegas. Elas estavam afastadas das salas de aula por depressão, ansiedade, burnout. O prazer de ensinar e de aprender desapareceu. A vida virou uma sombra gelada. O mundo se metamorfoseou. Não é um lugar em que se constroem coisas, mas um terreno em que nada nasce.

Sentir o mundo cinza e frio não é culpa delas – nem sua. Também não é frescura, falta de força interior ou de bravura. São doenças complexas, provocadas por uma série de fatores, que precisam ser discutidos com coragem e ternura. Alguns deles nascem das famílias dos professores. Outros crescem dentro da própria escola ou no entorno. Quantas pessoas sentem dores de estômago antes de encarar uma turma difícil? Ou quando precisam passar por uma sala de professores cheia de colegas desmotivados e que desmotivam os outros? São doenças muito pessoais, mas que se desenvolvem com camadas e mais camadas sociais.

A capa deste mês de NOVA ESCOLA quer tirar esses problemas da gaveta. Se não falarmos do que acontece na sua cabeça, professor, do que acontece no fundo do seu coração, seremos uma NOVA ESCOLA pela metade. Ensinar não pode ser um fardo que destrói os educadores. Por isso que o problema deve ser visto, repito, com coragem e ternura. Para educar bem, o professor precisa estar inteiro – e NOVA ESCOLA precisa estar inteira com você, mesmo quando isso significa falar dos nossos problemas mais profundos.

Nesta edição, trazemos histórias de pessoas que viveram problemas semelhantes aos seus ou de um colega que você conhece. Mostramos caminhos para passar por essa tempestade. E listamos alguns passos que você pode seguir para encarar seus fantasmas. Não é uma receita de bolo, claro.

É apenas o início de uma conversa para que você ou seus colegas possam retomar aquilo que os trouxe até aqui: um compromisso sincero, verdadeiro e intenso em levar as pessoas a pensar por elas mesmas. Um bom professor precisa, como todas as pessoas da face deste planeta, se sentir inteiro. E nós estamos aqui para começar as conversas mais difíceis – na esperança de que esse diálogo possa ser positivo para você.

NOVA ESCOLA quer estar com você quando, onde e como você quiser – explicamos um pouco mais disso nas próximas páginas. Agora, queria te convidar para conhecer uma iniciativa que nos enche de orgulho e alegria. É a *Coleção Pensadores na Prática*. São cinco livros escolhidos por NOVA ESCOLA. Cada um vem acompanhado de um guia de leitura com apresentação da obra por um especialista, conceitos-chave do livro, entrevista com o autor e casos de sucesso na aplicação das noções na escola. Sabemos que a teoria é importante, mas que ela só ganha vida de verdade quando vai para a prática. Para saber mais e comprar, basta ir a assinemnovaescola.org.br/colecoes.

E você já sabe: dúvidas? Críticas? Sugestões? Quer conversar? Me escreva quando, onde e como quiser: leandro@novaescola.org.br. Estamos juntos, na alegria e na tristeza. ■

LEANDRO BEGUOCI
Diretor editorial e de produtos

ANEXO IX: Artigo 1 – O florescer de uma história: Alunos modificam o olhar sobre onde vivem ao focar a própria trajetória. (Priscila Cardoso).

Sala de aula
História
6º ano

O florescer de uma história

Alunos modificam o olhar sobre onde vivem ao focar a própria trajetória

PRISCILLA CARDOSO novaescola@fvc.org.br

De raízes protuberantes que sobem pelo caule, a árvore sapopemba emprestou seu nome a um dos distritos da Zona Leste de São Paulo – onde, no passado, se fazia presente de forma numerosa. Com o avançar das décadas, a vegetação tão característica do local foi dando lugar ao crescimento urbano e, hoje, a região está inserida em um contexto complexo, em que a especulação imobiliária conflita diretamente com diversas ocupações de favelas e deteriorações de bairros. Esse cenário refletiu em uma forte desvalorização do local pelos alunos do 6º ano da EMEF Deputado Flores da Cunha. Mais do que isso: brigas e discussões se tornaram frequentes na escola entre os jovens, que promoviam forte hostilização dos colegas moradores dos bairros mais depreciados.

Ao tomar contato com essa problemática, a professora Rosely Marchetti Honório resolveu iniciar com os alunos um trabalho amplo de pesquisa da história privada e coletiva, passada e presente, que proporcionasse à turma o conhecimento e a compreensão da realidade e das dificuldades locais. “Reverter uma autoimagem negativa sobre si mesmo e o ambiente de estudo e moradia é construir um percurso de descoberta essencial para as escolas que querem formar espaços solidários, de convivência aberta e construtiva”, afirma Paulo Eduardo Dias de Mello, coordenador do Grupo de Trabalho Nacional de Ensino de História e Educação da Associação Nacional de História (Anpuh).

A trajetória individual como marco

O trabalho começou com o estudo da vida pessoal dos estudantes. Para saber o que conheciam sobre a própria história, a professora aplicou a eles a primeira etapa de um questionário, que



Sala de aula

História

6º ano



MELISSA LACON

permearia outras fases do projeto. Cinco questões sobre dados pessoais foram respondidas: nome completo, data e local de nascimento, endereço residencial, tempo de moradia no bairro e de estudo na escola. O resultado surpreendeu Rosely. “Ao recolher as folhas, ficou ainda mais visível como o preconceito em relação ao local de residência estava presente na vida dos estudantes. Quase todos os endereços foram registrados com o nome do bairro alterado. Alguns jovens, inclusive, sequer preencheram essa questão por terem vergonha de escrever a verdade”, relembra a educadora.

Em seguida, a docente propôs a criação de uma árvore genealógica com base nos nomes dos avós paternos e maternos de cada aluno. Ela explicou o significado e distribuiu exemplos impressos desse tipo de representação de parentesco. Como muitos não sabiam como se chamavam seus antecessores, a atividade teve que ser finalizada em casa, com a ajuda de familiares e pesquisas em certidões de nascimento. Para Mello, o envolvimento da parentela é essencial no êxito dessa atividade. “A família não deve ser convocada apenas para assistir a uma apresentação de conhecimentos transmitidos pela escola e reproduzidos em feiras ou representações. Também é preciso reconhecer que os membros familiares, além das pessoas da comunidade, são portadores de saberes sobre a memória de nós mesmos e de nossa localidade”, explica.

Para aprofundar ainda mais a descoberta das histórias de cada estudante, Rosely retomou o preenchimento do questionário com a turma. Dessa vez, as perguntas estavam focadas nos nomes dos alunos: significados, quem os escolheu e por quê. A pesquisa etimológica aconteceu em duplas, na sala de informática do colégio. Já as demais respostas foram investigadas em casa, novamente com o apoio dos pais. “Amanda tem origem no latim e quer dizer ‘digna de ser amada’”, anotou uma jovem. “Minha mãe me deu o nome Isabella porque era o da boneca que ela tinha quando era criança”, descobriu outra estudante. O conteúdo foi compartilhado com os colegas em uma aula expositiva, para que todos dialogassem sobre as informações obtidas.

Descobrimo Sapopemba

O estudo da história local foi o foco da segunda fase do trabalho, que teve início com o pre-

enchimento final do questionário. Os alunos tiveram que responder: “Qual o nome do distrito?”, “Qual a sua origem etimológica?”, “Quem foram os primeiros moradores de São Paulo?”. Rosely identificou que a maioria dos estudantes confundiu o nome do bairro com o da cidade e, por isso, propôs à turma um exercício que trabalharia as noções de espaço. Ela fixou no quadro mapas do Brasil e da América Latina, distribuiu os que ilustravam o estado e a cidade de São Paulo e pediu que os materiais fossem analisados com os colegas. Ao final da atividade os alunos se localizaram dentro de cada escala geográfica e conversaram sobre o desenvolvimento da região e suas relações com a natureza. “Os jovens falaram sobre os raros espaços verdes existentes atualmente no distrito e ficaram admirados ao descobrirem que o topônimo da região tem origem tupi”, relembra Rosely.

Para aprofundar o diálogo sobre a relação do nome do distrito com a cultura dos povos indígenas, a docente organizou uma palestra ministrada pelo Índio Deusimar Moraes Cordeiro, integrante da Comunidade Indígena Boa Vista, localizada em São Gabriel da Cachoeira, a 865 quilômetros de Manaus. A turma se sensibilizou com a relação da cultura indígena com a natureza e como ela é importante para a aprendizagem, uma evidência desconhecida e distante de quem vive nas áreas urbanas. Na sequência, Rosely promoveu uma discussão sobre o entendi-

mento dos alunos acerca dos assuntos abordados na palestra. “Percebi que eles passaram a valorizar um pouco mais aquilo que permanece do passado no distrito, o nome Sapopemba, e o que não pode mais ser tão visível, a árvore homônima”, explica a professora.

Em seguida, cada estudante realizou uma pesquisa sobre as sapopembas que ainda permanecem na região. Eles observaram a paisagem local e registraram as características e os endereços onde elas estavam plantadas. Alguns jovens as fotografaram e outros as reproduziram por meio de desenhos em seus cadernos. Os resultados das investigações foram compartilhados com a turma, que concluiu ser rara a existência da árvore nos dias atuais.

Um novo olhar

Após esse amplo processo de descoberta, a docente propôs que cada um dos alunos criasse um cartão-postal com imagens e frases que traduzissem uma visão individual acerca do distrito. “Percebi claramente a mudança no modo como eles viam o lugar. Os jovens escreveram apenas mensagens positivas, contando a história da região, a origem do nome e o motivo pelo qual gostavam de viver em Sapopemba”, conta Rosely. “O que aconteceu aqui foi um verdadeiro despertar do sentimento de pertencimento e da valorização do local de moradia dos estudantes”, relembra, orgulhosa.

1 QUEM SOU EU?

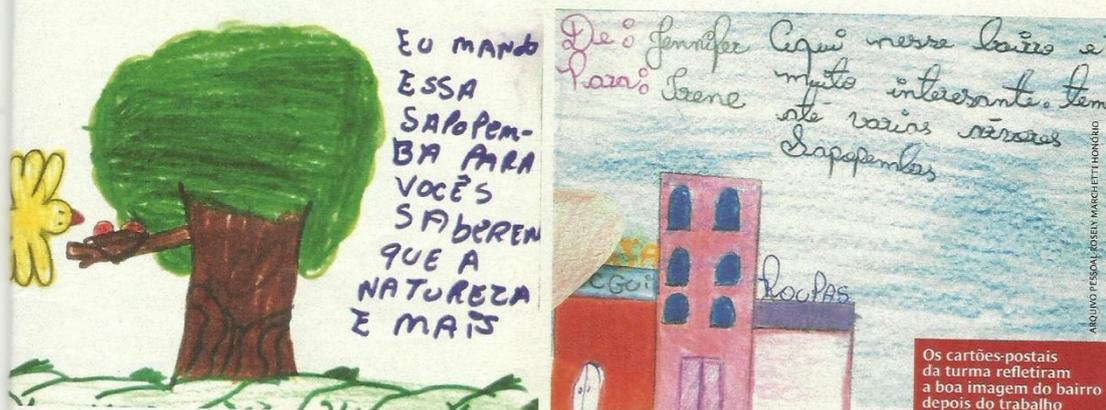
Promova a investigação das histórias de vida dos alunos, a fim de que conheçam e compreendam fatos do presente e passado.

2 QUE LUGAR É ESSE?

Amplie a pesquisa para o local de estudo e moradia dos jovens. É importante levá-los a conhecer detalhes dos ambientes que os cercam.

3 REAVALIANDO OPINIÕES

Organize um debate sobre as informações descobertas sobre vida particular e coletiva e faça os jovens refletirem acerca das opiniões que possuem sobre o todo.



Os cartões-postais da turma refletiram a boa imagem do bairro depois do trabalho

ANEXO X: Artigo 2 – Duas civilizações e um conflito antigo: Como abordar o extremismo religioso sem cair em estereótipos e preconceitos. (Apuração: Ariane Alves; Edição: Bruna Escaleira).

Sala de aula

História | 7º e 8º anos



Duas civilizações e um conflito antigo

Como abordar o extremismo religioso sem cair em estereótipos e preconceitos

Com apuração de **ARIANE ALVES** ariane.alves@fvc.org.br Editado por **BRUNA ESCALEIRA**

O recente atentado à revista francesa *Charlie Hebdo* vem gerando discussões sobre extremismo, preconceito e liberdade de expressão. O veículo publicava charges com críticas ao Islã de maneira tida como ofensiva, e vivia sob ameaças de retaliações. Em 7 de janeiro, Said e Chérif Kouachi, muçulmanos franceses, invadiram a

sede da revista e mataram 12 pessoas. O atentado causou forte comoção no mundo todo e foi seguido de novos casos de violência na França.

Ao tratar desse tema tão polêmico em sala, “é comum que o professor resolva pegar o atalho e fazer as relações mais fáceis”, aponta Daniel Helene, coordenador pedagógico do Centro de Es-



A captura de Constantinopla pelos cristãos, em tela de Eugene Delacroix



A gravura do século 16 retrata um soldado mouro durante batalha na Espanha

tudar Acaia Sagarana, em São Paulo. Muitos acabam reproduzindo estereótipos – especialmente sobre os árabes, cuja cultura é mais distante da nossa. Esse tipo de preconceito também aparece no discurso dos europeus. Mas isso foi sempre assim? Algo mudou ao longo da história?

Para responder a essas perguntas, Helene sugere que o professor promova discussões com base na comparação de relatos escritos antigos e notícias atuais (como mostra o plano de aula das páginas 38 e 39). Observando o estranhamento mútuo entre as culturas e evidenciando o intercâmbio intelectual que sempre existiu, é possível promover a compreensão de diferentes concepções de mundo e construir repertório para que o aluno amplie sua visão sobre o tema.

O primeiro ponto que deve ser esclarecido à turma é que a relação entre árabes e europeus data de antes do surgimento do islamismo e que esses conflitos não são apenas religiosos. Pelo contrário, “as religiões não são opostas”, afirma

Helene. “O problema é como essas crenças convivem”, diz Natalia Calfat, pesquisadora de Oriente Médio e Mundo Muçulmano na Universidade de São Paulo (USP). “Não se pode culpar o cristianismo ou o islamismo pelos conflitos. As duas religiões foram apropriadas por seus seguidores com fins políticos e militares”, explica Natalia.

Originado no Oriente Médio no século 1, o cristianismo tornou-se a religião dominante no Império Romano a partir do século 4 e, na região que hoje se conhece como Europa, desde a Idade Média. Surgido no século 7, o islamismo rapidamente ganhou força na Península Arábica e deu início à sua expansão. Além de ocupar a Índia e o norte da África, os muçulmanos dominaram os atuais territórios de Portugal e Espanha por oito séculos, o que motivou as batalhas da Reconquista Cristã.

Mais que retomar a Península Ibérica, o que só ocorreria em 1492, os cristãos buscaram dominar a Terra Santa nos atuais territórios de Is-

Sala de aula
História | 7º e 8º anos

rael e Palestina, historicamente ocupados pelos árabes. No entanto, as nove expedições militares comandadas pelo Vaticano, que ficaram conhecidas como Cruzadas, fracassaram.

Apesar das inúmeras mortes em nome da fé, tanto as Cruzadas como o domínio árabe na Europa não tiveram resultados apenas negativos. O contato entre as duas civilizações gerou um rico intercâmbio comercial e cultural. A bússola, a pólvora e a fabricação de papel trazidos do Oriente foram fundamentais para os novos rumos do Velho Continente; as noções de Matemática e Filosofia da Antiguidade foram incrementadas por pensadores árabes, como Averróis e Avicena; até as atuais noções de higiene dos europeus sofreram influência dos costumes mouros.

Os efeitos da marginalização

Integrada à cultura europeia, a contribuição intelectual e comportamental árabe foi levada a suas colônias nos séculos seguintes, influenciando todo o Ocidente. No entanto, nem sempre a notamos. “Temos a sensação de que todo conhecimento produzido no Ocidente é mais válido e melhor, enquanto o Oriente é classificado como atrasado e bárbaro”, afirma Natalia. Associações como essa criam uma equivocada noção de superioridade da civilização ocidental diante da oriental, o que ajuda a promover a discriminação contra árabes e muçulmanos.

Para compreender a onda de extremismo que amedronta a Europa, é preciso observar a marginalização dos estrangeiros no continente. Os irmãos responsáveis pelo indefensável atentado à revista *Charlie Hebdo* viviam em situação precária na periferia de Paris como muitos outros descendentes de imigrantes de ex-colônias francesas do norte da África – onde predomina o islamismo – que buscam uma melhor qualidade de vida em países mais desenvolvidos, mas nem sempre encontram oportunidades.

Para Natalia, a discriminação muçulmana na Europa é semelhante à postura de desumanização de outros povos, como a apresentada pelos europeus na colonização da América e da África. No Brasil, negros e índios sofrem com os resquícios dessa marginalização histórica até hoje. Mostrar essas relações é uma maneira de aproximar o debate sobre extremismo e intolerância da realidade dos alunos, mesmo falando de casos tão distantes geograficamente.

Sequência didática

Europa e Islã

Objetivos

- Compreender a origem dos conflitos entre cristãos e muçulmanos.
- Assimilar os conceitos de alteridade e intolerância.
- Entender as relações entre europeus e árabes na atualidade.

Conteúdos

- Surgimento do Islã e a expansão islâmica.
- Conflitos na Idade Média: Cruzadas.
- Conflitos atuais: extremismo e marginalização.

Anos 7º e 8º.

Tempo estimado 6 aulas.

Material necessário

Filme *Cruzada* (Ridley Scott, 2005, 144 min., Fox, tel. 11/3811-2300, 14,90 reais), Discurso do papa Urbano II no Concílio de Clermont em 1095 (abr.ai/discurso-papa), Mapa da expansão islâmica (abr.ai/expansao-islamica), Mapa da presença islâmica no mundo hoje (abr.ai/isla-paises).

Desenvolvimento

1ª etapa

Para compreender o que os alunos entendem por islamismo, apresente uma imagem que retrate os costumes muçulmanos, como em abr.ai/foto-islã, que mostra um grupo de homens rezando abaixados. Questione se eles sabem onde aquela foto pode ter sido tirada e o que aquelas pessoas estão fazendo. Anote as ideias para pensar quais pontos trabalhar no desenvolvimento do conteúdo.

Pergunte se os estudantes conhecem muçulmanos ou têm alguma proximidade com a cultura islâmica. Caso a turma não tenha essas referências, apresente personalidades importantes, como Malala Yousafzai, jovem ativista paquistanesa pela Educação feminina, e o líder político palestino Yasser Arafat (1929-2004), ambos ganhadores do Prêmio Nobel da Paz.

Nesse momento, é possível que surja algum tipo de preconceito, como relacionar muçulmanos a terroristas. Caso isso aconteça, questione se é uma ideia estereotipada sobre

uma cultura que ainda não se conhece. Ressalte que o extremismo religioso faz parte de um processo histórico complexo que será desenvolvido nas próximas aulas.

■ 2ª etapa

Explique o surgimento do islamismo no século 7, indicando suas características, ritos e cultura. Promova a compreensão da ideia de alteridade, identificando semelhanças e diferenças entre os costumes de muçulmanos e cristãos. Você pode se basear no livro *Dicionário Temático de História Medieval* (Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, Edusc, 2006, vol. 1, 674 págs., vol. 2, 640 págs., tel. 14/2107-7220, 141,90 reais, os dois volumes).

Em seguida, proponha que os alunos analisem os territórios de Europa, norte da África e Oriente Médio no mapa da expansão islâmica. Identifique o local de origem do Islã e as áreas que ocupou, salientando a rapidez desse processo e seu domínio sobre a Península Ibérica.

■ 3ª etapa

Faça uma aula expositiva sobre a Reconquista Cristã, que buscou retomar os territórios europeus da posse dos árabes na Idade Média. Detalhe a Batalha de Poitiers de 732, entre muçulmanos e francos, liderados por Carlos Martel, que marcou o fim da expansão islâmica.

Depois, exponha o movimento das Cruzadas, entre os séculos 11 e 15. Usando mapas, peça que os alunos observem as rotas comerciais que surgiram com base nesses conflitos e quais países ocupam atualmente o território da Terra Santa reivindicado pelos cristãos.

■ 4ª etapa

Divida a turma em duplas e entregue para cada uma o discurso do papa Urbano II, no concílio de Clermont em 1095, que oficializa o início das Cruzadas, destacando um trecho como este: "(...) ouvimos sobre uma raça de homens saídos de presença profana e falta de fé. Turcos, persas e árabes, amaldiçoados, estranhos a nosso Deus, que devastam por fogo ou espada as muralhas de Constantinopla. (...) os descrentes forçam cristãos a (...) curvar as cabeças e esperar o golpe da espada. (...) turcos abusam de mulheres cristãs. Turcos abusam de crianças cristãs. Ó, francos, deixem a chama sagrada queimar, lutem contra os amaldiçoados, raça que avilta a terra sagrada. Não temam a morte, pois nela reside a vida eterna!".

Após a leitura, sugira que anotem, em duplas, as principais impressões sobre o texto e, então, promova uma discussão sobre as ideias que as lideranças cristãs daquela época disseminavam sobre os muçulmanos.

■ 5ª etapa

Passe para a turma cenas do filme *Cruzada*, de Ridley Scott, em que muçulmanos e cristãos referem-se uns aos outros como infiéis e justificam suas batalhas como algo sagrado – especialmente o encontro entre o rei de Jerusalém e o chefe dos muçulmanos. Estimule o debate sobre as semelhanças entre os discursos de islâmicos e cristãos nas cenas.

■ 6ª etapa

Após introduzir o contexto de formação dos conflitos entre cristãos e muçulmanos, traga a discussão para o tempo atual. Mostre o mapa com os países em que o islamismo está presente atualmente. Compare os territórios ocupados pelos muçulmanos em sua época de expansão e hoje, mencionando as regiões de maioria islâmica colonizadas pelos europeus entre o século 19 e o início do 20, como as colônias francesas no norte da África.

Questione se os alunos conhecem casos em que minorias religiosas são discriminadas ou protagonizam atos extremistas. Leve reportagens sobre atentados recentes, como o ataque à revista francesa *Charlie Hebdo* e o massacre a milhares de civis na Nigéria realizado pelo grupo extremista islâmico Boko Haram. Promova a discussão sobre os conflitos atuais, relacionando-os ao histórico trabalhado.

Avaliação

Solicite que os alunos produzam, individualmente, uma dissertação argumentativa sobre como os ocidentais veem os muçulmanos. O professor deve levar em consideração a argumentação e a capacidade de relacionar a atualidade ao contexto histórico estudado. Reúna os textos produzidos e crie um jornal da sala. Se possível, faça cópias para que levem para casa. Outra opção é criar um blog para disponibilizar as produções na internet.

Consultoria **LAÍS SANCHEZ**, mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professora do Colégio João Friaza, em Embu-Guaçu, a 45 quilômetros de São Paulo.

ANEXO XI: Artigo 3 – A pátria além do hino e da bandeira: Documentos e narrativas ajudam a formar um olhar crítico sobre a independência do Brasil. (Texto: Pedro Anunciato; Design: Patrick Cassimiro; Edição: Bruna Escaleira).

Sala de aula

História | 6º ao 9º ano

A pátria além do hino e da bandeira

Documentos e narrativas ajudam a formar um olhar crítico sobre a independência do Brasil

Texto PEDRO ANUNCIATO • Design PATRICK CASSIMIRO • Edição BRUNA ESCALEIRA

A edição de 17 de agosto de 1822 do *Correio do Rio de Janeiro* trazia na primeira página o Manifesto do Príncipe Regente do Brasil aos Governos e Nações Amigas. No documento, D. Pedro I discorria sobre as razões do rompimento definitivo que ocorreria semanas depois, em 7 de setembro. O então príncipe regente do Brasil criticava a ambição portuguesa na exploração das terras descobertas por Cabral, os pesados impostos da coroa sobre a extração do ouro e as “leis tirânicas” que amarravam a colônia a um severo sistema econômico de servidão à metrópole.

Os tempos eram de agitação: proprietários rurais, burocratas, membros da Justiça e comerciantes que haviam se beneficiado da recente abertura dos portos pressionavam pela independência, revoltas separatistas eclodiam por toda a colônia e a escravidão ainda era realidade para mais de um milhão de negros em 1819.

Diante da quantidade e da complexidade de atores e processos, orientar os alunos para ter uma visão crítica dos acontecimentos não é fácil. A escola tende a ensinar uma história cívica, herança da Educação nacionalista do século 19,



O homem por trás da espada

Embora na iconografia ele apareça como herói nacional e grande líder militar, vale ressaltar que D. Pedro I era um chefe de Estado com imensas dificuldades de governar. Do ponto de vista institucional, o imperador tinha somente o Poder Moderador, cuja atribuição era mediar conflitos. Porém, na prática, acumulava também o Poder Executivo, responsável pelas decisões administrativas.

Sala de aula

História | 6º ao 9º ano

quando o Brasil Império buscava construir sua identidade. Por isso a bandeira e o grito às margens do Ipiranga são referências do tempo em que os atuais professores de História sentavam nos bancos escolares e marcam o imaginário coletivo, exigindo desmistificação. “Hoje, o objetivo deve ser entender como as narrativas da independência foram construídas e chegaram até nós”, diz Juliano Sobrinho, professor de História na Universidade Nove de Julho (Uninove), em São Paulo.

Com essa preocupação, o professor Luiz Paulo Lima analisou diversos discursos antigos e atuais com a turma do 8º ano da EM Ceará, na zona norte do Rio de Janeiro.

As narrativas da História

O docente começou projetando uma série de pinturas que retratam a América portuguesa e a família real, que vivia no Rio de Janeiro desde 1808. Além de obras clássicas, como *Independência ou Morte* (1888), de Pedro Américo (1843-1905) e *A*

Proclamação da Independência (1844), de François-René Moreaux (1807-1860), Lima escolheu aquelas menos conhecidas. *Jovens Negras Indo à Igreja para Serem Batizadas* (1821) e *Tribo Guaicuru em Busca de Novas Pastagens* (1823), ambas de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), mostram a situação de negros e índios. Também foram analisados diferentes retratos de D. Pedro I.

“Que tipos de pessoas estão representados? Em que lugares? Como são suas vestimentas? O que fazem? A partir dessas perguntas básicas, os alunos conseguem descrever as imagens e notar diferenças entre elas”, conta Lima. “Também lemos artigos de jornais da época para observar que não existe uma única versão dos fatos”, completa.

O professor acrescentou narrativas concebidas no presente, como os sambas-enredo da Imperatriz Leopoldinense: *João e Marias* (2008) narra a chegada da família real ao Brasil; *Leopoldina, a Imperatriz do Brasil* (1996) fala sobre a princesa austríaca que se casou com o imperador. “Os alunos se identificam muito com essa escola de samba. Muitos moram próximo à quadra e os pais desfilam por ela no Carnaval”, comenta.

Divididos em grupos, os estudantes compararam as pinturas antigas aos discursos dos sambas sobre os mesmos acontecimentos. Puderam pesquisar mais detalhes em livros didáticos, dicionários e na internet e, em seguida, apresentaram as conclusões à sala.

Durante a atividade, notaram os diferentes pontos de vista registrados nos materiais analisados. Um exemplo: o samba-enredo de 1996 dá a entender que a Imperatriz Leopoldina influenciou D. Pedro I a proclamar a independên-



ILUSTRAÇÕES: ANIEL PAJULOWICZ

Independência para quem?

Apesar do clima de festa e libertação de alguns registros históricos, a vida no Brasil Império era marcada pelo autoritarismo. Após a independência, a escravidão foi mantida. Não havia liberdade de imprensa, pouquíssimas pessoas tinham direito a voto e a relação entre os poderes era tensa. Em 1824, D. Pedro I dissolveu a Assembleia Constituinte e outorgou a primeira Constituição brasileira.

Identidade nacional

Quem vivia aqui no século 19 não tinha a percepção de que era brasileiro, já que ainda não existia um estado nacional. Vale mostrar aos alunos que boa parte do interior do país era desconhecida e que o Brasil Império teve que se esforçar para manter sua unidade territorial frente a movimentos separatistas. O plano de aula disponível em abr.ai/independencia propõe uma visão da independência como parte de um processo histórico maior.

cia, mas ela nem sequer aparece nos quadros da época ou nos artigos de jornais analisados. “Se o professor proporciona uma reflexão sobre como a história é construída, os alunos são levados a criticar os documentos. Não é interessante usá-los apenas para ilustrar as falas”, aponta Sobrinho.

O imaginário da independência

Levante a espada quem nunca ouviu falar que a bandeira brasileira traz o verde das nossas matas e o amarelo do nosso ouro ou jamais celebrou o 7 de Setembro no pátio da escola. No Ensino Fundamental 1, as aulas de História ainda são muito atreladas às datas comemorativas: “Só porque os pequenos memorizaram alguns fatos não quer dizer que se tratou do tema da independência do Brasil adequadamente”, alerta Daniel Helene, coordenador pedagógico do Centro de Estudos Acaia Sagarana. Além disso, as crianças menores têm dificuldade de entender conceitos complexos como o que significa deixar de ser colônia.

Então, como trabalhar esse assunto? “O maior cuidado é não dar um sentido de louvação, mas de compreensão desses símbolos nacionais. O olhar sobre eles pode ter mais historicidade”, sugere Lucas Monteiro, professor de História da Escola Santi, em São Paulo.

Uma possibilidade é partir do imaginário dos alunos. Francisco Lisboa, docente da EM Professor Luiz Costa, em Fortaleza, adotou essa linha com a turma do 6º ano, recém-chegada do Ensino Fundamental 1. Ele explica que, nas séries iniciais, trabalha-se muito a questão das representações sociais ligadas ao conceito de autoridade. “É preciso respeitar o horizonte imaginativo. Inicial-

mente, a criança quer ser o imperador, montar o cavalo, usar aquelas roupas. Aos poucos, isso vai mudando”, diz Lisboa.

Essa abordagem desmistifica a figura do governante ao enfatizar suas funções institucionais. O docente explica as tarefas burocráticas e o papel político que D. Pedro I cumpria, comparando-os aos cargos e poderes políticos do atual sistema de governo brasileiro. “O grande objetivo não é dizer ao aluno que ele está equivocado, mas trabalhar elementos para que possa construir uma imagem dos personagens históricos mais próxima da realidade”, comenta o professor.

“As crianças veem a batalha do quadro do Pedro Américo e perguntam: ‘Mas Dom Pedro precisava mesmo de uma espada?’. Explico que existe um lado simbólico na arte e que aquela pintura é uma representação”, conta Lisboa. Esse tipo de reflexão, em que os alunos procuram compreender as motivações de quem fazia o registro histórico, ajuda a dissolver estereótipos. “É importante que os estudantes vejam que a gente precisa de documentos para construir o conhecimento de História, que façam esse ‘tatear’ histórico e entendam que uma pintura, por exemplo, é uma recriação do artista”, diz Helene.



ANEXO XII: Artigo 4 – Quem tem mapa vai à Roma! Combine arqueologia e tecnologia para apresentar o passado do maior império que o mundo já viu. (Texto: Leonardo de Sá; Design: Patrick Cassimiro; Edição: Bruna Escaleira).



Quem tem mapa vai a Roma!

*Combine arqueologia e tecnologia para apresentar
o passado do maior império que o mundo já viu*

Texto LEONARDO DE SÁ ■ Design PATRICK CASSIMIRO ■ Edição BRUNA ESCALEIRA

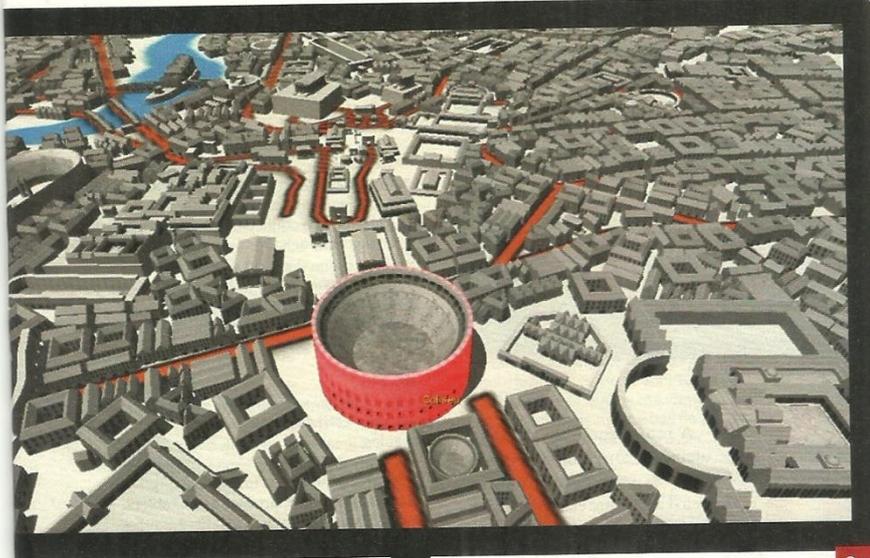
Gladiadores enfrentando leões, soldados com armaduras, donzelas com vestidos brancos e bigas, aquelas carruagens típicas, correndo sobre o chão de terra batida. Muitos filmes, seriados de TV, livros e obras de arte trazem retratos emblemáticos do Império Romano. Mas será que era assim que vivia um cidadão de lá?

O que complica o tema é seu distanciamento da realidade atual. Relacionar e comparar aspec-

tos da Roma antiga ao contexto das cidades modernas é uma saída. “Dá para discutir o tipo de saneamento básico da época e o de hoje, e qual era a ideia de uma cidade planejada para aquela civilização e para nós”, sugere Lucas Monteiro, professor de História da Escola Santi e do Instituto Acaia, em São Paulo. Para dar conta dessas relações, pode-se usar os saberes da arqueologia, ciência que costuma ficar restrita aos museus

Sala de aula

História | 6º ano



REPRODUÇÃO

O programa Roma 360 mostra a cidade em 3D com destaque para edifícios como o Coliseu

históricos e etnográficos. “Trabalhar com os indícios arqueológicos dessas instituições é um desafio. Por seu caráter fragmentado, muitas vezes eles não despertam o interesse do grande público”, comenta Carla Ribeiro, museóloga da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Valorizar os vestígios ajuda a compreender características sociais, culturais e psicológicas de um povo.

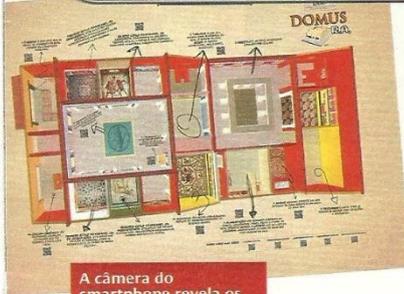
Arqueologia atualizada

Uma novidade que pode ser a chave para desbravar os saberes museológicos e torná-los mais acessíveis é a ciberarqueologia. Por meio dela, modelos em 3D permitem a interação do público com sítios e objetos arqueológicos. O conceito surgiu nos anos 2000 com o professor Maurizio Forte, da Duke University, nos Estados Unidos. No Brasil, o campo é novo, mas já explorado pelo Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (Larp) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), que estuda sociedade, religião, paisagem, arquitetura e urbanismo da Roma antiga e suas províncias.

Para levar o conhecimento estudado na universidade para as práticas pedagógicas, Alex Martire, doutorando do Larp, criou o aplicativo Roma 360. O programa reproduz a cidade em um modelo 3D que permite ao usuário passear por suas estruturas e conferir detalhes das obras mais importantes da antiguidade, como o Coliseu, o Circo Máximo e o Fórum. “Quem navega percebe como as construções eram desorganizadas e amontoadas, o que se assemelha a São Paulo”, comenta o pesquisador. O aplicativo também oferece textos explicativos sobre alguns dos edifícios, que aparecem quando se passa o mouse sobre eles.

Domus, que significa casa em latim, é outro programa criado pelo Larp. Ele revela a vida privada dos habitantes da Metrópole ao reconstruir o tipo de moradia das classes mais abastadas: amplas e com espaços para funções definidas, como o *balneum*, espécie de sala de banho, e a *tablina*, escritório onde o *dominus*, o senhor da casa, recebia clientes e amigos. Ao visitar cada ambiente, o usuário visualiza textos sobre sua utilização e pode manipular objetos como jarros e lamparinas.

Sala de aula
História | 6º ano



A câmera do smartphone revela os detalhes do ambiente da planta impressa

A reconstrução de espaços e utensílios corresponde com precisão às referências estudadas pelo Larp. Entre elas, estão as das províncias romanas de Pompeia e Herculano, que permaneceram intactas após serem cobertas por cinzas do vulcão Vesubio no ano de 79 d. C. e foram escavadas no século 18. “Elas se

tornaram grandes referências. Vestígios de cerâmicas, mobília e moinhos compõem o que se chama de ‘cultura material’ e são ícones da pesquisa arqueológica”, diz Tatiana Bina, pesquisadora do laboratório. A observação das peças aponta para usos e costumes de uma civilização. “Quando os alunos descobriram que em algumas casas romanas a latrina era do lado da cozinha, ficaram espantados”, comenta Alex a respeito da primeira vez em que a equipe do Larp levou o Domus a uma sala do 6º ano do Liceu Jardim, em Santo André, região metropolitana de São Paulo.

O site do Larp (larp.mae.usp.br) disponibiliza aplicativos e textos para planejar o uso em sala de aula. Uma das inovações que vem por aí é a planta baixa da casa romana impressa com códigos QR. Ao apontar a câmera de um smartphone ou tablet para o código de um ambiente, o usuário verá sua versão tridimensional. Carla acredita que a tecnologia serve de chamariz para essa geração de alunos. “Da mesma maneira que se deve atualizar a didática escolar, permitindo o uso de celulares, também é preciso expandir os horizontes dos museus, e bons programas podem cumprir essa função”, pontua a museóloga.

Sequência didática
Visita a uma casa romana

Objetivos

- Compreender o cotidiano e a organização social da Roma antiga.
- Relacionar o conhecimento das sociedades antigas aos achados arqueológicos.

Conteúdos

- Cultura e sociedade na Roma antiga.
- Modo de vida romano.

Ano

6º.

Tempo estimado

4 aulas.

Materiais necessários

Computadores, smartphones ou tablets.
Acesso ao site larp.mae.usp.br

Desenvolvimento

■ 1ª etapa

Insira esta sequência didática na fase final de um trabalho sobre Roma antiga. Explique para a turma que vocês vão pesquisar como era o cotidiano dos romanos. Conte que isso só é possível graças ao trabalho de arqueólogos, que estudaram a cultura material deixada por esse povo. Mostre (usando projetor ou a tela de um computador) o site do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial do Museu de Arqueologia e Etnologia, desde a página inicial até a que contém a plataforma Domus (na aba Interatividade 3D: larp.mae.usp.br/rv). Explique que será feito um passeio por uma casa romana. Ao iniciar o aplicativo Domus, faça um primeiro trajeto panorâmico e incentive os alunos a explorar a casa, observando com atenção utensílios e móveis presentes em cada cômodo. Peça que os estudantes destaquem e justifiquem os aspectos que chamaram a atenção deles. Pergunte se eles imaginam quem morava na casa; caso não surjam hipóteses espontâneas, especifique que quer saber se são os habitantes de classes sociais mais altas, chamados patrícios, ou os mais pobres, chamados plebeus.

■ 2ª etapa

Em seguida, passe por cada um dos ambientes lendo o texto explicativo e peça aos alunos que registrem no caderno quais pessoas os ocupariam – os plebeus na oficina de cerâmica, os patrícios nos ambientes sociais – e questione quais são os indícios que permitem saber isso. Oriente

os estudantes a registrar as funções e características de cada um dos ambientes (exemplo: cômodos de trabalho com mobília simples, salas para uso social com móveis rebuscados e paredes decoradas). Em cada ambiente, discuta a relação entre o trabalho do arqueólogo e as informações que estão sendo apresentadas. Proponha que os alunos leiam uma matéria sobre o início da arqueologia: abr.ai/arqueologia.

■ 3ª etapa

Organize a sala em grupos. Proponha que eles escolham um dos ambientes visitados e leiam o texto de apoio mais longo referente a ele – disponível em Textos de Apoio (Domus) ou nos códigos QR no marcador PDF, ambos na página de interatividade 3D – e registrem no caderno quem e de que forma utilizava o espaço escolhido. Os textos são desafiadores para essa faixa etária, mas podem ser lidos coletivamente e com o apoio do professor.

■ 4ª etapa

Sugira aos alunos que imaginem e registrem no papel uma cena que tenha se passado no ambiente estudado pelo grupo, circulando no desenho os itens que podem ter sido encontrados pelos arqueólogos. Sugira que eles elaborem uma apresentação e socializem as informações com toda a classe as informações que obtiveram.

■ 5ª etapa

Oriente-os a deixar os desenhos sobre as mesas enquanto os colegas circulam pela sala observando as produções. Ressalte que o objetivo do trabalho é o estudo daquela sociedade, não a produção de uma obra artística. Após a apreciação dos materiais por todos, peça que um representante de cada grupo fale sobre a cena imaginada e os objetos que poderiam ser vestígios arqueológicos.

■ 6ª etapa

Para que os alunos relacionem as informações sobre a casa romana à cidade e ao império, use o aplicativo Roma 360 (arp.mae.usp.br/Roma360Web.html), que mostra um mapa da Roma antiga em 3D. Deixe que naveguem livremente e peça que explorem todas as funções disponíveis, observando as diferentes finalidades das construções (políticas, culturais, residenciais).

Pergunte onde a turma imagina que ficaria a casa estudada anteriormente no mapa e promova um breve debate. Explique que as habitações dos patrícios eram maiores e ficavam mais próximas aos edifícios mais importantes. Mostre os *domus*, ou seja, as moradias de algumas das famílias mais ricas, sinalizadas em verde no aplicativo. Exponha também que os plebeus costumavam morar nas *insulas*, prédios de dois ou três andares amontoados ao redor de *domus* importantes e, principalmente, na periferia da cidade. Peça que os estudantes encontrem essas habitações no mapa. Depois, promova uma discussão: “Será que toda a estrutura de Roma foi planejada?”. Proponha que a turma relacione o crescimento desordenado a outras cidades que conhecem. Faça perguntas como: “A cidade em que vivemos é organizada da mesma maneira?”, “Há diferenças entre as casas das pessoas ricas e pobres hoje em dia?” ou “Vocês acham que nossa cidade foi planejada para ser da forma como é hoje?”.

■ 7ª etapa

Retome os materiais vistos, enfatizando a quantidade de fontes de informação disponíveis sobre a sociedade romana (os textos de apoio citam diversos sítios arqueológicos e uma grande variedade de vestígios, com muitas fotos). Relembre o modo como se dava a divisão de trabalho e os diferentes papéis sociais ocupados por patrícios, plebeus e escravos e como isso aparece nas fontes arqueológicas.

Avaliação

Faça uma apreciação coletiva dos desenhos produzidos na 4ª etapa, verificando se os conteúdos trabalhados em aula foram bem representados neles (cada personagem adequado ao ambiente escolhido pelo aluno), bem como a pertinência dos argumentos para justificar se um objeto pode ser um vestígio arqueológico ou não, e de onde foram retiradas essas informações (citação das fontes de pesquisa). Também é possível observar os registros de leitura, avaliando como evoluiu a competência dos alunos para a obtenção de informações nos textos de apoio.

Consultoria **RICARDO BUZZO**, professor de História da Escola da Vila, em São Paulo.

ANEXO XIII: Artigo 5 – A nova história dos velhos quilombos: Pesquisas derrubam estereótipos sobre essas comunidades. Faça o mesmo em suas aulas. (Texto: Monise Cardoso; Design Patrick Cassimiro; Edição: Wellington Soares).

Sala de aula

História | 8º ano

A nova história dos velhos quilombos

Pesquisas derrubam estereótipos sobre essas comunidades. Faça o mesmo em suas aulas

Texto MONISE CARDOSO • Design PATRICK CASSIMIRO • Edição WELLINGTON SOARES

As fotos que ilustram esta reportagem foram tiradas em quilombos. Nelas você não vê negros em roda, batucando tambores, como nas pinturas clássicas sobre o assunto, presentes quando os livros didáticos mencionam a existência dessas comunidades. Ao contrário, os flagrantes mostram o cotidiano de grupos que, apoiados na herança afro-brasileira, construíram um modo de viver parecido com o de outras regiões rurais.

As imagens foram feitas por crianças e adolescentes quilombolas dos distritos de Palmeira dos Negros, na cidade de Igreja Nova, e Bom Despacho, em Passo do Camaragibe, ambas no interior de Alagoas. Elas foram produzidas durante oficinas do projeto Autorretrato – O Nordeste Que É a Nossa Cara (conheça mais em [retratonordeste.com](#)). “Explico para as crianças que o que determina uma boa foto é a importância histórica, social e emocional que ela carrega”, conta o coordenador da iniciativa, Waldson de Souza. Imprimir um novo olhar sobre as populações quilombolas – de hoje e do passado – tem sido um esforço das pesquisas da área. “A história do negro no Brasil é contada de cima para baixo, pelo olhar dos fazendeiros”, destaca Martha Campos Abreu, professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde desenvolve pesquisas sobre o tema. Na versão oficial, imperam os estereótipos, como o batuque. Em sala de aula, o desafio é mostrar que há muito mais semelhanças entre essas comunidades e a vida fora delas.

O trabalho começa por compreender o significado dos quilombos para além do senso comum. Essas comunidades eram constituídas principalmente por mulheres e homens negros, boa parte escravos que escapavam das senzalas. Com a cria-

ção desses povoamentos, nasciam também novos modos de vida e de trabalho. No livro *Quilombos: Identidade Étnica e Territorialidade* (Eliane Cantarino O’Dwyer, 294 págs., Ed. FGV, tel. 0800-021-7777, 30 reais), a autora mostra que o quilombo Furnas de Dionísio, fundado em 1890 em Mato Grosso do Sul, tinha como principal atividade a agricultura sustentada por práticas cooperativas. Era comum, por exemplo, que quem tivesse dificuldade para finalizar algum trabalho na roça pedisse ajuda aos demais. Com isso formavam-se mutirões de homens que, em troca, recebiam alimentação. Ao final do dia, quando o mutirão acabava o trabalho, os ajudantes cercavam o dono da roça e o levavam até em casa cantando: “Patrão tá preso/não é pra soltá/ garrafa e meia/pra nós toma”. Servia-se o jantar e a noite se encerrava com uma roda de lundu, dança africana ritmada por tambores. O batuque, aqui, não é só música.

Eles não viviam isolados

Na EM República de El Salvador, no Rio de Janeiro, o professor Eric Brasil se apropriou dessa visão renovada sobre os quilombos no trabalho com a turma de 8º ano. Ele começou perguntando aos estudantes quais eram as estratégias de libertação que eles imaginavam que os escravos poderiam ter adotado no passado. As respostas foram duas: fugir ou se revoltar. Foi então que ele introduziu a discussão sobre os quilombos, mostrando que eles eram muito mais do que um abrigo.

Ao contrário do que normalmente se pensa, as vilas não estavam totalmente apartadas do mundo – e isso era bom. No artigo *Ameaça Negra*, o historiador João José Reis ilustra o cenário da época: “Para senhores e governo, o problema

Sala de aula
História | 8º ano

maior estava em que, na sua maioria, os quilombos não existiam isolados, distantes da sociedade escravista". Os moradores estabeleciam relações com a população urbana, criando uma rede de contatos que envolvia negros escravizados, negros livres e até homens brancos. "Com essa gente eles trabalhavam, se açoitavam, negociavam alimentos, armas, munições e outros produtos; com escravos e libertos podiam manter laços afetivos, de parentesco, de amizade", descreve.

Mesmo a vida na escravidão não era isolada. Martha Campos ressalta que, apesar da ausência de registros, os negros sempre organizaram revoltas e criaram meios de negociar a sua sobrevivência. Uma das formas que as pessoas encontravam de se comunicar, planejar fugas e trocar informações sobre novos quilombos era no meio dos carreiros, escravos que trabalhavam transportando produtos como café. "Por viajarem grandes distâncias, esses homens adquiriam contatos e conhecimento", conta. As festas promovidas na ci-

dade também eram momentos de articulação entre os cativos. Ali, podiam se conhecer e planejar desde um casamento até grandes fugas.

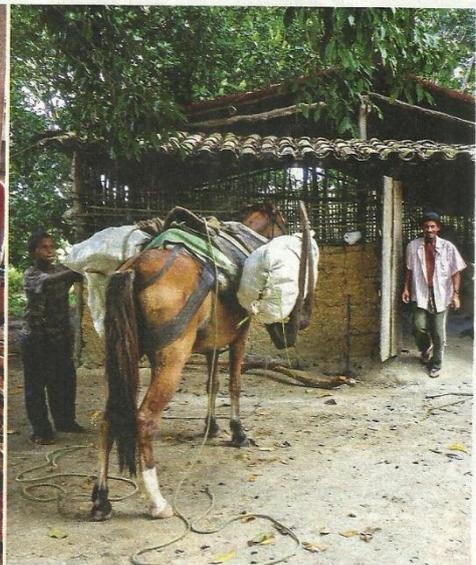
Passados presentes

Nas aulas de Eric, os alunos não sabiam o significado do termo "quilombo", e muito menos imaginavam que essas comunidades pudessem existir ainda hoje. "Quando perguntados, um ou outro arriscou dizer que tinha ouvido falar sobre Palmares, mas não sabiam explicar do que exatamente se tratava", lembra. Depois de apresentar as características dos quilombos históricos, o professor decidiu debater os que ainda sobrevivem.

Para trazer a discussão para a atualidade, Eric apresentou o Artigo 68 da Constituição Federal, que versa sobre os direitos concedidos aos povos que vivem em terras remanescentes de quilombos. "Com isso, consegui mostrar para eles que o termo quilombo é usado politicamente para conquista de direitos, e tem também um amplo sen-



JEDSON DA SILVA FELIX



GILVAN DOS SANTOS JUNIOR

No Bom Despacho, em Passo do Camaragibe, a produção de farinha faz parte da tradição local

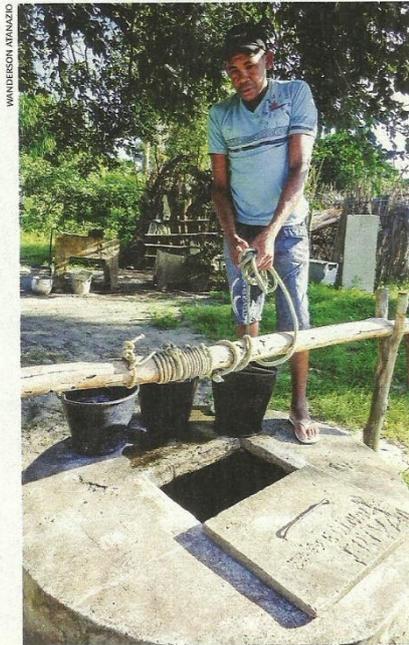
tido ligado à vida em comunidade, com tradições culturais e de matriz africana”, conta Eric. Com a intenção de deixar os conceitos ainda mais claros na cabeça da garotada, o professor exibiu o documentário *Memórias do Cativo* (Guilherme Fernández e Isabel Castro, 43 min, disponível em abr.ai/memorias-do-cativo). O filme apresenta relatos de descendentes de escravos trazidos para o sudeste brasileiro no século 20.

Para Juliano Sobrinho, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), discutir a criação e a permanência das comunidades quilombolas é importante para refletir sobre as marcas sociais deixadas pela escravidão. “Não podemos esquecer o sofrimento para que ele não volte a acontecer”, destaca.

Para dar continuidade à discussão sobre as diferentes formas de resistência do povo negro, uma alternativa de trabalho é a utilização de letras de jongo. Considerada patrimônio imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artís-

tico Nacional (Iphan), a prática é uma das muitas heranças africanas: foi trazida por homens e mulheres escravizados na região do Congo. Hoje, permanece viva dentro e fora de comunidades quilombolas. Trata-se de uma dança de roda, que era realizada em lavouras de café. “Por meio delas, os escravizados conseguiam desabafar, criticar o cotidiano, tirar sarro dos senhores, se declarar. É uma das práticas mais fortes da cultura da resistência”, explica Martha Campos. A pesquisadora sugere, ainda, um paralelo entre a similaridade do jongo e do rap, estilo contemporâneo vindo das periferias. É um caminho interessante para expandir o estudo sobre a importância da música na luta da cultura negra. “Em suas melhores manifestações, tanto o jongo quanto o rap conseguem provocar reflexão sobre uma realidade injusta”, finaliza Martha.

As imagens presentes nos livros didáticos mostram muito, mas são apenas uma pequena parte da gigantesca história dos quilombos. ■



WANDERSON ATANAZIO



JANIELE DOS SANTOS



LUCICLEIDE INOCÊNCIO

O folclore e a religião ligam presente e passado no quilombo de Palmeira dos Negros

ANEXO XIV: Artigo 6 – O novo e o velho Rio: O porto revitalizado para as olimpíadas é um bom exemplo de estudo de paisagens pela comparação de imagens. (Texto: Larissa Dark).

SALA DE AULA



Geografia e História

O novo e o velho Rio

O porto revitalizado para as Olimpíadas é um bom exemplo do estudo de paisagens pela comparação de imagens

Texto LARISSA DARC

Século 21
Porto Maravilha
 A obra demoliu um elevado, devolveu a área a antigos prédios históricos e ganhou os museus do Amanhã (foto) e de Arte do Rio (MAR).

Século 20
Aterro
 Na reforma de 1903, o prefeito Pereira Passos aterrou o ancoradouro, buscou adaptar a área aos carros e apagar o passado de escravidão.

Século 19
Cais do Valongo
 A partir de 1811, 1 milhão de africanos entraram no Brasil por aqui. O tráfico seguiu clandestino mesmo após o fechamento da área, em 1831.

Na Geografia, paisagem é um termo que designa a interação de elementos naturais com a ação humana em um espaço. Toda paisagem conta uma história, e as imagens são um ótimo recurso para entender as causas das transformações de um lugar ao longo do tempo. Com uma sequência simples (*abaixo*), dá para analisar, por exemplo, as mudanças na zona portuária do Rio de Janeiro. A hoje badalada orla com o Museu do Amanhã já foi a maior porta de entrada de escravos das Américas (*ao lado*) e sofreu com a degradação nas últimas décadas do século 20. ■



ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - BRASIL - FOTO JACQUELINE IMARINE

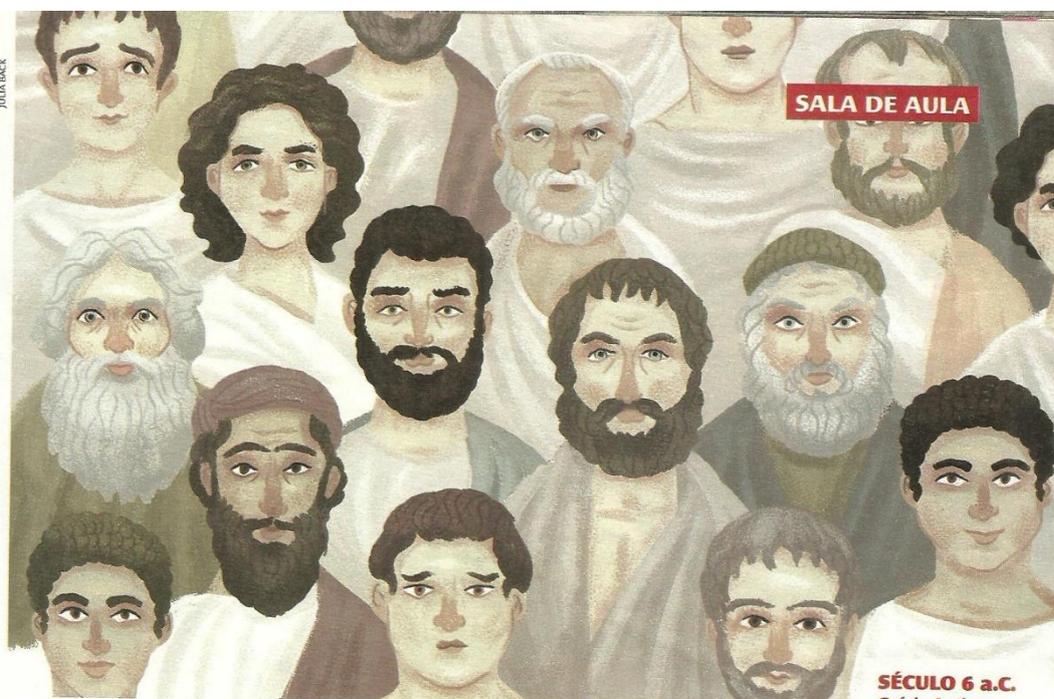
QUATRO ETAPAS DO ESTUDO DA PAISAGEM

Levar a turma a entender as causas das transformações é o maior objetivo

<p>Compare</p> <p>Peça que os estudantes analisem as imagens em conjunto e relatem as mudanças que veem.</p>	<p>Amplie</p> <p>Proponha pesquisas sobre o contexto social e econômico da cidade da paisagem analisada.</p>	<p>Pergunte</p> <p>Quais as causas das transformações? Use os dados da pesquisa para amparar as hipóteses.</p>	<p>Explique</p> <p>Após a exposição de ideias, conte a história do local, evidenciando o papel da ação humana.</p>	<p>Consultoria: Cláudio de Paula Honorato, do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, Sílvio Luiz Cordeiro, urbanista e arqueólogo, e Andrea de Castro Panizza, geógrafa.</p>
---	---	---	---	--

16 AGOSTO 2016 novaescola.org.br

ANEXO XV: Artigo 7 – O que o voto quer dizer: Ele é essencial, mas não garante a democracia. Ele vale coisas diferentes em lugares diferentes. Mostre com exemplos de Iraque, EUA, Inglaterra e Brasil. (Texto: Rodrigo Ratier com colaboração de Monise Cardoso; Design: Victor Malta; Edição: Rodrigo Ratier).



SÉCULO 6 a.C.
Grécia Antiga
O voto era direto, mas só 10% da população podia votar.

História

O que o voto quer dizer

Ele é essencial, mas não garante a democracia. E vale coisas diferentes em lugares diferentes. Mostre com exemplos de Iraque, EUA, Inglaterra e Brasil

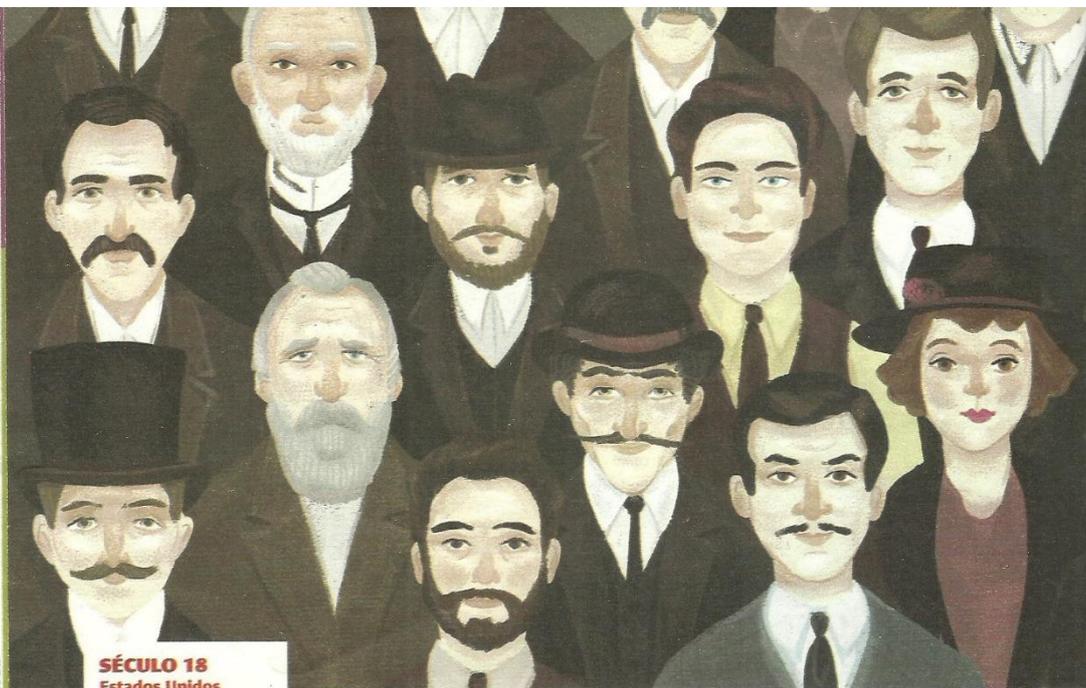
Texto **RODRIGO RATIER** com colaboração de **MONISE CARDOSO** ■ Design **VICTOR MALTA** ■ Edição **RODRIGO RATIER**

A provocation é conhecida, mas segue válida. “Democracia – já se disse – é a pior forma de governo, à exceção de todas as outras que já foram experimentadas”, afirmou o primeiro-ministro Winston Churchill no parlamento britânico, em 1947. Para continuar no clima de Churchill, o que torna o “governo do povo” – conforme a origem grega da palavra – menos pior do que os outros é o fato de que o controle do poder está na mão de muitas pessoas. De tempos em tempos, cidadãos escolhem os representantes da “vontade

popular”. É o voto, símbolo maior da democracia e muitas vezes confundido com ela.

Abordar seu significado é um jeito criativo de fugir da surrada comparação com a democracia ateniense toda vez que chegam as eleições. Os pioneiros gregos podem ser convocados numa proposta mais ampla, relacionada ao papel e alcance do ato de votar em regimes presidencialistas, parlamentaristas e autoritários.

O voto é, sem dúvida, o instrumento mais visível de uma democracia. Mas não é seu sinônimo.



SÉCULO 18 Estados Unidos

Ratificada em 1788, a Constituição americana estabeleceu um sistema de votação formalmente indireto, o colégio eleitoral. Desde então, já foram eleitos 44 presidentes dessa maneira.

Artigo do professor Juca Gil, da UFRGS, explica o quociente. Veja em bit.ly/quoc11

Como se diz em Ciência Política, o voto é uma condição necessária mas não suficiente para que um sistema político seja democrático. A história traz exemplos de países com eleições, mas em que as restrições são tão fortes que não se pode considerá-los realmente democráticos. Muitas ditaduras buscam se legitimar assim. Em 2002, Saddam Hussein foi reeleito presidente do Iraque com 100% dos votos, mas a oposição era ferozmente perseguida e nenhum candidato de oposição se apresentou. Ainda assim, o governo de então exibiu o resultado como “uma manifestação única de democracia”, o que é falso: democracia exige a possibilidade de participação e decisão.

Para falar do voto nos países democráticos, começar pelo caso brasileiro é uma boa opção. A turma deve estar mais familiarizada com nossa regra – simples – de eleição direta com um ou dois turnos, em que o mais votado sempre ganha no Executivo. E no Legislativo, com a norma – complicada – do **quociente eleitoral**, que determina a distribuição de vagas numa conta que inclui os votos nominais e em legendas de partido.

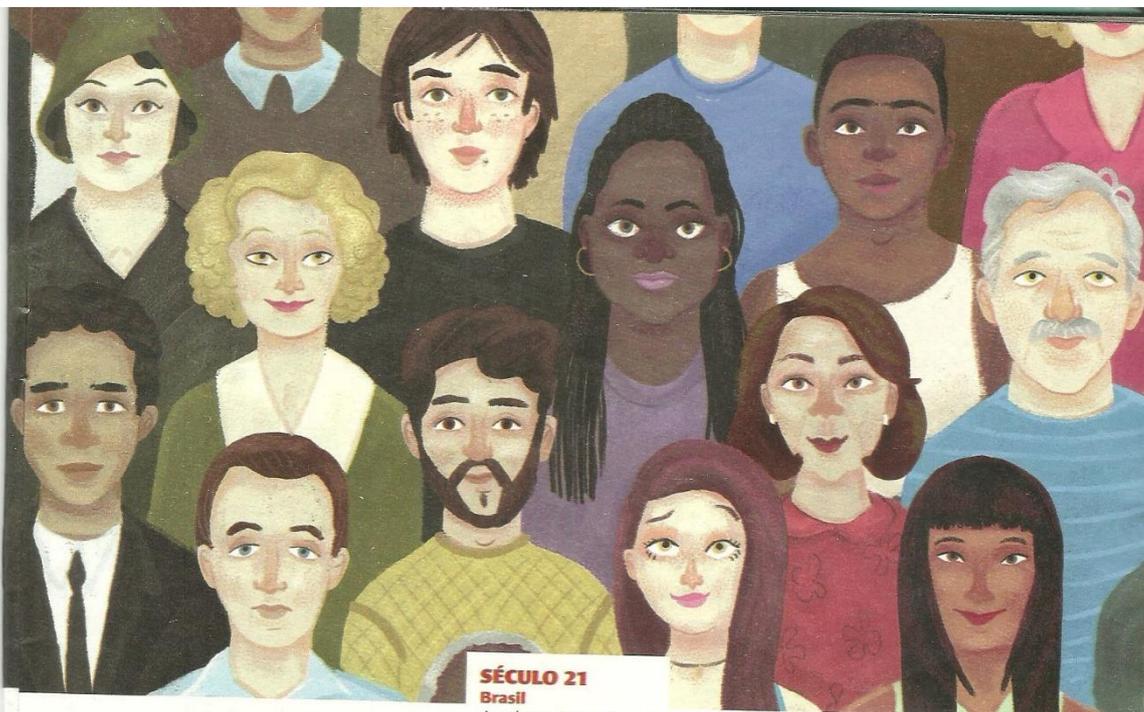
É diferente do que ocorre na democracia mais longeva, a dos Estados Unidos. Desde 1789, sem interrupção, o país elege pelo voto seu presidente.

Mas é uma eleição formalmente indireta, em que ganham força eleitores diferenciados chamados de delegados. Funciona assim: em cada estado, o cidadão comum vota em seu candidato. O vencedor estadual ganha todos os delegados a que o estado tem direito, mesmo que tenha batido o adversário por uma estreita margem. Esse sistema é conhecido como *the winner takes it all* (o vencedor leva tudo). Os delegados – que são, ao todo, 538 – compõem o chamado colégio eleitoral, órgão que finalmente nomeia o novo mandatário.

Uma das peculiaridades do sistema é que alguém que perdeu no voto direto pode ganhar a eleição. Aconteceu em 2000, quando o republicano George W. Bush bateu o democrata Al Gore. Bush tinha mais delegados no colégio eleitoral, mas ficou 500 mil votos atrás no somatório total.

Novos tempos, novas imperfeições

Já o caso inglês é um bom exemplo para falar de parlamentarismo. Os eleitores vão às urnas para escolher seu deputado (são, ao todo, 650), mas não elegeem diretamente o primeiro-ministro. O partido que obtém a maioria de deputados é convocado pela rainha a formar o governo. O primeiro-ministro será o líder do partido majoritário ou



SÉCULO 21

Brasil

A redemocratização trouxe consigo a volta das eleições diretas: em 1982 para governador e 1989 para presidente. Ao longo do tempo, surgiram mudanças, como a existência de um segundo turno em algumas eleições (1989) e a possibilidade de reeleição (1997).

de uma coalizão de partidos. Uma vez no cargo, o primeiro-ministro não tem um tempo definido de mandato. Conhecida como Dama de Ferro, Margaret Thatcher ocupou a cadeira por 11 anos, de 1979 a 1990. Mas é uma exceção. Na Inglaterra, como na maioria dos sistemas parlamentaristas, o premiê deixa o cargo quando seu partido perde a maioria na Câmara dos Comuns ou quando não consegue aprovar o orçamento ou uma lei importante – aconteceu recentemente com David Cameron, derrotado na proposta de manutenção do Reino Unido na União Europeia. Nesses episódios, a opção é a demissão ou a dissolução do parlamento. Cameron optou pela renúncia. Se tivesse tentado (e conseguido) dissolver o parlamento, ocorreriam novas eleições, outros deputados seriam eleitos e começaria tudo de novo.

Além de lançar luz nas forças e limites do sistema democrático, a comparação do voto em diferentes países apresenta a democracia como processo histórico, dinâmico e sujeito a mudanças. Gancho para falar, no caso brasileiro, da nova lei eleitoral, que estreia nas eleições deste ano (veja quadro ao lado). É o sistema democrático se aperfeiçoando e, ao mesmo tempo, aprendendo a lidar com novas fragilidades. ■

NÃO VALE TUDO

Novas regras pautam as eleições de 2016

FINANCIAMENTO

Quem financia os candidatos tem maior influência nas decisões tomadas pelos eleitos. Para diminuir o poder de empresas, a partir de 2016, apenas pessoas físicas poderão fazer doações. Parece uma boa medida, mas tem problemas. Saem na frente os candidatos que podem pagar pela própria campanha.

DEBATES

Apenas partidos que possuem mais de nove deputados na câmara têm direito a participar. Ficam de fora os partidos menores, a menos que os organizadores dos debates decidam convidar seus candidatos.

REDES SOCIAIS

A campanha nas redes sociais estará liberada, mas é proibido contratar direta ou indiretamente pessoas para publicar mensagens ofensivas contra adversários.

ANEXO XVI: Artigo 8 – Vergonha continental: O debate sobre a escravidão nos países da América Latina deve ganhar espaço com a aprovação da nova Base Nacional Comum. Prepare-se. (Texto: Karina Padial; Design: Lucas Magalhães; Edição: Wellington Soares).

SALA DE AULA

História

Vergonha continental

O debate sobre a escravidão nos países da América Latina deve ganhar espaço com a aprovação da nova Base Nacional Comum. Prepare-se

Texto KARINA PADIAL ■ Design LUCAS MAGALHÃES ■ Edição WELLINGTON SOARES

“Estes lugares são tão quentes que mesmo na metade do inverno sentimos um calor do céu. Os escravos negros somam 1,4 mil na cidade e ficam quase pelados. Em relação aos estrangeiros, nenhuma outra cidade da América, como dizem, tem tanto quanto esta. É uma oferta de quase todas as nações, que estão dispostas a negociar. Há prata e ouro. Mas a mercadoria mais em uso é a dos escravos negros. Os comerciantes os compram por preços miseráveis nas costas da Angola e da Guiné. De lá, eles são trazidos em navios bem carregados a este porto, onde fazem as primeiras vendas com incrível lucro.”

O relato de 1618, feito pelo jesuíta Carlos de Orta, poderia muito bem se referir às cidades de Salvador ou do Rio de Janeiro. Mas, nessa correspondência enviada a seu pai, ele descreve Cartagena das Índias, localizada no vice-reino de Nova Granada, onde hoje fica a Colômbia. A cidade era, na época, o principal porto de entrada dos negros escravizados da América (veja mapa à direita).

Apesar da sua importância, a cidade é raramente mencionada em livros didáticos. Mas isso deve

ÁREA DE DESEMBARQUE

Como era a vida dos escravizados de Cartagena



DEFESA

Dos negros que ficavam na cidade, boa parte era encaminhada para trabalhar na construção de obras públicas. Apenas entre 1743 e 1799 foram levantadas 14 obras militares, a maioria fortificações que visavam proteger o porto de invasões

CONTROLE

Assim que chegavam em terra firme, os escravos eram recontados, pesados e avaliados. O valor de venda dependia da etnia, idade, resistência física e do sexo. O preço caía se tivessem algum “defeito” ou se fossem menores de idade





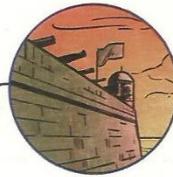
DEPÓSITO

As *negrerías* abrigavam os africanos enquanto não eram vendidos. Por lá, eles recebiam comida para recuperar o peso perdido e tratamento contra as doenças contraídas na travessia. Existiam cerca de 24 espaços desses, sempre perto da zona de desembarque



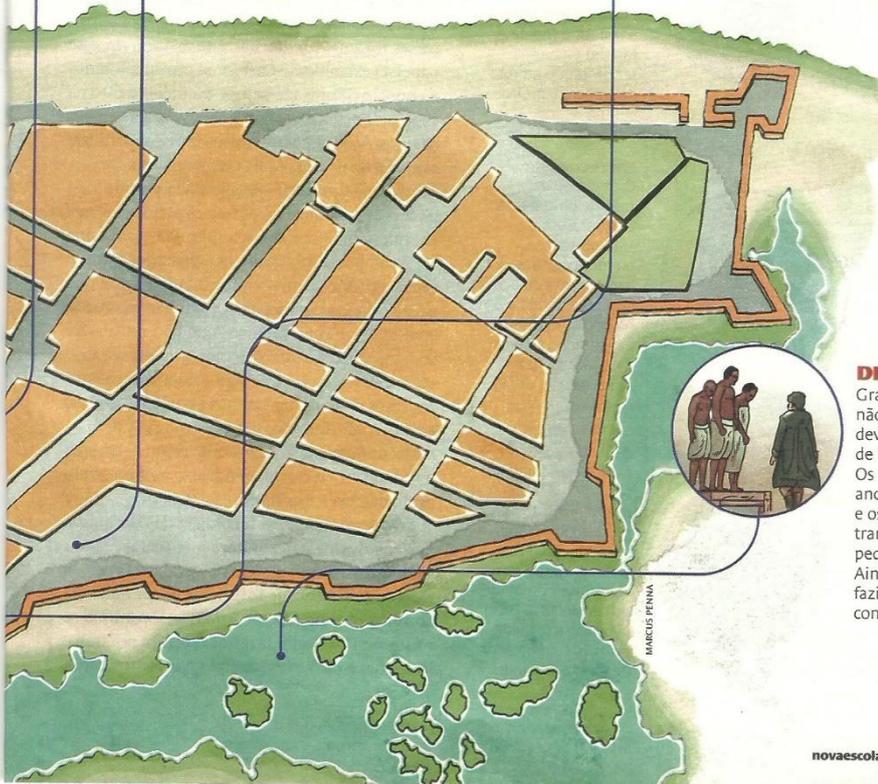
COMÉRCIO

Por sua condição portuária, a cidade transformou-se em grande prestadora de serviços. Uma parcela significativa dos negros, em especial as mulheres, trabalhava como "ganhadeiro", vendendo mercadorias na rua para levar o lucro ao seu senhor



MERCADO

Na Plaza de la Aduana ficava a Casa Real, responsável por legalizar as mercadorias que entravam no porto. O local dividia com a Plaza de los Cochés o posto de principal centro de compra e venda de escravos



DESEMBARQUE

Grandes embarcações não entravam na baía devido às condições de navegabilidade. Os navios negreiros ancoravam no oceano e os africanos eram transferidos para pequenos barcos. Ainda em alto-mar, se fazia uma primeira contagem dos escravos

MARCUS PENNA

SALA DE AULA

DUAS REALIDADES

A escravidão ao lado e aqui

AMÉRICA
ESPANHOLA**Rota inicial**

É a primeira a receber escravos negros. Já nos anos iniciais da colonização, entre 1501 e 1525, mais de 12 mil africanos, saídos dos territórios do que hoje corresponde a Senegal e Guiné, foram enviados à região.

**Na cidade**

A escravidão se concentra nas capitais, tornando-se predominantemente urbana. Na agricultura, os negros são usados em cultivos específicos como na produção de uva, em Lima, no Peru, e cacau em Guaiaquil, na Venezuela.

**Prata vermelha**

Forçados ao trabalho, são os indígenas que atuam na extração da prata. Além de dominarem as técnicas de mineração, eram resistentes às altas altitudes das minas, que concentravam na região do Alto Peru, atual Bolívia.

AMÉRICA
PORTUGUESA**Destino tardio**

A escravidão se inicia no Brasil no período de 1551 a 1575, quando 2.461 negros aportaram em Pernambuco. Somente em 1601 Salvador e Rio de Janeiro passam a ter destaque na rota do tráfico negreiro.

Em todo lugar

O emprego da mão de obra negra é generalizado. Está presente na monocultura exportadora de açúcar, tabaco, algodão e arroz, na pecuária extensiva, na extração de ouro e nas atividades domésticas e urbanas.

Ouro negro

Iniciada no final do século 17, a mineração internalizou a escravidão, levando-a para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Na primeira metade do século 18, o Brasil já tinha se tornado o principal exportador de ouro do mundo.

mudar num futuro próximo. A tradição de destacar apenas as relações entre Brasil e Europa nas aulas de História tem sido substituída por uma visão mais ampla, que aumenta a ênfase dada tanto aos outros países da América Latina quanto à África. É o que têm apontado as diferentes versões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cujo texto final deve ser aprovado ainda neste ano.

Diferentes metrópoles e escravidões

A ausência de menções ao trabalho escravo no restante da América Ibérica reforça um senso comum de que, enquanto a escravidão negra no Brasil foi a base da economia colonial, nos outros países foram os indígenas que assumiram esse papel. O exemplo de Cartagena prova que, tanto na porção colonizada pelos espanhóis quanto na explorada pelos portugueses, houve uso de ambos os tipos. Ainda que nos nossos vizinhos a utilização de mão de obra nativa tenha sido maior.

Parte da diferença é explicada porque logo de cara os espanhóis encontraram populações que já exploravam um minério muito cobiçado: a prata. Para obtê-la foi preciso conquistar os povos e seus territórios. Uma tarefa nada fácil, mas que veio a calhar. Os países ibéricos tinham acordado com a Igreja que os nativos que não resistissem seriam evangelizados. Aos outros, a escravização estava liberada. Os que não foram mortos nos conflitos ou por doenças trazidas pelos europeus foram, então, forçados a trabalhar na extração da prata, por meio de modalidades como a servidão por dívidas (a escravidão indígena acabou sendo proibida pela Espanha em 1542).

Só que com quase a totalidade dos conquistados envolvidos na exploração de metais, faltou gente para assumir as demais atividades. O uso da mão de obra africana foi a saída encontrada. "O emprego dos negros na América Espanhola se concentrou nas capitais, onde atuaram nos trabalhos domésticos, no comércio, na construção e,

ILUSTRAÇÕES MARCUS PERINA

eventualmente, na agricultura. Ou seja, foi um contingente importante, mas complementar ao dos ameríndios”, explica Rafael Marquese, professor de História da América Colonial na Universidade de São Paulo (USP) e autor de *Feitores do Corpo, Missionários da Mente – Senhores, Letrados e o Controle dos Escravos na América*. Era o caso de Cartagena. Ali, parte dos negros era usada para atividades ligadas ao cotidiano da cidade. Outra parte era enviada para outras regiões da colônia, como Alto Peru, Guayaquil, Quito e Panamá.

O menor uso de africanos nos nossos vizinhos também tem relação com o fato de a Espanha não realizar o tráfico de escravos. A atividade era dominada pelos portugueses e isso encarecia a compra por parte das colônias espanholas.

Por volta de 1625, Cartagena deixa de ser a principal entrada de escravos negros das Américas, sendo substituída por Salvador e, depois, pelo Rio de Janeiro. Oitenta anos mais tarde também perde o lugar entre as colônias espanholas, superada por Cuba, que, em poucos anos, se tornaria o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo.

O trabalho em sala de aula pode se debruçar sobre essas questões. A ideia é lançar um olhar mais diverso sobre o continente em que o Brasil se localiza e observar semelhanças e diferenças entre nossa história e a de nossos vizinhos.

Em Cartagena, como aqui, a escravidão deixou marcas. A cidade está entre as com maior concentração de afrocolombianos do país, assim como Salvador, no Brasil. Outra relação com o presente pode ser feita ao discutir aspectos culturais: por aqui, samba, por lá, *champeta*; por aqui, baianas do acarajé, por lá, *palenqueiras* de frutas: “Quando os negros chegam às colônias da América, suas diferentes culturas e tradições são ressignificadas. Por isso, a influência é distinta em cada lugar”, explica Ynaê dos Santos, historiadora da FGV que estudou a relação entre espaço urbano e escravidão no Novo Mundo em seu doutorado. ■

Para saber mais

O site slavevoyages.org reúne dados com base em registros portuários e mostra a origem, o destino e a quantidade exata de escravos africanos que cruzaram o Atlântico.

SOUZA



Prêmio Melhores Marcas

Eleita pelo oitavo ano consecutivo como a melhor marca na categoria Telas para Pinturas, e pelo terceiro ano consecutivo levou o prêmio Lousa Escolar.

ARTE & CULTURA



www.souza.com.br - [souza.cia](https://www.facebook.com/souza.cia)